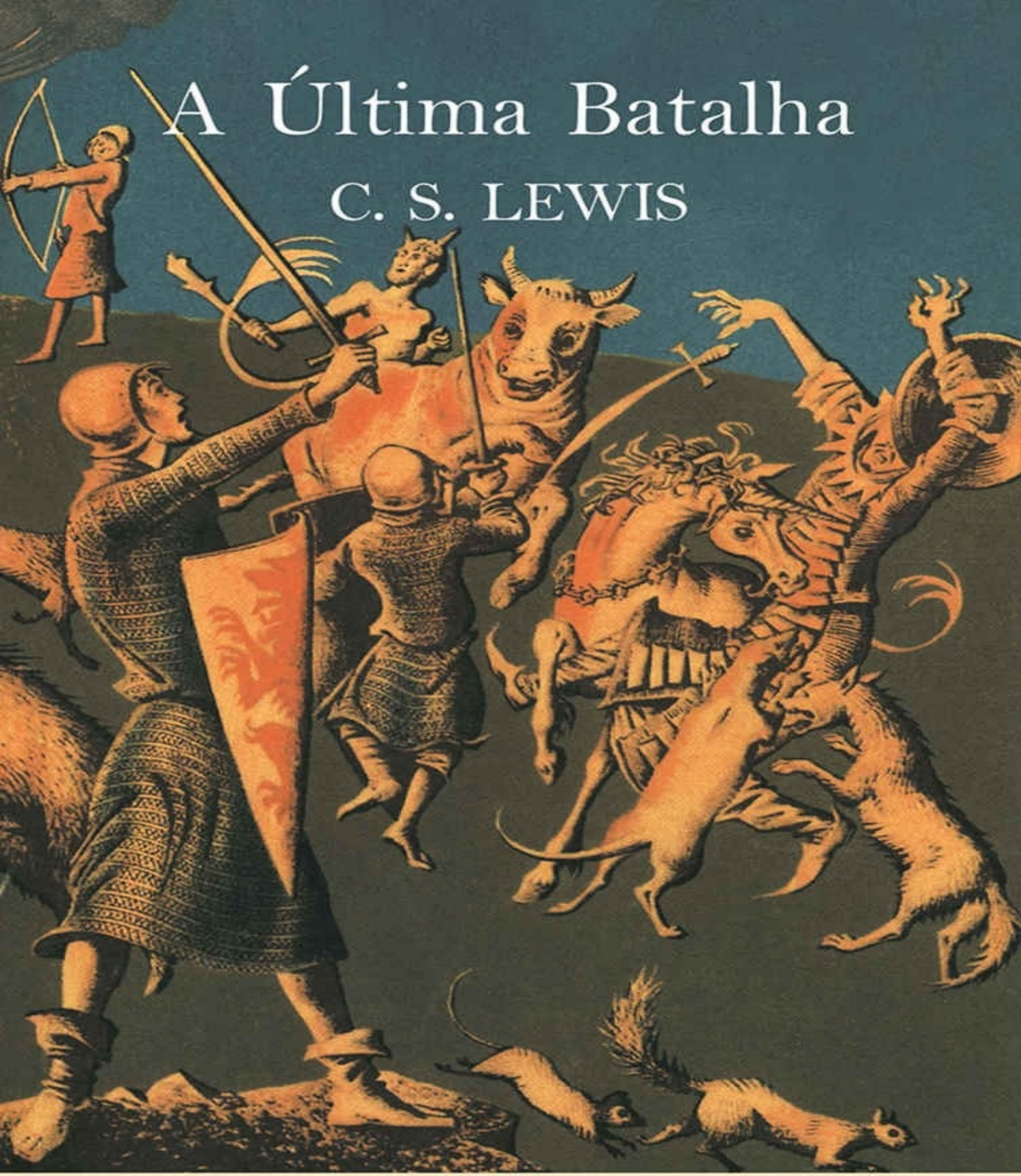
A Última Batalha

C. S. LEWIS



As Crônicas *de* Nárnia

C. S. LEWIS

A ÚLTIMA BATALHA

ILUSTRAÇÕES
DE PAULINE BAYNES



wmf martinsfontes
SÃO PAULO 2015

A vida do autor

Nasceu em Belfast, Irlanda. Por mais de trinta anos, foi membro e professor do Magdalen College, em Oxford. Conservou esse posto até tornar-se professor de Literatura Medieval e Renascentista, na Universidade de Cambridge. Seus dois primeiros livros foram de poesia e publicados sob o pseudônimo de Clive Hamilton. Mais tarde, publicou vários livros, principalmente relacionados com assuntos literários e teológicos. Para a literatura infantil, C. S. Lewis escreveu, em sete volumes, a história sobre a terra mágica de Nárnia, que começou com *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (*O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*). A medalha de Carnegie, para o melhor livro infantil, foi conferida a Lewis pela obra *The Last Battle*, mas era, obviamente, uma homenagem a toda a série Nárnia.

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA:

1. *O sobrinho do mago*
2. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*
3. *O cavalo e seu menino*
4. *Príncipe Caspian*
5. *A viagem do Peregrino da Alvorada*
6. *A cadeira de prata*
7. *A última batalha*

ÍNDICE

I. No Lago do Caldeirão
II. A precipitação do rei
III. Sua Majestade, o macaco
IV. O que aconteceu naquela noite
V. Chega auxílio para o rei
VI. Um bom trabalho noturno
VII. Vivam os anões!
VIII. As novas que a águia trouxe
IX. A grande reunião na Colina do Estábulo
X. Quem entrará no estábulo?
XI. Acelera-se o passo
XII. Pela porta do estábulo
XIII. Os anões não se deixam tapear
XIV. Cai a noite sobre Nárnia
XV. Para cima e avante!
XVI. Adeus às Terras Sombrias



CAPÍTULO UM

NO LAGO DO CALDEIRÃO



Nos últimos dias de Nárnia, lá para as bandas do Ocidente, depois do Ermo do Lampião e bem pertinho da grande cachoeira, vivia um macaco. Ele era tão velho que ninguém se lembrava quando foi que aparecera por aquelas bandas. E era o macaco mais enrugado, feio e astuto que se pode imaginar. Ele morava numa casinha de madeira coberta de folhas, empoleirada num dos galhos mais altos de uma grande árvore. Seu nome era Manhoso.

Naquele recanto da floresta havia bem poucos animais falantes, homens, anões ou qualquer tipo de gente. Apesar disso, Manhoso tinha um vizinho, que era também seu amigo, um jumento chamado Confuso. Pelo menos eles se diziam amigos. Na verdade, porém, Confuso era mais um empregado que amigo de Manhoso. Era ele quem fazia todo o serviço. Quando iam juntos para o rio, Manhoso enchia os alforjes de água, mas quem os carregava até em casa era Confuso. Quando precisavam de alguma coisa das cidades, que ficavam bem longe, rio abaixo, era Confuso quem descia com os paneiros vazios às costas e voltava depois com eles, pesados de tão cheios. E tudo que ele trazia de melhor e mais gostoso quem comia era Manhoso, pois, como este costumava dizer: “Você bem sabe, Confuso, que eu não posso comer capim e forragem como você. Por isso é claro que eu preciso compensar de outras formas…” E o jumento respondia: “Claro, Manhoso, claro. Eu sei disso.” Confuso nunca reclamava, pois sabia que Manhoso era muito mais sabido que ele, e até achava que, afinal de contas, era muito gentil da parte dele ser seu amigo. E se, por acaso, Confuso tentava discutir com ele sobre alguma coisa, Manhoso sempre dizia: “Ora, vamos, Confuso, eu sei muito melhor do que você o que precisa ser feito. Você sabe muito bem que não é nada inteligente, não é mesmo?” E Confuso

concordava: “É verdade, Manhoso. Você tem toda a razão. Eu não sou sabido mesmo.” E acabavam fazendo sempre o que Manhoso queria.

Uma manhã, no comecinho do ano, os dois andavam passeando à margem do Lago do Caldeirão. O Lago do Caldeirão é o grande lago que fica logo abaixo dos penhascos na extremidade oeste de Nárnia. A enorme cachoeira precipita-se dentro dele com estrondo, como se fosse um eterno trovão, e o rio de Nárnia brota pelo outro lado. Por causa da cascata as águas do lago estão sempre dançando, agitadas, borbulhando e fazendo círculos como se estivessem continuamente fervendo. Por isso é que se chama Lago do Caldeirão. É no comecinho da primavera que ele fica mais agitado, porque as águas da cachoeira crescem muito mais com a neve que derrete nas montanhas do lado de lá de Nárnia, na floresta ocidental, onde nasce o rio.

Eles estavam olhando para o Lago do Caldeirão quando, de repente, Manhoso apontou com seu dedo escuro e fininho, dizendo:

– Olhe! O que é aquilo?

– Aquilo o quê? – perguntou Confuso.

– Aquela coisa amarela que vem descendo pela cachoeira. Olhe! Lá está ela de novo, flutuando na água. Precisamos descobrir o que é aquilo!

– Precisamos…? – disse Confuso.

– É claro que sim – respondeu Manhoso. – Pode ser alguma coisa útil. Vamos, seja camarada. Pule no lago e pegue aquilo lá, para a gente dar uma olhada.

– Saltar no lago? – resmungou Confuso, repuxando as orelhas compridas.

– Bem… Como é que vamos pegá-lo se você não pular? – disse o macaco.

– Mas… Mas… Não seria melhor que *você* entrasse no lago? Afinal de contas, quem quer saber o que é aquilo é *você*, e não eu… E você tem mãos, não é mesmo? Quando se trata de pegar alguma coisa, você é tão bom quanto qualquer homem ou anão. Eu só tenho cascos…

– Puxa, Confuso! – exclamou Manhoso. – Nunca pensei ouvir uma coisa dessas. Nunca esperei isso de você!

– Por quê? O que foi que eu disse de errado? – indagou o jumento, numa vozinha muito humilde, pois percebera que o amigo estava muito ofendido. – Eu só quis dizer…

– Querendo que *eu* entre na água… – queixou-se o macaco. – Como se não soubesse perfeitamente quanto são fracos os pulmões dos macacos e quão facilmente eles se resfriam. Tudo bem, eu vou. Já estou mesmo tremendo de frio por causa deste vento terrível. Mas vou assim mesmo. Pode até ser que eu morra. E aí você vai se arrepender! (E aqui a voz de Manhoso soou como se ele

estivesse prestes a chorar.)

– Não, por favor, não vá! Por favor, não! – disse Confuso, meio zurrando, meio falando. – Eu não quis dizer isso, Manhoso, juro! Você bem sabe o quanto sou idiota e que não consigo pensar em duas coisas ao mesmo tempo. Eu esqueci que você tem o peito fraco. É claro que eu vou. Nem pense mais nisso. Prometa que não vai, Manhoso!

Então o macaco prometeu, e Confuso saiu trotando em volta da margem rochosa do lago, procurando um lugar de onde pudesse pular. Não era brincadeira saltar dentro daquela água agitada e espumejante – e isso para não falar do frio! Confuso ficou um tempão parado, tremendo, tentando criar coragem.

Mas aí Manhoso gritou lá de trás:

– Talvez seja melhor *eu* ir, Confuso!

Ao ouvir isso, o jumento apressou-se:

– Não, não! Você prometeu! Já estou indo! – E pulou.

Um monte de espuma espirrou-lhe na cara, enchendo-lhe a boca de água e cegando-lhe os olhos. Durante alguns minutos ficou submerso, e quando voltou à tona encontrava-se num ponto totalmente diferente do lago. Então o redemoinho o pegou, e foi rodopiando cada vez mais rápido, carregando-o para mais e mais longe, até deixá-lo exatamente debaixo da queda-d'água. E a força da água arrastava-o cada vez mais para o fundo, de tal forma que ele pensou que não conseguiria reter o fôlego… Até que começou a subir novamente. Quando voltou à superfície e afinal conseguiu chegar perto da coisa que estava tentando alcançar, esta saiu boiando para longe dele e foi cair bem embaixo da queda-d'água, que a fez afundar também. Quando a coisa voltou à tona, estava muito mais longe do que nunca. Finalmente, quando já estava quase morto de cansaço, todo doído e dormente de frio, conseguiu agarrá-la com os dentes. E lá veio ele pelo lago, carregando à frente aquela coisa enroscada nas patas dianteiras, pois era um pelego enorme, muito pesado, frio e cheio de lodo.

Confuso atirou a coisa aos pés de Manhoso e ali ficou, todo encharcado, tiritando de frio e tentando recuperar o fôlego. O macaco, porém, nem sequer olhou para ele ou perguntou como se sentia. Manhoso estava muito ocupado dando voltas e mais voltas ao redor da coisa. Esticava, alisava, cheirava… E de repente seus olhos brilharam com um sorriso malicioso e ele exclamou:

– É uma pele de leão!

– Eh… ha… ha… é… mesmo? – ofegou Confuso.

– Eu só queria saber… o que será… será que… – dizia Manhoso consigo mesmo, pensando profundamente.

– Quem será que matou o pobre do leão? – perguntou Confuso depois de alguns instantes. – Ele precisa ser enterrado. Vamos fazer um funeral.

– Ora, não era um leão falante – replicou Manhoso. – Nem precisa se preocupar com isso. Não existem mais animais falantes do lado de lá das cascatas, para as bandas da floresta ocidental. Esta pele deve ter pertencido a um leão mudo e selvagem.

A propósito, era isso mesmo. Um caçador matara o leão e arrancara-lhe a pele em alguma parte da floresta ocidental, já havia vários meses. Isso, porém, nada tem a ver com a nossa história.

– Tanto faz, Manhoso – disse Confuso. – Mesmo que seja a pele de um leão mudo e selvagem, por que não devemos dar-lhe um funeral decente? Quer dizer, quando a gente conhece Ele, todos os leões são dignos de respeito, você não acha?

– Não comece a meter minhocas na cabeça, Confuso – retrucou Manhoso. – Você bem sabe que pensar não é o seu ponto forte. Vamos pegar esta pele e fazer uma capa bem quentinha para você usar no inverno.

– Ah, não! Nem pense nisso! – objetou o jumento. – Ia parecer… quer dizer, os outros animais poderiam pensar… isto é, eu não iria sentir-me…

– Do que você está falando? – interrompeu Manhoso, coçando-se como costumam fazer os macacos.

– Eu acho que seria uma falta de respeito para com o Grande Leão, para com o próprio Aslam, se um asno como eu andasse por aí metido numa pele de leão – explicou Confuso.

– Não me venha agora com argumentos, por favor – disse Manhoso. – O que é que um burro como você entende dessas coisas? Você bem sabe que não é um bom pensador, Confuso. Por que não me deixa pensar por você? Por que não me trata como eu o trato? Eu não acho que sou capaz de fazer tudo. Sei que há certas coisas que você faz muito melhor do que eu. É por isso que o deixei entrar no lago: sabia que você faria isso melhor do que eu. Mas por que *eu* não posso ter uma chance quando se trata de fazer algo que posso fazer e você não? Por que será que nunca posso fazer nada? Seja justo e me dê uma chance, vá…

– Está bem… se é assim que você pensa…

– Sabe de uma coisa? – disse Manhoso. – Por que você não dá um pulinho até Cavacópolis para ver se encontra algumas laranjas e bananas para nós?

– Mas, Manhoso, estou tão cansado! – implorou Confuso.

– Isso é verdade. Mas também está molhado e com muito frio – disse o macaco. – Você precisa de alguma coisa que o aqueça, e uma corridinha vem bem a calhar. Além do mais, hoje é dia de feira em Cavacópolis.

Nem é preciso dizer que Confuso acabou concordando. Assim que se viu sozinho, Manhoso saiu gingando, ora sobre duas patas, ora sobre as quatro, até chegar à árvore onde morava.

Então começou a pular de galho em galho, tagarelando e arreganhando os dentes o tempo todo, e finalmente entrou na casinha. Lá dentro pegou agulha, linha e uma enorme tesoura (inteligente como era, havia aprendido a costurar com os anões). Enfiou o novelo de linha na boca (era uma linha muito grossa, que mais parecia corda), de forma que as bochechas ficaram estufadas como se ele estivesse chupando um caramelo bem grandão. Com a agulha entre os beiços e segurando a tesoura com a mão esquerda, desceu da árvore e saiu bamboleando até a pele de leão. Então, acocorado, pôs-se a trabalhar.

Manhoso logo percebeu que o corpo da pele de leão era grande demais para Confuso e que o pescoço era muito curto. Portanto, cortou um bom pedaço do corpo e emendou-o na parte do pescoço, fazendo uma gola comprida como o pescoço do jumento. Depois arrancou a cabeça, costurando a gola entre esta e os ombros. Colocou umas tiras em ambos os lados da pele de leão, a fim de amarrá-las por baixo do peito e do ventre de Confuso. De vez em quando um passarinho passava voando e Manhoso parava de trabalhar, olhando ansiosamente para cima; não queria que ninguém visse o que estava fazendo. Mas como nenhum dos passarinhos que viu era uma ave falante, não havia com que se preocupar.

Quando Confuso voltou já era bem tarde. Ele não vinha trotando, mas caminhando lentamente, como fazem os jumentos.

– Não achei laranja nenhuma e banana também não. Estou é morto de cansado! – disse, atirando-se ao chão.

– Venha cá. Experimente a sua linda capa nova, de pele de leão – chamou o macaco.

– Essa pele velha que se dane! – disse Confuso. – Amanhã eu experimento. Hoje estou cansado demais.

– Puxa, Confuso, como você é indelicado! – reclamou Manhoso. – Se *você* está cansado, imagine *eu*! Fiquei o dia inteiro aqui dando duro para lhe fazer uma capa, enquanto você trotava tranquilamente pelo vale. Minhas mãos estão tão cansadas que mal consigo segurar a tesoura. E agora você nem me diz obrigado… E nem sequer olha para a capa… Nem dá bola…

– Manhoso, meu querido – disse Confuso, erguendo-se de um salto. – Sinto muito. Como fui estúpido! É claro que eu adoraria experimentar a capa. Como é bonita! Vou prová-la agora mesmo. Coloque-a em mim, por favor!

– Bem, então fique quieto – disse o macaco. A pele era muito pesada para Manhoso erguê-la sozinho. Mas até que enfim, depois de muito puxar, empurrar,

soprar, bufar, conseguiu colocá-la no jumento. Amarrou-a por baixo do corpo de Confuso e atou as pernas e o rabo da pele nas pernas e no rabo do jumento. Por dentro da boca aberta da cabeça de leão ainda dava para ver uma boa parte do focinho e da cara cinzenta de Confuso. Quem já tivesse visto um leão de verdade jamais se enganaria ao vê-lo. Mas alguém que nunca vira um leão antes, ao ver Confuso metido naquela pele, poderia muito bem tomá-lo por um leão, desde que ele não se aproximasse muito e que a luz não fosse muito boa, e, é claro, desde que ele não soltasse um zurro nem fizesse nenhum barulho com os cascos.

– Confuso, você está maravilhoso! Ma-ra-vi-lho-so! – disse o macaco. – Se alguém o visse agora pensaria que você é o próprio Aslam, o Grande Leão!

– Oh, não! Isto seria terrível!

– Nem tanto – disse Manhoso. – Todo mundo iria fazer qualquer coisa que você mandasse.

– Mas não quero mandar ninguém fazer nada!

– Imagine só quanta coisa boa a gente poderia fazer – disse Manhoso. – Eu seria o seu conselheiro, é claro. Bolaria umas ordens bem sensatas para você dar. E todo mundo obedeceria a nós – inclusive o próprio rei. Aí a gente ia dar um jeito em Nárnia, botar tudo nos eixos.

– Mas já não está tudo nos eixos? – estranhou Confuso.

– Que nada! – respondeu Manhoso. – Tudo nos eixos? Quando nem laranja ou banana se encontra?

– Bem, você sabe… nem todos… aliás, acho que ninguém mais além de você gosta dessas coisas.

– E açúcar? – insinuou Manhoso.

– Hmmm! Até que seria bom se houvesse mais açúcar…

– Então, está combinado – disse o macaco. – Você vai fazer de conta que é Aslam, e eu lhe digo o que dizer.

– Não, não, não! – protestou Confuso. – Pare com essa história horrível, Manhoso. Vai sair tudo errado. Posso não ser muito inteligente, mas isso eu sei muito bem. O que seria de nós se o verdadeiro Aslam aparecesse?

– Acho que ele ia ficar muito satisfeito – respondeu Manhoso. – Quem sabe até foi ele quem nos enviou de propósito a pele de leão, a fim de que déssemos um jeito em Nárnia? E depois, ele nunca aparece mesmo, você bem sabe. Pelo menos, não hoje em dia.

Naquele momento um enorme trovão ribombou bem acima da cabeça deles e um ligeiro terremoto fez tremer o chão. Os dois animais perderam o equilíbrio e se estatelaram de cara no chão.

– Viu?! – gaguejou Confuso, assim que recuperou o fôlego. – É um sinal, um aviso. Eu sabia que a gente estava fazendo uma coisa terrivelmente perigosa. Tire logo de uma vez essa pele ordinária de cima de mim.

– Não, não – disse o macaco, cuja cabeça trabalhava muito depressa. – É um outro tipo de sinal. Eu ia justamente dizer que se o verdadeiro Aslam, como você o chama, quisesse que levássemos esta ideia avante, mandaria uma trovoada e um tremor de terra. Já estava na pontinha da língua, só que o sinal veio antes que as palavras saíssem da minha boca. Agora você *tem* de fazer. E, por favor, não vamos mais discutir. Você bem sabe que não entende muito dessas coisas. O que é que um burro como você entende de sinais?

CAPÍTULO DOIS

A PRECIPITAÇÃO DO REI



Umas três semanas mais tarde, o último rei de Nárnia estava sentado debaixo de um grande carvalho que crescia à entrada do seu alojamento de caça, onde ele costumava passar uns dez dias durante a primavera. O alojamento era uma construção baixa, coberta de sapé, não muito distante do lado oriental do Ermo do Lampião e um pouco acima do encontro dos dois rios. O rei adorava aquela vida tranquila e relaxada, longe das preocupações e das pompas de Cair Paravel, a cidade real. Chamava-se Tirian e tinha entre vinte e vinte e cinco anos. Seus ombros eram largos e fortes e os membros rijos e musculosos, mas a barba era ainda bem rala. Tinha olhos azuis e uma expressão honesta e corajosa.

Não havia ninguém com ele naquela manhã de primavera, exceto seu amigo mais íntimo, o unicórnio Precioso. Os dois amavam-se como irmãos e, em guerras anteriores, ambos já haviam salvo a vida um do outro. O nobre animal estava bem pertinho do rei e, com o pescoço encurvado, ocupava-se em lustrar o belo corno azul, esfregando-o contra a brancura cremosa do próprio flanco.

– Hoje não tenho a mínima disposição para trabalhar ou praticar esporte, Precioso – disse o rei. – Não consigo pensar em outra coisa a não ser nessa maravilhosa notícia. Você acha que ainda hoje ouviremos algo mais sobre isso?

– São as novas mais maravilhosas que já ouvimos em nossos dias, ou mesmo nos dias dos nossos pais e dos nossos avós, senhor – respondeu Precioso. – Se é que são verdadeiras.

– E como poderiam não ser verdadeiras? Já faz mais de uma semana que os primeiros passarinhos chegaram voando e nos disseram que Aslam está aqui, que Aslam está de volta a Nárnia. Depois disso foram os esquilos. Não o avistaram, mas disseram que era certo que ele estava na floresta. E aí chegou o cervo e

disse que o vira com seus próprios olhos, bem de longe, ao luar, no Ermo do Lampião. Depois veio aquele moreno barbudo, o mercador da Calormânia. Os calormanos não ligam muito para Aslam como nós, mas a maneira como o homem falou não deixa dúvida alguma. E na noite passada foi o texugo, que também viu Aslam.

– De fato, senhor – disse Precioso –, eu acredito. Se parece que não acredito é porque a minha alegria é tão grande que não consigo acreditar em mim mesmo. É quase bonito demais para ser verdade.

– Pois é – disse o rei com um grande suspiro, quase um estremecimento de prazer. – É muito além do que eu poderia imaginar em toda a minha vida.

– Ouça! – exclamou Precioso, voltando a cabeça para um lado e empinando as orelhas.

– O que é isso? – perguntou o rei.

– Cascos, senhor – respondeu Precioso. – Um cavalo a galope. Deve ser um dos centauros. Veja, lá está ele.

Um grande centauro de barbas douradas, com suor de homem na testa e suor de cavalo nos flancos, precipitou-se em direção ao rei, parou e inclinou-se numa reverência. “Salve, Majestade!”, exclamou, numa voz profunda como a de um touro.

– Ei, vocês! – disse o rei, olhando por cima dos ombros na direção da porta do alojamento de caça. – Uma taça de vinho aqui para o nobre centauro. Bem-vindo, Passofirme. Recupere o fôlego primeiro e depois transmita-nos a sua mensagem.

Um pajem saiu da casa trazendo uma grande taça de madeira curiosamente entalhada e entregou-a ao centauro. Este ergueu a taça, dizendo:

– Bebo a Aslam e à verdade em primeiro lugar, senhor, e depois à saúde de Vossa Majestade!

Bebeu o vinho de um trago (a quantidade era suficiente para seis homens fortes), devolvendo ao pajem a taça vazia.

– E agora, Passofirme – disse o rei. – Será que nos traz alguma notícia de Aslam?

O centauro fitou-o muito sério, franzindo um pouco as sobrancelhas.

– Senhor – disse ele –, bem sabeis há quanto tempo venho estudando as estrelas, pois nós, os centauros, vivemos mais do que vós, homens, e ainda mais do que vós, unicórnios. Jamais, em toda a minha vida, vi coisas tão terríveis escritas nos céus quanto as que vêm aparecendo a cada noite, desde o início deste ano. As estrelas nada dizem sobre a vinda de Aslam, nem sobre paz ou alegria. Pelos meus conhecimentos, sei bem que, nestes quinhentos anos, jamais

ocorreu tão desastrosa conjunção de planetas. Já estava pensando em vir prevenir Vossa Majestade de que algum grande mal está por abater-se sobre Nárnia. Mas na noite passada ouvi rumores de que Aslam encontra-se em Nárnia. Senhor, não acrediteis nessa história. Não pode ser. As estrelas nunca mentem, mas os homens e os animais, sim. Se Aslam estivesse realmente vindo para Nárnia, os céus o teriam predito. Se ele estivesse mesmo por vir, todas as estrelas mais formosas estariam reunidas em sua homenagem. É tudo mentira!

– Mentira! – explodiu o rei. – Que criatura, em Nárnia ou no mundo inteiro, ousaria inventar uma mentira dessas? – E, sem nem pensar no que estava fazendo, levou a mão à bainha da espada.

– Isso eu não sei, meu senhor – disse o centauro. – Só sei que na terra existem mentirosos; nenhum, porém, entre as estrelas.

– Eu me pergunto – interveio Precioso – se Aslam não poderia vir de qualquer forma, mesmo sem ter sido previsto pelas estrelas. Ele não é escravo das estrelas, mas, sim, o criador delas. Não é o que se diz em todas as narrativas antigas, que ele não é um leão domesticado?

– Isso mesmo, Precioso, isso mesmo! – exclamou o rei. – São exatamente estas as palavras: *ele não é um leão domesticado.* Isso aparece em inúmeras histórias.

Passofirme ergueu a mão e ia fazendo uma reverência para dizer ao rei algo muito grave, quando de repente os três se voltaram, pois acabavam de ouvir um som de lamentação que se aproximava cada vez mais rápido. Do lado direito de onde eles estavam, a mata era tão espessa que ainda não dava para enxergar quem vinha vindo. Logo, porém, distinguiram as palavras.

– Ai, ai, ai! – gemia a voz. – Ai de meus irmãos e minhas irmãs! Ai das árvores sagradas! As matas estão arrasadas. O machado voltou-se contra nós. Estamos sendo derrubadas. Árvores enormes estão caindo, caindo, caindo…

E, junto com o último “caindo”, apareceu o dono da voz. Parecia uma mulher, mas era tão alta que sua cabeça ficava no mesmo nível da do centauro. E ela própria parecia uma árvore. Para quem nunca viu uma dríade é difícil explicar. Mas quem já viu uma não se engana, pois há algo diferente nela, na cor, na voz, no cabelo… O rei Tirian logo percebeu que se tratava da ninfa de uma faia.

– Misericórdia, senhor rei! – chorava ela. – Venha em nosso auxílio! Proteja nosso povo! Estão nos derrubando no Ermo do Lampião. Quarenta árvores grandes dentre as minhas irmãs já estão por terra.

– O quê?! Derrubando o bosque do Lampião? Assassinando as árvores falantes?! – exclamou o rei, dando um salto e sacando a espada. – Como ousam? Quem se atreve a fazer isso? Pela Juba do Leão, vou…

– Ah-h-h! – ofegou a dríade, estremecendo como se sentisse dores. E de instante em instante estremecia novamente, como se estivesse recebendo golpes contínuos. Então, de súbito, caiu de lado, tão de repente como se alguém lhe tivesse arrancado de um golpe ambos os pés debaixo do corpo. Durante alguns segundos eles a viram ali, estirada na grama, morta; depois ela se desvaneceu. Sabiam o que havia acontecido: a árvore dela, a quilômetros de distância, tinha sido derrubada.

O rei ficou tão furioso que, por algum tempo, nem conseguiu falar. Por fim disse:

– Venham, meus amigos. Vamos subir o rio e descobrir quem são os vilões que estão fazendo isso, o mais depressa possível. Não deixaremos nem um deles vivo!

– Sim, senhor, com todo o prazer! – concordou Precioso.

Mas Passofirme retrucou:

– Senhor, cuidado com a vossa justa ira. Coisas muito estranhas andam acontecendo. Se existirem rebeldes armados lá para as bandas do Ermo do Lampião, nós três somos muito poucos para enfrentá-los. Caso vos dignásseis a esperar um pouco, enquanto…

– Não vou esperar nem um décimo de segundo! – interrompeu o rei. – Mas enquanto eu e Precioso seguimos, galope o mais rápido que puder até Cair Paravel. Tome aqui o meu anel como garantia. Arranje-me um batalhão de homens armados, todos bem montados, e também um batalhão de cães falantes, dez anões (todos eles excelentes arqueiros!), um leopardo ou coisa parecida e ainda o gigante Pé de Pedra. Leve todos eles ao nosso encontro o mais depressa possível.

– Com todo o prazer, senhor – disse Passofirme, voltando-se de uma vez para o Oriente. E disparou a galope na direção do vale.

O rei afastou-se a passos largos, ora falando sozinho, ora cerrando os punhos. Precioso seguia ao seu lado, sem dizer nada; entre os dois não se ouvia som algum, a não ser o leve tilintar de uma rica corrente de ouro que o unicórnio trazia ao pescoço e o barulho de dois pés e quatro patas.

Logo alcançaram o rio e começaram a subir por uma estrada coberta de grama. Agora tinham a água à sua esquerda e a floresta à direita. Pouco depois chegaram a um lugar onde o terreno era ainda mais irregular e uma mata espessa descia até a beira da água. A estrada – aliás, o que restava dela – seguia agora pela margem sul e eles tiveram de vadear o rio para alcançá-la. A água dava quase nos ombros de Tirian. Precioso, que por ter quatro pernas tinha muito mais estabilidade, colocou-se à sua direita a fim de quebrar a força da corrente. Com

seus braços fortes Tirian agarrou-se ao potente pescoço do unicórnio e assim os dois chegaram a salvo do outro lado. O rei ainda estava com tanta raiva que mal se deu conta do frio da água. Mesmo assim, logo que chegaram à outra margem, ele enxugou cuidadosamente a espada na manga da capa, que era a única parte seca em todo o seu corpo.

Agora avançavam para o Oeste, tendo à direita o rio e, bem à sua frente, o Ermo do Lampião. Ainda não haviam caminhado um quilômetro quando ambos pararam, falando ao mesmo tempo:

– O que é isso? – perguntou o rei, enquanto Precioso exclamava:

– Olhe!

– É uma balsa – disse Tirian.

E era mesmo. Uma meia dúzia de troncos de árvores, todos recém-cortados e cujos galhos acabavam de ser podados, tinham sido amarrados um ao outro formando uma balsa e vinham deslizando velozmente rio abaixo. Na frente ia um rato-d'água, dirigindo-a com um varapau.

– Ei, rato-d'água! O que está fazendo? – gritou o rei.

– Levando estes troncos rio abaixo para vender aos calormanos, senhor – respondeu o rato, fazendo uma continência e tocando na orelha como quem toca no chapéu.

– Calormanos?! – vociferou Tirian. – O que você quer dizer com isso? Quem deu ordem para derrubar essas árvores?

O rio corre tão rapidamente nessa época do ano que a balsa já tinha passado pelo rei e por Precioso. Mas o rato-d'água olhou para trás e gritou por cima dos ombros:

– Ordens do Leão, senhor. Do próprio Aslam! – Ele ainda disse mais alguma coisa, mas eles não conseguiram entender.

O rei e o unicórnio se entreolharam. Nunca, em nenhuma batalha, pareceram tão assustados quanto agora.

– Aslam – disse finalmente o rei, numa voz quase inaudível. – Aslam. Será verdade? Será possível que ele esteja derrubando as árvores sagradas e matando as dríades?

– A não ser que todas as dríades tenham feito algo terrivelmente errado… – murmurou Precioso.

– Mas vendê-las para os calormanos?! – pasmou o rei. – Será possível?

– Não sei… – disse Precioso, desolado. – Ele não é um leão *domesticado*…

– Bem – suspirou o rei, depois de alguns instantes. – Vamos em frente e vejamos que aventura nos espera.

– É a única coisa que nos resta fazer, senhor – disse o unicórnio.

Naquele momento, nem ele nem o rei se deram conta da loucura que estavam fazendo, indo avante só os dois. Sua precipitação, no entanto, acabaria por trazer muitos males.

De repente, o rei inclinou-se, encostando-se no pescoço do amigo, e disse, abanando a cabeça:

– Precioso, o que será de nós? Pensamentos horríveis começam a me perturbar. Ah, se tivéssemos morrido antes de hoje! Teria sido melhor para nós.

– Sim – disse Precioso. – Acho que vivemos demais. Não poderia ter nos acontecido coisa pior.

Ficaram ali parados durante uns dois minutos e depois seguiram em frente. De longe podiam ouvir o barulho dos machados devastando a floresta, embora ainda não conseguissem ver nada, pois o terreno elevava-se logo à frente deles. Quando alcançaram o topo, avistaram o Ermo do Lampião; o rosto do rei ficou branco como cera.

Bem no meio daquela antiga floresta – a mesma floresta onde, muitos anos atrás, cresciam árvores de ouro e de prata e onde certa vez uma criança do nosso mundo plantara a Árvore da Proteção – já fora aberta uma vasta clareira. Era uma faixa horrorosa, parecendo uma ferida aberta na terra, cheia de sulcos barrentos por onde as árvores derrubadas eram arrastadas para o rio. Havia uma porção de gente trabalhando em meio ao estalar de chicotes; cavalos resfolegavam e bufavam arrastando as toras de madeira. A primeira coisa que o rei e o unicórnio notaram foi que pelo menos metade dos trabalhadores eram homens e não animais falantes. Depois perceberam que aqueles homens não eram os louros narnianos, mas, sim, barbudos e morenos homens da Calormânia, o país grande e cruel que fica para lá da Arquelândia, ao sul do deserto. Não existia, é claro, razão alguma para não haver calormanos em Nárnia, fossem eles mercadores ou embaixadores, pois naqueles dias havia paz entre Nárnia e Calormânia. O que Tirian não conseguia entender era por que havia tantos deles ali, nem por que razão estavam abatendo as florestas narnianas. Apertou ainda mais o punho da espada, enrolando a capa sobre o braço esquerdo, e em questão de segundos já se encontravam no meio daqueles homens.

Dois calormanos montavam um cavalo ao qual haviam atrelado um tronco. O rei os alcançou justo no momento em que o tronco atolara numa poça de lama.

– Vamos, filho de uma lesma! Puxa, seu porco preguiçoso! – gritaram os calormanos, estalando os chicotes. O cavalo já se esforçara ao máximo; seus olhos estavam vermelhos e o corpo coberto de espuma.

– Trabalhe, sua besta molenga! – berrou um dos calormanos, açoitando

selvagemente o cavalo com o chicote.

Aí então uma coisa terrível aconteceu.

Até aquele momento Tirian imaginara que os calormanos estivessem usando seus próprios cavalos: animais mudos e irracionais como os cavalos do nosso mundo. E, embora detestasse ver qualquer cavalo, mesmo mudo, sendo maltratado, naquele momento estava mais preocupado com o assassinato das árvores. Nunca lhe passara pela cabeça que alguém teria a ousadia de atrelar um dos livres cavalos falantes de Nárnia, e muito menos de chicoteá-lo. O cavalo, porém, ao ser atingido por aquele golpe selvagem, empinou-se e soltou um grito estridente:

– Seu tirano idiota! Não vê que estou me esforçando ao máximo?!

Ao verem que o cavalo era um dos seus próprios narnianos, tanto Tirian quanto Precioso foram tomados de tamanha fúria que perderam totalmente a noção do que estavam fazendo. A espada do rei subiu e o corno do unicórnio desceu. Os dois avançaram de uma vez. Em questão de segundos os dois calormanos jaziam mortos no chão, um decepado pela espada de Tirian e o outro com o coração traspassado pelo corno de Precioso.

CAPÍTULO TRÊS

SUA MAJESTADE, O MACACO



– Mestre cavalo! Mestre cavalo! – exclamou Tirian, cortando-lhe apressadamente os arreios. – Como é que esses estranhos o escravizaram? Houve porventura alguma batalha em Nárnia? Alguém a conquistou?

– Não, senhor – respondeu o cavalo ofegante. – Aslam está aqui. É tudo por ordem dele. Foi ele quem mandou…

– Cuidado, senhor rei! – gritou Precioso. – Tirian levantou os olhos e viu que, de todas as direções, começaram a aparecer calormanos e, junto com eles, alguns animais falantes. Como os dois homens tinham morrido sem dar um único grito, algum tempo se passou antes que os outros percebessem o que havia acontecido. Mas agora já sabiam. A maioria deles já vinha com a cimitarra desembainhada.

– Rápido! Em minhas costas! – gritou Precioso.

O rei montou de um salto o velho amigo, que se virou e partiu a galope. Assim que se viram fora das vistas dos inimigos, mudaram de direção umas duas ou três vezes. Depois de atravessarem um riacho, Precioso gritou, sem diminuir a velocidade:

– E agora, senhor, para onde vamos? Para Cair Paravel?

– Aguente firme aí, amigo, que vou descer – disse Tirian, escorregando do lombo do unicórnio e colocando-se frente a frente com ele.

– Precioso – disse o rei –, o que fizemos foi terrível!

– Fomos cruelmente provocados, senhor – replicou o unicórnio.

– Mas atacá-los desprevenidos… Sem desafiá-los… E, ainda por cima, desarmados… Que vergonha! Somos dois assassinos, Precioso. Estou desonrado para sempre.

Precioso baixou a cabeça. Ele também estava envergonhado.

– E o cavalo disse que eram ordens de Aslam – continuou o rei. – E o rato disse a mesma coisa. Todo mundo diz que Aslam está por aqui. E se for verdade?

– Mas, senhor, como é que Aslam iria dar ordens tão terríveis?

– Ele não é um leão *domesticado* – retrucou Tirian. – Como poderíamos saber o que ele pretende? Logo nós, uns assassinos. Precioso, vou voltar. Vou entregar minha espada, render-me àqueles calormanos e pedir-lhes que me levem à presença de Aslam. Que ele mesmo me faça justiça.

– Mas assim estará caminhando para a morte!

– E você acha que eu me importo se Aslam me condenar à morte? Isso ainda seria pouco, muito pouco. Melhor morrer do que viver com esse terrível temor de que Aslam voltou e não é nada parecido com o Aslam em quem sempre acreditamos e por quem tanto esperamos. É como se de repente a gente acordasse e visse o sol nascer escuro…

– Eu sei – disse Precioso. – Ou como se a gente bebesse um copo d'água e esta fosse seca. Tem razão, senhor. É o fim de tudo. Vamos voltar e entregar-nos.

– Não é preciso irmos os dois, Precioso.

– Pelo amor que sempre nos uniu, Tirian, deixe-me ir com você agora – implorou o unicórnio. – Se você morrer, e se Aslam não for mesmo Aslam, de que me adianta continuar vivendo?

Os dois retomaram o caminho de volta, chorando amargamente. Quando chegaram ao lugar onde os homens estavam trabalhando, ouviu-se uma gritaria e os calormanos avançaram para cima deles de armas na mão. O rei, porém, ergueu sua espada com o punho voltado contra eles, dizendo:

– Eu, que era o rei de Nárnia e sou agora um cavaleiro desonrado, rendo-me à justiça de Aslam. Levem-me à presença dele.

– Eu também me rendo – disse Precioso.

Viram-se, então, cercados por uma enorme multidão de homens escuros, cheirando a alho e cebola, os olhos brancos faiscando terrivelmente nos rostos morenos. Passaram uma corda em volta do pescoço de Precioso. Tomaram a espada do rei e amarraram-lhe as mãos às costas. Um dos calormanos, que usava um elmo em lugar de turbante e que parecia estar no comando, arrancou o diadema de ouro da cabeça de Tirian, fazendo-o desaparecer sutilmente por entre suas roupas. Depois os prisioneiros foram conduzidos colina acima, até chegarem a uma clareira. E eis o que os dois viram.

No centro da clareira, que era também o ponto mais alto da colina, havia uma pequena cabana coberta de palha. A porta estava fechada. Na frente desta, sentado na grama, encontrava-se um macaco. Tirian e Precioso, que esperavam ver Aslam e nunca tinham ouvido coisa alguma a respeito de tal macaco, ficaram

completamente desnorteados ao verem aquela cena.

Nem é preciso dizer que o macaco era o próprio Manhoso. Só que agora ele parecia dez vezes mais feio do que quando vivia no Lago do Caldeirão, pois estava trajado a rigor. Vestia uma jaqueta escarlate que não lhe assentava muito bem, pois fora feita para um anão. Nas patas traseiras ele enfiara umas sandálias cheias de joias que o deixavam ainda mais ridículo, porque, como todo mundo sabe, as patas traseiras de um macaco mais parecem mãos. Na cabeça colocara algo parecido com uma coroa de papel. Havia ao seu lado um montão de nozes, e ele ficava o tempo todo quebrando-as com os dentes e cuspindo as cascas no chão. E toda hora levantava a jaqueta escarlate para se coçar. De pé, voltados para ele, havia uma porção de animais falantes, e praticamente cada rosto naquela multidão trazia uma expressão aturdida e preocupada. Assim que viram quem eram os prisioneiros, começaram a gemer e a soluçar.

– Ó, grande Manhoso, porta-voz de Aslam – disse o chefe calormano. – Trazemos prisioneiros. Graças à nossa coragem e habilidade e com a permissão do grande deus Tash, capturamos vivos estes dois perigosos assassinos.

– Deem-me a espada daquele homem – ordenou o macaco.

Eles pegaram a espada do rei e a entregaram, com tiracolo e tudo, para o macaco, que a pendurou em seu próprio pescoço, o que o fez parecer ainda mais ridículo.

– Sobre esse dois conversaremos mais tarde – resmungou o macaco, cuspindo uma casca de noz na direção dos prisioneiros. – Tenho outros assuntos a tratar primeiro. Esses aí podem esperar. Agora ouçam-me todos vocês. A primeira coisa que quero dizer é sobre as nozes. Onde está o esquilo-chefe?

– Aqui, senhor – disse um esquilo vermelho, adiantando-se nervosamente e fazendo uma ligeira reverência.

– Ah! Aí está você. Pois bem – falou o macaco com um olhar de desdém –, quero… isto é, Aslam deseja… mais nozes. Essas que você me trouxe não dão nem para o cheiro. Você tem que trazer mais, ouviu bem? Duas vezes mais! E elas têm de estar aqui amanhã, antes do pôr do sol. E cuide para que não haja entre elas uma única noz pequena ou estragada.

Ouviu-se entre os esquilos um murmúrio de desânimo, e o esquilo-chefe muniu-se de toda a coragem para dizer:

– Por favor, será que o próprio Aslam não poderia conversar conosco sobre isso? Se ao menos nos fosse permitido vê-lo…

– Bem, isso não vai dar – respondeu o macaco. – Mas pode ser que ele, num ato de muita generosidade, resolva sair um pouquinho hoje à noite, embora isso seja muito mais do que a maioria de vocês merece. Aí todos poderão dar uma

espiadinha nele. Mas nada de aglomerações ao redor dele ou de incomodá-lo com perguntinhas tolas. Tudo o que quiserem dizer-lhe terá de ser por meu intermédio – isso se eu achar que é algo que valha a pena. Enquanto isso, esquilos, é melhor vocês irem se virando para arranjar as nozes. E deem um jeito de trazê-las aqui até amanhã à noite, senão vão se arrepender!

Os pobres esquilos saíram todos em disparada, como que perseguidos por um cão de caça. Aquela nova ordem era o fim para todos eles: as nozes que haviam armazenado cuidadosamente para o inverno já tinham sido quase todas comidas; e do pouco que ainda lhes restava já haviam dado ao macaco muito mais do que podiam dispensar.

Subitamente, do outro lado da multidão, ouviu-se uma voz muito profunda. Era um grande javali peludo e de presas enormes.

– Mas por que *nós* não podemos ver Aslam e falar com ele? – perguntou o javali. – Quando ele aparecia em Nárnia, antigamente, qualquer pessoa podia vê-lo face a face e conversar com ele.

– Isso é pura conversa! – disse o macaco. – E mesmo que fosse verdade, os tempos mudaram. Aslam disse que tem sido generoso demais com vocês, mas que agora não vai mais ser tão mole. Desta vez vai colocá-los todos nos eixos. Vai ensiná-los a não pensar mais que ele é um leão domesticado e bonzinho.

Ouviu-se entre os animais um murmúrio surdo, entremeado de suspiros, e a seguir houve um silêncio de morte, ainda mais terrível.

– E tem mais uma coisa que acho bom vocês saberem – continuou o macaco. – Ouvi dizer que andam falando por aí que sou um macaco. Pois bem, não sou, não. Sou um *homem*. Se pareço com macaco é só porque já vivi demais: tenho centenas e centenas de anos nas costas. E justamente por ser tão velho é que sou tão sábio. E é porque sou muito sábio que sou o único com quem Aslam sempre vai falar. Ele não pode dar-se ao incômodo de andar por aí falando com um monte de animais bobocas. Ele me dirá o que vocês têm de fazer e eu o transmitirei a todos. E acho bom escutarem meu conselho e agirem duas vezes mais rápido, pois Aslam não está para brincadeira.

O silêncio era mortal, a não ser pelo barulho de um pequenino texugo que chorava e da mãe tentando acalmá-lo.

– E agora tem mais uma coisa – continuou o macaco, enfiando uma noz fresquinha na boca. – Alguns cavalos andam dizendo por aí: “Vamos nos apressar e acabar de carregar essa madeira o mais rápido possível, e assim ficaremos livres de novo.” Pois bem, é melhor tirarem essa ideia da cabeça de uma vez. E não só os cavalos. Daqui para a frente, todo mundo que tem condições de trabalhar vai ter o que fazer. Aslam já acertou tudo com o rei da

Calormânia, o Tisroc, como é chamado pelos nossos amigos calormanos. Todos vocês – cavalos, touros e burros – serão enviados à Calormânia para trabalhar pelo resto da vida… puxando carroças e transportando coisas, igual aos outros animais de carga do mundo inteiro. E quanto a vocês, toupeiras, coelhos e os outros bichos que cavam buracos, irão todos juntos com os anões para trabalhar nas minas do Tisroc. E também…

– Não! Não! Pare! – interromperam os animais. – Não pode ser verdade! Aslam nunca nos venderia como escravos para o rei da Calormânia!

– Esperem aí! – rosnou asperamente o macaco. – Para que essa barulheira toda? Quem falou em escravidão? Vocês não vão ser escravos coisa nenhuma. Serão pagos, aliás, muito bem pagos. Quer dizer, o salário de vocês irá para o tesouro de Aslam e ele utilizará tudo para o bem de todos.

Então olhou de soslaio e deu uma piscadela para o chefe calormano, que fez uma reverência e replicou, à pomposa maneira dos calormanos:

– Ó, sapientíssimo porta-voz de Aslam! O Tisroc (que ele viva para sempre!) está perfeitamente de acordo com Sua Excelência no que diz respeito a esse sábio plano.

– Viram só? – disse o macaco. – Está tudo acertado. E é tudo para o bem de vocês. Com todo esse dinheiro que irão ganhar poderemos fazer de Nárnia um país digno de se viver. Haverá laranjas e bananas à vontade… Haverá estradas, cidades grandes, escolas, escritórios, como também autoridades e armas, e selas, e cadeias, canis, prisões… Tudo, tudo!

– Mas não queremos nada disso! – bradou um velho urso. – Queremos ser livres. E queremos que o próprio Aslam fale com a gente.

– Não comecem a discutir agora, pois não vou tolerar isso – esbravejou o macaco. – Sou um homem e você não passa de um urso velho, gordo e bobo. E o que é que você entende de liberdade? Pensa que liberdade significa fazer o que a gente bem entende? Pois está muito enganado. Isso não é a verdadeira liberdade. Liberdade de verdade significa fazer aquilo que eu lhes digo.

– Rrrrrr! – grunhiu o urso, coçando a cabeça. Para ele essas coisas eram muito difíceis de entender.

– Por favor! Por favor! – exclamou uma ovelhinha felpuda, tão novinha que todos se admiraram de que ela tivesse coragem de dizer alguma coisa.

– E agora, o que se passa? – estranhou o macaco. – Seja rápida!

– Por favor – disse a ovelha. – Eu não compreendo. O que temos nós a ver com os calormanos? Nós pertencemos a Aslam; eles pertencem a Tash. Têm um deus chamado Tash. Dizem que ele tem quatro braços e cabeça de abutre, e que humanos são mortos em seu altar. Não acredito que esse tal de Tash exista, mas,

se existe, como é que Aslam pode ser amigo dele?

Todos os animais se voltaram e todos os pares de olhos chamejaram na direção do macaco. Todos sabiam que aquela era a melhor pergunta que alguém ali já fizera.

O macaco deu um salto e cuspiu na ovelha.

– Sua fedelha! Bebezinho chorão! Por que não vai para casa mamar?! O que é que você entende dessas coisas? Agora, vocês todos, escutem aqui. Tash é apenas um outro nome de Aslam. Toda aquela velha história de que nós estamos certos e os calormanos errados é pura bobagem. Agora já sabemos melhor das coisas. Embora os calormanos falem uma outra linguagem, querem dizer a mesma coisa. Tash e Aslam são apenas dois nomes diferentes, vocês bem sabem de quem… Por isso é que nunca pode haver qualquer discórdia entre eles. Metam isso na cabeça de uma vez por todas, seus brutos idiotas: Tash é Aslam, e Aslam é Tash.

Quem tem um cachorrinho sabe muito bem como ele pode ficar com a carinha triste de vez em quando.

Agora pensem nisso e depois imaginem como ficou a cara de cada um dos animais falantes, naquela hora. Imaginem todos aqueles pássaros, ursos, texugos, coelhos, toupeiras e ratos, tão leais e humildes, agora desconcertados e mais tristes do que nunca. Todos os rabinhos estavam caídos e todas as orelhas, murchas. Só de olhar cortava o coração. De todos eles, apenas um parecia não estar triste. Era um gato ruivo – um bichano enorme, no vigor dos anos – que se postara todo empinado, com a cauda enrolada em volta dos pés, entre os animais que estavam na fileira da frente. Ficara o tempo todo ali, encarando firmemente o macaco e o chefe calormano, sem piscar uma única vez.

– Queira me desculpar – disse o gato com polidez –, mas isto realmente me interessa. Será que o seu amigo calormano também pensa a mesma coisa?

– Certamente – disse o calormano. – O iluminado macaco… quero dizer, homem… está absolutamente certo. *Aslam* significa nada mais, nada menos que *Tash*.

– E, principalmente, Aslam significa *nada mais* que Tash, não é? – insinuou o gato.

– Mais, não… De forma alguma! – protestou o calormano, encarando firmemente o gato.

– Está satisfeito, Ruivo? – perguntou o macaco.

– Oh, certamente – respondeu Ruivo com frieza. – Muito obrigado. Eu só queria que as coisas ficassem bem claras. Acho que estou começando a entender.

Até aquele momento, nem Tirian nem Precioso haviam dito coisa alguma.

Estavam esperando que o macaco lhes desse permissão para falar, pois achavam que não era polido interromper uma conversa. Agora, porém, olhando ao redor e vendo as feições desesperadas dos narnianos, e ao perceber que todos iam acabar acreditando que Aslam e Tash eram uma e a mesma pessoa, o rei não pôde mais se conter.

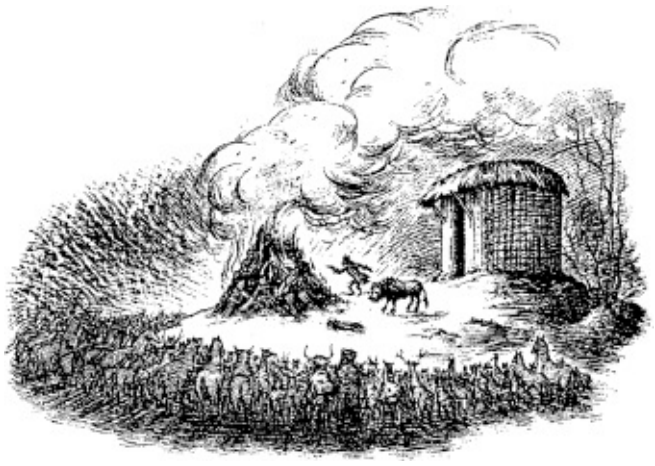
– Macaco! – gritou bem alto. – Você está mentindo! Mentindo terrivelmente. Mentindo como um calormano. Mentindo como um macaco.

Ele pretendia ir adiante e perguntar como o terrível deus Tash, que se alimentava do sangue do seu povo, podia ser a mesma pessoa que o bom Leão, que dera o próprio sangue para salvar Nárnia inteira. Se lhe tivesse sido permitido falar, o domínio do macaco teria acabado naquele mesmo dia, pois os animais teriam percebido a verdade. Antes, porém, que pudesse dizer uma palavra mais, dois calormanos taparam-lhe a boca com toda a força, e um terceiro veio por trás e deu-lhe um chute nas pernas, derrubando-o bruscamente. Ao vê-lo cair, o macaco começou a guinchar, furioso e aterrorizado.

– Tirem *ele* daqui! Levem-no embora! Carreguem-no para onde ninguém possa ouvi-lo e nem ele a nós! Amarrem-no a uma árvore! Eu vou… isto é, Aslam vai… fazer-lhe justiça mais tarde.

CAPÍTULO QUATRO

O QUE ACONTECEU NAQUELA NOITE



O rei ficou tão tonto com as pancadas que recebeu, que só percebeu o que estava acontecendo quando os calormanos lhe desamarraram os pulsos e abaixaram-lhe os braços, esticando-os firmemente de cada lado do corpo. Depois colocaram-no de costas contra o tronco de uma árvore e passaram-lhe cordas em volta dos tornozelos, dos joelhos, da cintura e do peito. E foram embora.

O que mais o incomodava naquele momento (pois geralmente as coisinhas pequenas são as mais difíceis de suportar) era que seu lábio estava sangrando e ele não conseguia limpar o filete de sangue que escorria, fazendo-lhe cócegas.

De onde ele estava ainda dava para ver o macaco sentado na frente do pequeno estábulo, lá no topo da colina. Podia ouvi-lo falando ainda e, de vez em quando, uma ou outra resposta da multidão, mas não conseguia discernir o que diziam.

"Só queria saber o que fizeram com Precioso", pensou o rei.

De repente, a multidão dispersou e os animais começaram a se mover em várias direções. Alguns deles passaram pertinho de Tirian, olhando para ele como se estivessem assustados e, ao mesmo tempo, penalizados por vê-lo amarrado, mas ninguém disse nada. Logo todos tinham ido embora e a floresta ficou em silêncio.

Muitas horas se passaram, e Tirian começou a sentir sede e depois fome. Quando chegou o final da tarde e a noite se aproximou, começou a sentir frio também. Suas costas doíam muito. Finalmente, o Sol se pôs e o crepúsculo desceu.

Já estava quase escuro quando Tirian ouviu um leve tamborilar de pés miúdos

e viu umas criaturinhas se aproximando. Os três da esquerda eram ratos e no meio vinha um coelho; à direita estavam duas toupeiras. Estas traziam às costas uns sacos pequenos, o que lhes dava uma aparência curiosa na escuridão (tanto que, no primeiro instante, ele ficou imaginando que bichos seriam aqueles). Então, num dado momento, todos se levantaram sobre as patas traseiras e, pousando as patas dianteiras nos seus joelhos, começaram a dar-lhe beijinhos de animal. (Podiam alcançar-lhe os joelhos porque os animaizinhos falantes de Nárnia são maiores do que os animais mudos do nosso mundo.)

– Senhor rei! Querido senhor rei! – exclamaram. – Sentimos muito pelo senhor. Não ousamos desamarrá-lo porque Aslam poderia ficar zangado conosco. Mas lhe trouxemos algo para comer.

Em questão de segundos o primeiro rato já estava lá em cima, empoleirado na corda que atava o peito de Tirian e franzindo o focinho áspero bem na frente do rosto do rei. Em seguida subiu o segundo rato, dependurando-se bem debaixo do primeiro. Então os outros animais se ergueram no chão e começaram a passar as coisas para cima.

– Beba, senhor, e assim terá condições de comer – disse o rato de cima. Então Tirian viu que este segurava bem à frente de seus lábios uma pequenina taça de madeira. Era uma tacinha do tamanho de um ovo; portanto, mal ele conseguira provar o vinho, já a havia esvaziado. Mas o rato passou-a para baixo e os outros a encheram novamente, passando-a de mão em mão até chegar lá em cima de novo, onde Tirian a esvaziou pela segunda vez. E assim foi, até que ele havia bebido o suficiente – e desse modo foi muito melhor, pois beber em doses pequenas mata muito mais a sede do que tomar um longo trago.

– Agora é queijo, senhor – disse o rato. – Mas não muito, pois não queremos que fique com sede.

Depois do queijo deram-lhe bolinhos de aveia com manteiga fresquinha e, então, um pouco mais de vinho.

– Agora me passem a água para eu lavar o rosto do rei, que está sujo de sangue – disse o primeiro rato.

Tirian sentiu no rosto uma espécie de esponja muito pequena, que lhe trouxe uma sensação muito agradável.

– Meus amiguinhos – disse Tirian –, como poderei agradecer-lhes por tudo isso?

– Não precisa, não precisa – responderam as vozinhas. – O que mais quer que façamos? Não queremos outro rei. Somos o seu povo. Se fossem apenas os calormanos e aquele macaco que estivessem contra o senhor, teríamos lutado até virar picadinho para não deixar que o amarrassem desse jeito. Teríamos mesmo.

Mas não podemos ir contra Aslam…

– Vocês acham que é mesmo Aslam? – perguntou o rei.

– É, sim! É, sim! – disse o coelho. – Ele saiu do estábulo ontem à noite. Todos nós o vimos.

– E como era ele? – quis saber Tirian.

– Como um Leão grande e terrível, pode crer – respondeu um dos ratos.

– E vocês acham que é realmente Aslam quem está matando as ninfas da floresta e fazendo de vocês escravos do rei da Calormânia?

– Ah! Isso é ruim, não é? – disse o segundo rato. – Preferia ter morrido antes disso tudo começar. Mas não há dúvida alguma. Todo mundo diz que são ordens de Aslam. E nós mesmos o vimos. Puxa! Queríamos tanto que Aslam voltasse para Nárnia! Não imaginávamos que ele fosse assim!

– Parece que, desta vez, ele voltou muito bravo – disse o primeiro rato. – Acho que, sem saber, todos nós andamos fazendo algo realmente terrível. Ele só pode estar nos castigando por alguma coisa. Mas acho que ele pelo menos poderia nos dizer do que se trata!

– Suponho que o que estamos fazendo *agora* deve estar errado – disse o coelho.

– E daí? – replicou uma das toupeiras. – Para mim, tanto faz. Se for preciso, faço outra vez.

Nesse momento alguém disse: “Cuidado, pessoal!”; e outro acrescentou: “Vamos, rápido!” Então todos falaram: “Sentimos muito, querido rei, mas temos de ir agora. Se nos pegam aqui…”

– Deixem-me de uma vez, amigos – disse Tirian. – Não quero, por nada neste mundo, colocá-los em dificuldades.

– Boa noite! Boa noite! – disseram os animais, roçando cada um o focinho em seus joelhos. – Voltaremos, se pudermos.

Depois que todos se foram, a floresta pareceu muito mais escura, fria e solitária do que antes. As estrelas surgiram no céu e o tempo foi passando, lenta e vagarosamente, enquanto o último rei de Nárnia permanecia ali, o corpo todo dolorido e rigidamente imprensado contra a árvore à qual o haviam amarrado.

Finalmente, porém, alguma coisa aconteceu. Lá longe surgiu uma luzinha avermelhada, que desapareceu por um instante para logo voltar, maior e mais forte. Então ele avistou vultos se movimentando do lado de cá da luz, carregando uns embrulhos que atiravam ao chão. Por fim conseguiu ver do que se tratava: era uma fogueira recém-acesa, na qual atiravam feixes de lenha. De repente, a labareda subiu e Tirian viu que a fogueira ficava bem no alto da colina. Agora

podia enxergar perfeitamente o estábulo por detrás da fogueira, todo iluminado pelo clarão, e, entre este e o lugar onde se encontrava, uma grande multidão de homens e animais. O pequeno vulto agachado ao lado do fogo devia ser o macaco. Estava dizendo alguma coisa para a multidão, mas Tirian não conseguia ouvir. Depois o macaco foi até a porta da cabana e inclinou-se três vezes até o chão; em seguida levantou-se e abriu a porta. Então alguma coisa saiu lá de dentro – algo que se movia rigidamente sobre quatro pernas – e postou-se de frente para a multidão.

Ergueu-se no ar um grande murmúrio (ou seriam bramidos?), tão alto que Tirian pôde até ouvir algumas palavras:

– Aslam! Aslam! Aslam! – suplicavam os animais. – Fale conosco! Conforte-nos! Não fique mais zangado conosco!

De onde Tirian estava não dava para ver muito bem que bicho era aquele; via apenas que era amarelo e peludo. Ele nunca tinha encontrado o Grande Leão. Para dizer a verdade, nunca sequer vira um leão comum. Por isso não tinha certeza se aquilo era mesmo Aslam. Jamais esperara que Aslam pudesse se parecer com aquela coisa tesa que estava ali, parada, sem dizer uma palavra. Mas como é que alguém poderia saber ao certo? Durante alguns instantes, pensamentos horríveis passaram-lhe pela mente. Lembrou-se então do absurdo que ouvira sobre Tash e Aslam serem um só, e concluiu que tudo aquilo só podia ser trapaça.

O macaco chegou bem pertinho da *coisa* amarela, encostando sua cabeça na dela como que tentando escutar algo que lhe fosse cochichado ao ouvido. Então virou-se e falou para a multidão, que começou a lamentar-se novamente. Depois a *coisa* amarela voltou-se desajeitadamente e saiu andando (talvez fosse melhor dizer gingando) para o estábulo de novo, e o macaco fechou a porta às suas costas.

Depois disso parece que alguém apagou a fogueira, pois a luz se extinguiu subitamente. Tirian ficou mais uma vez sozinho com o frio e a escuridão. À sua mente vieram, então, os outros reis que tinham vivido e morrido em Nárnia nos tempos antigos. Nunca nenhum deles, pensou Tirian, fora tão infeliz. Lembrou-se do rei Rilian, bisavô de seu bisavô, que, ainda bem jovem, fora raptado por uma feiticeira que o conservara escondido, durante anos e anos, nas escuras cavernas dos subterrâneos da terra dos gigantes do norte. Mas no final tudo acabara bem, pois duas misteriosas crianças apareceram de repente, vindas das terras de Além-Mundo, e o libertaram; e depois que ele regressou a Nárnia teve um longo e próspero reinado. “Comigo não acontece nada disso”, disse Tirian consigo mesmo. Então ele foi ainda mais longe e pensou no pai de Rilian,

Caspian, o Navegador, cujo perverso tio, o rei Miraz, tentara assassiná-lo, e em como Caspian conseguira escapar para as matas e viver entre os anões. Mas essa história também acabara bem, pois Caspian igualmente fora ajudado por crianças – só que dessa vez eram quatro, vindas de algum lugar para lá do fim do mundo e que, numa grande batalha, lutaram até conseguir recolocá-lo no trono de seu pai. "Mas isso foi há muito tempo", pensou Tirian. "Hoje em dia essas coisas não acontecem mais." E aí ele lembrou (pois, quando menino, sempre fora muito bom em História) que essas mesmas crianças que ajudaram Caspian já tinham estado em Nárnia, anteriormente, havia milhares e milhares de anos, e que fora naquela época que tinham realizado os feitos mais notáveis. Haviam derrotado a temível Feiticeira Branca, pondo fim ao Inverno dos Cem Anos. Depois disso reinaram, os quatro de uma vez, em Cair Paravel, até que não eram mais crianças e, sim, poderosos reis e adoráveis rainhas; e seu reinado fora o período áureo de Nárnia. E, naquela história, Aslam aparecera uma porção de vezes. Aliás, nas outras histórias ele também aparecera muitas vezes, lembrava agora Tirian. "Aslam… e crianças de um outro mundo", pensou. "Sempre que as coisas estavam na pior, eles apareciam. Ah, se ao menos pudessem vir agora!"

Então exclamou em voz bem alta: "Aslam! Aslam! Venha ajudar-nos agora!" Mas a escuridão, o frio e a quietude continuaram do mesmo jeito.

– Que *eu* seja morto! – gritou o rei. – Nada peço para mim. Mas, por favor, venha salvar Nárnia!

A noite e a floresta continuaram do mesmo jeito. Dentro de Tirian, porém, alguma coisa começou a mudar. Sem saber por que, viu nascer dentro de si uma pontinha de esperança e sentiu-se um pouco mais forte. "Oh, Aslam! Aslam!", suspirou. "Se não vier pessoalmente, mande-me pelo menos os ajudantes de Além-Mundo!" E então, quase sem se dar conta do que estava fazendo, subitamente gritou bem alto:

– Crianças! Crianças! Amigos de Nárnia! Venham, rápido! Eu vos chamo através dos mundos! Eu, Tirian, rei de Nárnia, senhor de Cair Paravel e imperador das Ilhas Solitárias!

E no mesmo instante mergulhou em um sonho (se é que aquilo era um sonho) mais vívido do que qualquer outro que já tivera em toda a sua vida.

Pareceu-lhe estar em pé numa sala iluminada onde havia sete pessoas sentadas em volta de uma mesa. Pelo jeito, tinham acabado de comer naquele instante. Duas delas eram bem idosas – um senhor de barbas brancas e uma senhora de olhos inteligentes, brilhantes e joviais. O rapaz sentado à direita do velho mal acabara de sair da adolescência e era certamente ainda mais jovem que o próprio Tirian, mas já trazia no rosto a expressão de um rei e guerreiro. E

quase se poderia dizer o mesmo quanto ao outro jovem que se sentava à direita da senhora. Bem à frente de Tirian, no outro lado da mesa, sentava-se uma moça loura, ainda mais jovem que os outros dois, e de cada lado dela um menino e uma menina ainda mais novos. Tirian pensou consigo mesmo que nunca vira roupas mais esquisitas do que aquelas que eles trajavam.

Mas nem teve tempo de deter-se nesses detalhes, pois de repente o menino mais novo e as duas meninas levantaram-se de um pulo e uma delas deu um gritinho. A senhora ergueu-se de súbito, prendendo firmemente a respiração. O velho também deve ter feito algum movimento brusco, pois o copo de vinho que tinha na mão direita saiu voando da mesa. (Tirian até escutou o barulho do vidro estilhaçando no chão.)

Só então Tirian deu-se conta de que aquelas pessoas podiam vê-lo; e o fitavam estarrecidas, como se vissem um fantasma. Notou, porém, que o jovem com aparência de rei sentado à direita do velho não fez um único movimento (embora tivesse empalidecido), a não ser cerrar o punho com força. Em seguida, disse:

– Fale, se é que você não é um fantasma ou uma visão. Existe em você algo que lembra Nárnia. E nós somos os sete amigos de Nárnia.

Tirian quis falar, e tentou gritar em alta voz que ele era Tirian de Nárnia e que necessitava muito de ajuda. Mas descobriu (como muitas vezes nos acontece em sonhos) que sua voz não fazia o menor ruído.

Aquele que já lhe falara uma vez ergueu-se e falou, encarando-o firmemente:

– Espectro ou espírito ou seja lá o que for! Se você é de Nárnia, ordeno-lhe em nome de Aslam que fale comigo. Eu sou Pedro, o Grande Rei.

A sala começou a tremer diante dos olhos de Tirian. Ele escutava as vozes dos sete, todas falando ao mesmo tempo e ficando cada vez mais fracas: “Vejam! Está desaparecendo!”, “Está sumindo!”, “Está…”

No momento seguinte, achou-se completamente acordado, ainda amarrado à árvore, mais frio e enrijecido do que nunca. A mata estava repleta da luz pálida e monótona que antecede o nascer do sol, e ele estava todo ensopado de orvalho. Já era quase manhã.

Aquele despertar foi talvez o pior momento que já tivera em toda a sua vida.

CAPÍTULO CINCO

CHEGA AUXÍLIO PARA O REI



Seu sofrimento, porém, não durou muito. Quase no mesmo instante ouviu um baque surdo, e depois mais um, e à sua frente surgiram duas crianças. Momentos antes, a mata diante dele estava completamente vazia, e ele sabia que elas não tinham saído de trás da árvore, pois as teria escutado. Elas simplesmente haviam aparecido de lugar nenhum. Logo notou que usavam os mesmos trajes esquisitos e desbotados que as pessoas do sonho, e imediatamente percebeu que eram o menino e a menina mais novos daqueles sete.

– Caramba! – disse o menino. – Isso deixa qualquer um sem fôlego! Eu pensei…

– Rápido! Vamos desamarrá-lo – disse a menina. – Depois a gente conversa. E, voltando-se para Tirian, acrescentou: – Sinto muito pela demora. Viemos assim que pudemos.

Enquanto ela falava, o menino tirou uma faca do bolso e rapidamente cortou as cordas que prendiam o rei. E cortou até rápido demais, pois o rei estava com o corpo tão duro e entorpecido que, quando a última amarra se soltou, caiu para a frente sobre as mãos e os joelhos. E só conseguiu levantar-se novamente depois de uma boa massagem nas pernas dormentes.

– Ah! – disse a menina. – Foi *você* que nos apareceu naquela noite, quando estávamos todos jantando, há cerca de uma semana, não foi?

– Uma semana, gentil senhorita?! – exclamou Tirian. – Mas… meu sonho me levou ao seu mundo há menos de dez minutos!

– É aquela costumeira confusão dos tempos, Jill – disse o menino.

– Ah, agora me lembro – disse Tirian. – Isso ocorre também nas histórias antigas. O tempo no estranho mundo de vocês é diferente do nosso. Mas por

falar em tempo, acho bom irmos embora daqui. Meus inimigos estão bem pertinho. Vocês vêm comigo?

– É claro que sim – respondeu a menina. – Viemos aqui para ajudá-lo.

Tirian pôs-se de pé e os conduziu rapidamente colina abaixo, afastando-se do estábulo rumo ao Sul. Ele sabia muito bem para onde ir; entretanto, seu primeiro objetivo era alcançar as regiões rochosas onde não deixariam pista alguma. O segundo era encontrar alguma água que pudessem atravessar sem deixar rastro. Isso lhes custou cerca de uma hora, escalando e vadeando. Enquanto isso, ninguém tinha fôlego para conversar. Assim mesmo, de vez em quando Tirian olhava de soslaio para os seus companheiros. O fato de estar andando lado a lado com criaturas de um outro mundo deixava-o meio tonto; mas também fazia com que todas as antigas histórias parecessem muito mais reais do que nunca. Qualquer coisa podia acontecer agora.

– Estamos livres daqueles vilões por algum tempo, e podemos caminhar com mais facilidade – disse Tirian quando chegaram ao topo de um pequeno vale que descia à frente deles, entre pequenas moitas de bétulas. O sol já havia nascido e gotas de orvalho brilhavam em cada galho. Os pássaros cantavam alegremente.

– Que tal “bater uma boia”? Quer dizer, o senhor, pois nós dois já tomamos nosso café – disse o menino.

Tirian ficou um tempão imaginando o que seria “bater uma boia”. Mas quando o menino abriu a bojuda mochila que trazia às costas e tirou lá de dentro um pacote mole e gorduroso, então ele entendeu. Tirian estava morto de fome, se bem que até aquele momento ainda não pensara nisso. Havia dois sanduíches de ovos cozidos, dois sanduíches de queijo e ainda dois outros com uma espécie de patê. Se não estivesse com tanta fome, Tirian nem teria ligado muito para aquele patê, pois é o tipo de coisa que ninguém come em Nárnia. Quando acabou de comer os seis sanduíches, já estavam chegando ao fundo do vale, onde encontraram um penhasco cheio de musgo de onde brotava uma pequena fonte. Os três pararam, beberam e lavaram o rosto.

– E agora – disse a menina, ajuntando os cabelos molhados na testa e atirando-os para trás –, não vai nos contar quem é você, por que estava amarrado e tudo o mais?

– Com todo o prazer, minha donzela – respondeu Tirian. – Mas acho melhor continuarmos andando.

Assim, à medida que caminhavam, ele lhes contou quem era e tudo o que lhe havia acontecido.

– E agora – disse, por fim – estamos indo para uma certa torre, uma das três que foram construídas na época dos meus ancestrais para proteger o Ermo do

Lampião contra certos marginais perigosos que viviam por ali naquele tempo. Por graça de Aslam não me roubaram as chaves. Nessa torre encontraremos suprimentos de armas e cotas de malha e também mantimentos (embora nada mais que biscoitos secos). Também lá estaremos a salvo enquanto traçamos nossos planos. E, agora, por que não me dizem quem são? Gostaria de saber a sua história.

– Eu sou Eustáquio e esta é Jill – disse o menino. – Já estivemos aqui uma vez, séculos e séculos atrás, e há mais de um ano, segundo o nosso tempo. Tinha um sujeito chamado príncipe Rilian, que estava preso no mundo subterrâneo, e aí Brejeiro…

– Ah! – exclamou Tirian. – Então vocês são o Eustáquio e a Jill que libertaram o rei Rilian do seu longo encantamento?!

– É, somos nós mesmos – disse Jill. – Quer dizer, então, que ele agora é o *rei* Rilian, hein? É claro, tinha que ser… Eu ia me esquecendo…

– Bem – disse Tirian –, eu sou o último na sua descendência. Ele morreu há mais de duzentos anos.

Jill fez uma careta, dizendo:

– Bolas! Isso é que é chato quando se volta a Nárnia! – Eustáquio, porém, continuou:

– Bem, senhor, agora já sabe quem somos nós. E foi assim que aconteceu: o professor Digory e tia Polly tinham reunido todos nós, os amigos de Nárnia.

– Esses nomes eu não conheço – disse Tirian.

– São os dois que vieram a Nárnia bem no comecinho, no dia em que todos os bichos aprenderam a falar.

– Pela Juba do Leão! – exclamou Tirian. – Aqueles dois! Lorde Digory e Lady Polly! Pela madrugada! E ainda vivos, no mesmo lugar?! Maravilha das maravilhas! Mas me contem, me contem!

– Para dizer a verdade, ela não é *bem* nossa tia – disse Eustáquio. – O nome dela é senhorita Plummer, mas nós a chamamos de tia Polly. Pois bem: os dois reuniram todos nós, em parte para nos divertirmos um pouco, para a gente bater um bom papo a respeito de Nárnia (pois, como sabe, não tem ninguém mais com quem a gente possa conversar sobre essas coisas). Mas também porque o professor tinha a impressão de que, de alguma forma, alguém estava precisando de nós por aqui. E foi então que você apareceu lá feito um fantasma, ou sei lá o quê, e quase nos matou de susto, e depois se evaporou sem dizer uma palavra. Depois disso, já sabíamos por certo que alguma coisa errada andava acontecendo. A questão agora era como chegar até aqui. A gente não pode vir *assim*, só por querer. Depois de muita discussão, o professor chegou à conclusão

de que o único jeito era usar os anéis mágicos. Foi através desses anéis que ele e tia Polly chegaram aqui, muito tempo atrás, quando ainda eram crianças. Mas os anéis haviam sido enterrados no quintal de uma casa em Londres (Londres é a nossa grande cidade, senhor), e a casa tinha sido vendida. O problema agora era como consegui-los. Você nem imagina o que acabamos fazendo! Pedro e Edmundo (isto é, Pedro, o Grande Rei, aquele que falou com você) foram a Londres, planejando entrar no quintal pelos fundos, de manhã bem cedinho, antes que o pessoal da casa acordasse. Vestiram-se de trabalhadores, porque se alguém os visse pensaria que tinham ido fazer algum reparo nos esgotos. Gostaria de ter estado ali com eles. Deve ter sido divertido pra valer. E acho que deu tudo certo, pois no dia seguinte Pedro nos mandou um telegrama (é um tipo de recado, senhor; qualquer hora dessas eu lhe explico), dizendo que havia conseguido os anéis. No dia seguinte, Jill e eu teríamos de voltar para a escola; do grupo todo, somos os únicos que ainda estudam, e estamos na mesma escola. Ficou combinado que Pedro e Edmundo nos encontrariam num determinado lugar a caminho da escola, para nos entregar os anéis. Tinha de ser nós dois, pois os mais velhos já não podiam mais vir a Nárnia. Assim, embarcamos no trem (uma coisa que as pessoas usam para viajar em nosso mundo: uma porção de vagões engatados um no outro). O professor, tia Polly e Lúcia vieram conosco, pois queríamos ficar todos juntos, o máximo de tempo possível. Pois bem, lá estávamos nós no trem. Ao chegarmos à estação onde os outros deveriam nos encontrar, pus-me a olhar pela janela para ver se conseguia avistá-los, quando, de repente, veio um tremendo solavanco e um barulhão. E aí nos achamos em Nárnia e vimos Sua Majestade amarrado àquela árvore.

– Quer dizer que vocês nem usaram os anéis?

– Não – disse Eustáquio. – Nem sequer os vimos. Aslam fez tudo por nós à sua própria maneira, sem anel algum.

– Mas o rei Pedro deve estar com os anéis – disse Tirian.

– Sim – respondeu Jill. – Mas não creio que possa utilizá-los. Quando os outros dois (quer dizer, o rei Edmundo e a rainha Lúcia) estiveram aqui a última vez, Aslam lhes disse que eles nunca mais voltariam a Nárnia. E disse a mesma coisa ao Grande Rei, só que há muito mais tempo. Eu lhe garanto que, se Aslam deixasse, ele viria que nem uma bala!

– Caramba! – queixou-se Eustáquio. – Este sol está ficando quente. Já estamos chegando, senhor?

– Vejam! – disse Tirian, apontando à frente. Não muito adiante deles erguiam-se umas muralhas cinzentas acima do topo das árvores. Depois de andarem alguns minutos deram com uma clareira toda coberta de grama, onde

corria um pequeno riacho. No extremo deste, via-se uma torre baixa e quadrada, com umas poucas janelas estreitas e, na parede de frente, uma porta que parecia bem pesada.

Tirian olhou cuidadosamente para um lado e para o outro, certificando-se de que não havia nenhum inimigo à vista. Então dirigiu-se para a torre e ficou uns minutos parado, tentando pegar um molho de chaves que usava por baixo do traje de caça, preso a uma correntinha de prata que ele trazia ao pescoço. Era um belo molho de chaves: duas eram de ouro e havia várias outras ricamente enfeitadas. Via-se logo que eram chaves feitas para abrir salas solenes e secretas de algum palácio, ou gavetas e cofres de madeira perfumada contendo tesouros reais. No entanto, a chave que ele meteu na fechadura da porta era uma chave comum, grande e rústica. A fechadura estava emperrada e por um momento Tirian chegou a temer que a chave não girasse; finalmente, porém, conseguiu movê-la, e a porta se abriu com um rangido.

– Bem-vindos, amigos – disse ele. – Temo que, no momento, seja este o melhor palácio que o rei de Nárnia pode oferecer aos seus convidados.

Tirian ficou contente ao notar que os dois hóspedes eram bem-educados. Ambos disseram que não falasse assim, que tinham certeza de que aquele era um ótimo lugar. Mas, para falar a verdade, não era *tão* bom assim. Era muito escuro e tinha um terrível cheiro de umidade. Havia apenas um compartimento, que ia dar direto no telhado de pedra. Uma escadaria de madeira em um canto dava para um alçapão por onde se podia chegar às muralhas. Para dormir, havia alguns beliches bem rústicos encravados na parede. Um monte de baús trancados e uma infinidade de embrulhos espalhavam-se pelo chão. Havia também uma lareira que, pelo jeito, não via fogo há anos e anos.

– Acho melhor a gente sair e ajuntar alguma lenha primeiro – observou Jill.

– Ainda não, minha amiga – disse Tirian. Ele não queria correr o risco de serem pegos desarmados. Por isso começou a remexer nos baús, lembrando com gratidão que sempre tivera o cuidado de mandar inspecionar aquelas torres de guarnição pelo menos uma vez por ano, para garantir que elas se mantivessem devidamente estocadas com todo o necessário. Ali estavam os arcos com as cordas sedosas e cuidadosamente lustradas com óleo; as espadas e as lanças estavam untadas para não enferrujar, e as armaduras brilhavam dentro das caixas. Havia uma coisa, porém, que era ainda melhor.

– Olhem aqui – disse Tirian, tirando uma comprida cota de malha de um modelo muito curioso e fazendo-a brilhar ante os olhos das crianças.

– Que malha mais engraçada, senhor! – disse Eustáquio.

– De fato, meu jovem – concordou Tirian. – Ela não foi feita por nenhum

anão narniano. É uma malha da Calormânia, porcaria estrangeira. Sempre conservei algumas dessas vestimentas em prontidão, pois nunca se sabe quando será preciso passar pelas terras do Tisroc sem ser visto. E vejam só esta garrafa de pedra. Aqui dentro tem um líquido que, esfregado no rosto e nas mãos, faz a gente ficar moreno como os calormanos.

– Oba! – exclamou Jill. – Um disfarce! Adoro disfarces!

Tirian mostrou-lhes como pingar um pouquinho do líquido na palma da mão e depois esfregar no rosto e no pescoço, descendo para os ombros, fazendo depois o mesmo nas mãos e cotovelos. Ele mesmo se besuntou também.

– Depois que isto seca na pele – explicou ele –, pode-se até lavar que a cor não muda. Só com óleo e cinza se fica branco de novo. E agora, Jill querida, vamos ver como fica esta malha em você. É um pouco comprida, mas não tanto quanto eu pensei. Sem dúvida, pertenceu a algum pajem do séquito de um dos tarcaãs calormanos.

Depois de vestir as cotas de malha, colocaram uns elmos calormanos, pequenos e redondos, que encaixam bem na cabeça e têm uma ponta no alto. Em seguida, Tirian tirou do baú uns rolos compridos de uma coisa branca e foi enrolando por cima dos elmos até que estes viraram turbantes; mesmo assim, a pontinha do elmo ainda aparecia. Ele e Eustáquio armaram-se com espadas curvas calormanas e escudos pequenos e redondos. Como não havia uma espada que fosse leve o bastante para Jill, o rei deu-lhe uma faca de caça comprida e reta; em caso de emergência, esta lhe serviria de espada.

– Sabe manejar o arco, senhorita? – perguntou o rei.

– Não muito bem – respondeu a menina, corando. – Eustáquio é que é bom nisso.

– Conversa dela, senhor – disse Eustáquio. – Nós dois praticamos arco e flecha desde que voltamos de Nárnia a última vez, e ela é quase tão boa quanto eu. Não que a gente seja tão bom, mas…

Então Tirian entregou a Jill um arco e uma aljava cheia de flechas. Agora era tratar de acender um fogo, pois, por dentro, aquela torre mais parecia uma caverna do que uma casa, e dava até calafrios. Mas só de juntar lenha eles já se aqueceram (agora o sol já estava a pino); e quando as labaredas começaram a crepitar chaminé acima o lugar ficou até agradável. O almoço, no entanto, foi uma comida muito sem graça, pois o máximo que conseguiram fazer foi picar umas bolachas duras, que acharam num dos baús, e colocá-las para ferver com água e sal, fazendo uma espécie de mingau. Para beber, é óbvio, nada além de água.

– Ah, se eu tivesse trazido uns saquinhos de chá! – suspirou Jill.

– Ou uma lata de chocolate em pó – acrescentou Eustáquio.

– Até que não seria mau se a gente achasse um barril de vinho nessas torres – disse Tirian.

CAPÍTULO SEIS

UM BOM TRABALHO NOTURNO



Só umas quatro horas mais tarde Tirian atirou-se num dos beliches para tirar uma soneca. As duas crianças já estavam roncando: ele as fizera ir para a cama mais cedo porque teriam de ficar acordadas a maior parte da noite, e Tirian sabia que, sem dormir, crianças daquela idade não aguentariam. Além disso, deixara os dois cansados demais. Primeiro tinha treinado arco e flecha com Jill e descobrira que, embora não atingisse os padrões narnianos, ela de fato não era tão ruim assim. Na verdade, conseguira acertar um coelho (não um coelho falante, é claro; naquela região de Nárnia existem muitos coelhos comuns), que já estava sem o couro, limpo e dependurado. Tirian descobrira que as duas crianças sabiam tudo sobre esse trabalho deprimente e malcheiroso, que haviam aprendido na sua grande viagem pela terra dos gigantes, nos dias do príncipe Rilian. Em seguida, tentara ensinar Eustáquio a usar a espada e o escudo. O menino já aprendera bastante sobre o uso da espada lutando nas suas primeiras aventuras, mas ele só conhecia a espada reta narniana. Nunca havia manejado uma cimitarra calormana, e não foi nada fácil, pois muitos dos golpes são completamente diferentes, e alguns hábitos que ele adquirira usando a espada comprida tinham de ser aprendidos de novo. Tirian percebeu, no entanto, que ele tinha bom olho e era muito rápido com os pés. Ficou surpreso com a força das duas crianças: na verdade, ambas pareciam agora muito mais fortes, maiores e mais maduras do que quando as encontrara pela primeira vez, poucas horas atrás. Esse é um dos efeitos que a atmosfera de Nárnia produz nos visitantes do nosso mundo.

Os três concordaram que a primeira coisa a fazer era voltar à Colina do Estábulo e tentar libertar Precioso, o unicórnio. Depois, se fossem bem-sucedidos, fugiriam para o leste, ao encontro do pequeno exército que Passofirme, o centauro, estaria trazendo de Cair Paravel.

Um guerreiro e caçador experiente como Tirian jamais tem dificuldade de

despertar à hora que deseja. Assim, depois de ter dito a si mesmo que acordaria às nove horas da noite, deixou todas as preocupações de lado e adormeceu no mesmo instante. Quando despertou, teve a impressão de que haviam transcorrido não mais que alguns minutos, mas sabia, pela luminosidade e pelo próprio aspecto das coisas, que dormira exatamente o tempo que havia determinado. Levantou-se, colocou o elmo-turbante (ele dormira com a cota de malha) e então sacudiu as crianças para acordá-las. A bem da verdade, elas pareciam muito desoladas e abatidas quando saltaram dos beliches onde dormiam, bocejando muito.

– Bem – disse Tirian –, daqui vamos para o Norte. Por sorte, a noite está estrelada, e nossa jornada agora será bem mais curta, pois esta manhã nos desviamos muito, ao passo que agora iremos direto. Se formos interpelados, mantenham a calma; farei o possível para falar como um detestável, cruel e orgulhoso lorde calormano. Se eu puxar a espada, Eustáquio, faça o mesmo; e você, Jill, coloque-se atrás e fique com o arco a postos. Mas se eu gritar "Para casa", então fujam para a torre. E, quando eu tiver dado o sinal de retirada, não tentem lutar – nem um golpe sequer –, pois esse tipo de falsa bravura em guerras já arruinou muitos planos excelentes. E agora sigamos, amigos, em nome de Aslam.

Então saíram na noite fria. Todas as grandes estrelas setentrionais flamejavam acima do topo das árvores. A estrela polar em Nárnia é chamada de Ponta da Lança e brilha mais do que a nossa.

Por algum tempo seguiram em linha reta, na direção da Ponta da Lança, mas então, tendo chegado a uma mata espessa, tiveram de desviar-se de seu curso para contorná-la. Depois disso ficou difícil retomar o curso, pois os galhos ainda atrapalhavam sua visão. Foi Jill que os levou de volta ao caminho correto: na Inglaterra ela fora uma excelente bandeirante. E, obviamente, conhecia muito bem as estrelas de Nárnia, pois viajara muito pelas terras desérticas do Norte e podia encontrar a direção das outras estrelas, mesmo quando a Ponta da Lança estava oculta. Ao perceber que ela era o melhor rastreador dos três, Tirian colocou-a à frente. E ficou espantado ao ver quão silenciosamente ela deslizava na frente deles, quase como se fosse invisível.

– Pela Juba do Leão! – murmurou, dirigindo-se a Eustáquio. – Essa garota é uma extraordinária dama dos bosques. Se tivesse sangue de dríade nas veias, dificilmente faria isso melhor.

– O que ajuda é que ela é pequena – sussurrou Eustáquio de volta. Jill, à frente, apenas disse:

– Psiu! Não façam barulho.

Ao redor deles, a floresta estava muito quieta. Na verdade, quieta demais. Numa noite comum, ali em Nárnia, estariam ouvindo ruídos – de quando em quando, um cordial “boa noite” de um ouriço, o grito de uma coruja vindo do alto, talvez o som de uma flauta à distância a dizer que os faunos dançavam, ou o barulho latejante das marteladas dos anões embaixo da terra. Mas tudo estava em silêncio: escuridão e medo reinavam em Nárnia.

Após algum tempo, iniciaram a íngreme caminhada colina acima; as árvores cresciam cada vez mais afastadas umas das outras. Ainda que indistintamente, Tirian já podia divisar o topo da colina e o estábulo. Jill seguia agora com mais cautela, e o tempo todo fazia sinais com a mão para que os outros fizessem o mesmo. Então parou, totalmente imóvel, e Tirian viu-a afundar-se na grama e desaparecer sem o menor ruído.

Daí a alguns instantes ela estava de volta e, chegando a boca bem pertinho do ouvido de Tirian, sussurrou o mais baixo possível: “Abaixe-se! Dá para ver melhor!”

Tirian abaixou-se rápido, quase tão silencioso quanto Jill, mas não tanto, pois era mais velho e mais pesado.

Daquela posição, deitado no chão, avistou dois vultos negros recortados contra o céu coberto de estrelas: um era o estábulo e o outro, poucos metros adiante, um sentinela calormano. O homem montava uma péssima guarda: não estava andando, nem sequer de pé, mas sentado, com a lança recostada ao ombro e o queixo afundado no peito. “Ótimo!”, disse Tirian a Jill. Ela lhe mostrara exatamente o que ele precisava saber.

Então eles se levantaram e Tirian retomou a liderança. Com muito cuidado, mal ousando respirar, encaminharam-se lentamente para um pequeno amontoado de árvores que ficava a uns poucos metros de onde estava o sentinela.

– Esperem aqui até eu voltar – sussurrou ele para os dois. Se eu fracassar, fujam.

Então saiu caminhando decididamente, a plena vista do inimigo. Ao vê-lo, o homem estremeceu e já ia dar um pulo para ficar de pé, pensando que era um dos seus próprios oficiais e que ele estava em apuros por encontrar-se sentado. Antes, porém, que conseguisse pôr-se de pé, Tirian já havia se ajoelhado sobre uma perna, ao seu lado, dizendo:

– És um guerreiro do Tisroc (que ele viva para sempre)? Meu coração alegra-se por encontrar-te aqui entre todos esses animais e demônios de Nárnia. Dá-me tua mão, amigo.

Antes que pudesse dar-se conta do que estava acontecendo, o guarda calormano sentiu sua mão direita dominada por um poderoso aperto de mão. E,

logo a seguir, alguém ajoelhou-se sobre as suas pernas, e ele sentiu a pressão de uma adaga contra o pescoço:

– Um ruído e você está morto – disse-lhe Tirian ao ouvido. – Diga-me onde está o unicórnio, se quiser continuar vivo.

– A-a-trás do estábulo, gr-grande m-mestre – gaguejou o infeliz.

– Ótimo. Levante-se e leve-me até lá.

O homem ergueu-se, sempre com a ponta da adaga encostada ao pescoço. Esta só se moveu (fria e fazendo cócegas) quando Tirian passou para trás dele, colocando-a num ponto estratégico, abaixo da orelha. Tremendo de medo, ele deu a volta e dirigiu-se para trás do estábulo.

Embora estivesse escuro, Tirian logo enxergou o vulto branco de Precioso.

– Silêncio! – disse ele. – Não relinche! Sim, Precioso, sou eu mesmo. Como é que o prenderam?

– Pearam-me as quatro patas e puseram-me umas rédeas amarradas a uma campainha na parede do estábulo – ouviu-se a voz de Precioso.

– Sentinela, fique aqui, com as costas contra a parede. Assim. Agora, Precioso, encoste a ponta do seu chifre contra o peito desse calormano.

– Com todo o prazer, senhor – disse o unicórnio.

– Se ele se mexer, espete-lhe o coração.

Em poucos minutos, Tirian cortou as cordas. Com o que conseguiu aproveitar delas amarrou o sentinela, atando-lhe as mãos aos pés. Finalmente, fez o homem abrir a boca, entulhou-a de capim e, em seguida, amordaçou-o de tal forma que lhe seria impossível fazer qualquer ruído; depois colocou-o sentado no chão, de costas contra a parede.

– Fui um pouco indelicado com você, soldado – disse Tirian. – Mas eu precisava fazer isso. Caso nos encontremos de novo, espero poder tratá-lo um pouco melhor. E agora, Precioso, vamos sair daqui, com cuidado.

Tirian passou o braço esquerdo em volta do pescoço do animal, inclinou-se e beijou-lhe o focinho; estavam ambos muito felizes. Tão silenciosamente quanto possível, voltaram para o lugar onde Tirian havia deixado as crianças. Embaixo das árvores estava muito mais escuro, e ele quase esbarrou em Eustáquio antes de enxergá-lo.

– Tudo bem – sussurrou. – Um bom trabalho noturno. Agora, para casa.

Viraram-se e já haviam dado alguns passos quando Eustáquio chamou:

– Jill, onde está você? – Ninguém respondeu. – Senhor, por acaso Jill está do seu lado? – perguntou.

– O quê?! – disse Tirian. – Pensei que ela estivesse do *seu* lado!

Foi um momento terrível. Não ousaram gritar, mas sussurravam o nome dela o mais alto possível. Ninguém respondia.

– Ela saiu de perto de você enquanto eu estava fora? – perguntou Tirian.

– Não vi nem escutei nada – respondeu Eustáquio. – Mas ela pode muito bem ter saído sem eu perceber. Ela é silenciosa como um gato; você mesmo viu.

Naquele momento eles escutaram um longínquo rufar de tambores. Precioso inclinou as orelhas para a frente.

– Anões – disse ele.

– E são anões traiçoeiros, inimigos, muito provavelmente – murmurou Tirian.

– E aí vem algum bicho de cascos, muito mais perto – disse Precioso.

Os dois humanos e o unicórnio ficaram imóveis como defuntos. Agora havia tantas coisas com que se preocupar que nem sabiam o que fazer. O barulho dos cascos foi chegando mais perto. Então, bem pertinho deles, uma voz sussurrou:

– Ei, vocês! Estão todos aí?

Que alívio! Era Jill.

– Em que buraco você se meteu? – estourou Eustáquio, num furioso cochicho, pois ficara morto de medo.

– No estábulo – ofegou Jill, com uma voz que parecia a de alguém que está se segurando para não dar uma gargalhada.

– Ah, é?! – resmungou Eustáquio, indignado. – E você ainda acha engraçado, hein? Pois só quero dizer que…

– Conseguiu libertar Precioso, senhor? – perguntou Jill ao rei.

– Sim. Ele está aqui. E que animal é esse que está com você?

– É *ele* – respondeu Jill. – Mas vamos embora antes que alguém desperte. – E ouviram-se novamente pequenas explosões de riso.

Os outros obedeceram imediatamente, pois já haviam demorado demais naquele lugar perigoso, e os tambores dos anões pareciam estar cada vez mais perto. Só depois de andarem um bom tempo rumo ao Sul é que Eustáquio falou:

– Você trouxe *ele*? Que história é essa?

– O falso Aslam – disse Jill.

– O quê?! – exclamou Tirian. – Onde você estava? O que você fez?

– Bem, senhor – respondeu Jill. – Assim que eu vi que o sentinela estava fora de combate, pensei que seria bom dar uma olhadinha no estábulo para ver *o que* realmente havia lá. Naturalmente, estava muito escuro ali dentro e cheirava a estábulo como qualquer outro. Então acendi um fósforo e… adivinhem o que vi? Nada mais, nada menos que este velho jumento, com uma pele de leão amarrada às costas! Aí peguei a minha faca e disse-lhe que ele tinha de vir comigo. Para

falar a verdade, eu nem precisava tê-lo ameaçado com a faca. Ele estava *cheio* do estábulo e prontinho para me acompanhar – não é, Confuso?

– Papagaios! – exclamou Eustáquio. – Devo estar biruta. Ainda agorinha estava louco da vida com você, e ainda acho que foi sujeira sua sumir daqui sem a gente. Mas devo admitir… quer dizer… bem, o que você fez foi realmente incrível. Se ela fosse um menino merecia ser armada cavaleiro, não acha, senhor?

– Se ela fosse um menino – respondeu Tirian –, ia é levar uma bronca por ter desobedecido às minhas ordens. – Naquela escuridão, não dava para ver se ele dissera aquilo com uma carranca ou um sorriso. Logo a seguir ouviu-se um ruído de metal sendo amolado.

– O que está fazendo, senhor? – perguntou Precioso, desconfiado.

– Amolando a minha espada para decepar a cabeça desse asno maldito – respondeu Tirian, com uma voz terrível. – Saia daí, garota!

– Oh, não! Por favor, não! – exclamou Jill. – Não pode fazer isso. Não foi culpa dele. Foi tudo invenção daquele macaco. Ele não sabia de nada e sente muito pelo que aconteceu. Ele é um jumento muito bom. O nome dele é Confuso. E eu já estou abraçada ao pescoço dele. E…

– Jill – disse Tirian –, você é a mais corajosa e a mais entendida em florestas dentre todos os meus súditos. Mas é também a mais atrevida e desobediente. Pois bem: que o asno fique vivo. O que tem a dizer em seu favor, asno?

– Eu, senhor? – ouviu-se a voz do jumento. – Só sei que sinto muito mesmo se fiz alguma coisa errada. O macaco me disse que Aslam queria que eu me vestisse daquele jeito. E eu achava que ele é que devia saber. Não sou inteligente como ele. Fiz apenas o que me mandaram. Não teve graça nenhuma para mim ficar o tempo todo dentro daquele estábulo. E nem mesmo sei o que anda acontecendo aqui fora. Ele nem me deixava sair, a não ser por um ou dois minutos, à noite. Tinha dias que até se esqueciam de me dar água…

– Senhor – disse Precioso –, aqueles anões estão chegando cada vez mais perto. Vamos deixar que nos alcancem?

Tirian pensou um pouco e de repente soltou uma enorme gargalhada. Então falou, agora sem cochichar, mas em voz bem alta.

– Pela Juba do Leão! – exclamou. – Devo estar ficando retardado. Encontrá-los? Mas é claro que vamos encontrá-los! Agora podemos encontrar qualquer pessoa. Temos conosco este asno para lhes mostrar. Eles precisam ver a *coisa* que tanto temeram e a quem reverenciaram. Podemos contar-lhes a verdade sobre a vil trapaça do macaco. Descobrimos o segredo dele. Agora as coisas mudaram. Amanhã mesmo vamos pendurar aquele macaco na árvore mais alta

de Nárnia. Chega de cochichos, covardia e disfarces. Onde estão esses simpáticos anões? Temos boas-novas para eles!

Quando a gente passa horas e horas cochichando, o simples fato de alguém falar em voz alta tem um efeito incrivelmente animador. A turma inteira começou a conversar e a rir; até Confuso ergueu a cabeça e soltou um comprido zurro, coisa que o macaco não lhe permitira fazer havia muito tempo. Então seguiram na direção dos tambores. O barulho foi ficando cada vez mais forte e logo enxergaram também luzes de tochas. Foram dar numa dessas estradas esburacadas (se fosse na Inglaterra, dificilmente se chamaria aquilo de estrada) que levam ao Ermo do Lampião. E ali, marchando pesadamente caminho afora, vinham cerca de trinta anões, todos carregando no ombro suas enxadinhas e picaretas. Dois calormanos armados comandavam a fila e dois outros guardavam a retaguarda.

– Parem! – bradou Tirian, ao sair na estrada. – Parem, soldados! Para onde estão levando esses anões narnianos, e por ordem de quem?

CAPÍTULO SETE

VIVAM OS ANÕES!



Ao ver o que eles pensaram ser um tarcaã ou um grande lorde acompanhado de dois pajens armados, os dois soldados calormanos que comandavam o grupo pararam e ergueram as lanças, com uma reverência.

– Salve, mestre – disse um deles. – Estamos levando esses anões para a Calormânia, a fim de trabalharem nas minas do Tisroc (que ele viva para sempre!).

– Pelo grande deus Tash! Como são obedientes! – disse Tirian. E de repente voltou-se para os próprios anões. De cada seis deles, um carregava uma tocha; e por aquela luz bruxuleante viam-se seus rostos barbudos, todos olhando para ele com expressão dura e obstinada.

– Terá o Tisroc porventura empreendido uma grande batalha, conquistando a terra de vocês, anões? – perguntou. – Por que caminham assim tão passivos para a morte nas minas de sal de Pugrahan?

Os dois soldados fitaram-no, surpresos; mas todos os anões responderam:

– Ordens de Aslam, senhor, ordens de Aslam. Ele nos vendeu. O que podemos fazer contra *ele*?

– Grande porcaria, o Tisroc! – resmungou um deles, com uma cusparada. – Ele que se atrevesse para ver!

– Cala a boca, seu cachorro! – berrou o soldado-chefe.

– Olhem aqui – disse Tirian, empurrando Confuso na direção da luz. – É tudo trapaça! Aslam não esteve em Nárnia coisíssima nenhuma. Vocês foram todos tapeados por aquele macaco. Era *isto aqui* que ele tirava do estábulo para mostrar a vocês. Olhem bem!

O que os anões viram, agora bem de perto, foi o suficiente: como era possível terem sido enganados daquele jeito? Depois de todo aquele tempo preso dentro do estábulo, a pele de leão já tinha se soltado toda do corpo de Confuso e, com a caminhada pela mata escura, estava toda torta e desajeitada. A maior parte encontrava-se embolada por cima de um de seus ombros. A cabeça, além de caída para um lado, estava tão afastada para trás que qualquer um podia ver por trás dela a cara ingênua, tola e bondosa do jumento. Num canto da boca havia uma porção de capim, pois, durante a caminhada, ele aproveitara para dar umas mordiscadas na grama.

– Não tive culpa de nada… Não sou muito esperto. Nunca disse que eu era *ele*… – resmungava baixinho o jumento.

Os anões fitaram Confuso por um instante, de olhos arregalados e boca escancarada. De repente, um dos soldados disse, rispidamente:

– Estás louco, meu mestre?! O que estás fazendo com os escravos?

– Quem és tu? – perguntou o outro.

Nenhuma das lanças agora erguia-se em saudação; ambas estavam abaixadas e prontas para a ação.

– Qual é a senha? – disse o soldado-chefe.

– Esta é a minha senha – exclamou o rei, sacando a espada. – *Dissipem-se as trevas da mentira e brilhe a luz da verdade!* Agora, canalha, em guarda, pois sou Tirian de Nárnia!

O rei partiu como um raio para cima do soldado-chefe. Eustáquio, que já havia sacado a espada, ao ver Tirian fazer o mesmo, avançou contra o outro soldado: seu rosto estava pálido como o de um defunto e com toda a razão. Mas ele teve a sorte que muitas vezes têm os principiantes: esquecendo-se de tudo que Tirian lhe havia ensinado naquela tarde, saiu golpeando selvagemente (para dizer a verdade, acho até que ele estava de olhos fechados) e, de repente, para sua própria surpresa, descobriu que o calormano jazia morto aos seus pés. Se, por um lado, isso lhe trouxe um grande alívio, naquele momento, porém, foi muito mais assustador. A luta do rei durou um ou dois segundos mais e logo também ele havia matado seu adversário, gritando para Eustáquio: “Cuidado com os outros dois!” Mas os anões já haviam dado um jeito nos dois calormanos restantes. Não havia mais inimigos.

– Bela luta, Eustáquio! – exclamou o rei, dando-lhe um tapinha nas costas. – Agora, anões, vocês estão livres. Amanhã eu os comandarei para libertarmos Nárnia inteira. Três vivas para Aslam!

O que aconteceu a seguir, porém, foi a maior decepção. Houve uma leve tentativa por parte de alguns anões (talvez uns cinco), mas que de repente se

desvaneceu totalmente. Outros soltaram apenas um rosnado mal-humorado. Muitos deles não disseram absolutamente nada.

– Será que não entenderam? – estranhou Jill, impaciente. – O que é que há de errado com vocês, anões? Não ouviram o que o rei disse? Está tudo acabado. O macaco não vai mais governar Nárnia. Todo mundo pode voltar à sua vida de sempre. Podem divertir-se à vontade de novo. Não estão contentes com isso?

Após um breve silêncio, ouviu-se a voz não muito agradável de um anão de barba e cabelos pretos cheios de fuligem:

– Posso saber quem é a senhorita?

– Sou Jill – respondeu ela. – A mesma Jill que libertou o rei Rilian do encantamento. E este aqui é Eustáquio, que estava comigo também. Estamos voltando do nosso mundo após centenas de anos, e viemos a mando de Aslam.

Todos os anões se entreolharam com um sorriso – não um sorriso de alegria, mas de malícia e zombaria.

– Escutem aqui, meus chapas – disse o anão negro, cujo nome era Grifo –, não sei quanto a vocês, mas já estou *cheio* dessa história de Aslam. Já escutei sobre ele mais do que gostaria de ouvir para o resto da vida.

– Isso mesmo, isso mesmo! – rosnaram os outros anões. – Tudo não passa de trapaça, uma maldita trapaça!

– O que querem dizer com isso? – exclamou Tirian. Durante toda a luta ele não empalidecera uma única vez; agora, porém, seu rosto estava lívido. Imaginara que aquele seria um momento lindo. Em vez disso, começava a parecer um pesadelo.

– Vocês devem estar pensando que somos fracos da bola, isso, sim – disse Grifo. – Já fomos enrolados uma vez e agora querem nos enganar de novo. Não queremos mais saber de conversa sobre Aslam. Vejam só! Olhem para ele! Um burro velho de orelhas compridas!

– Pela madrugada! Vocês estão me deixando maluco! – disse Tirian. – Quem foi que disse que *isto* é Aslam? Isto é apenas a imitação que o macaco fez de Aslam. Será que não compreendem?

– E, pelo jeito, você conseguiu uma imitação ainda melhor! – retrucou Grifo. – Não, muito obrigado. Já nos fizeram de bobos uma vez e ninguém vai nos enganar de novo.

– Não enganei ninguém! – explodiu Tirian, com raiva. – Eu sirvo ao verdadeiro Aslam!

– E onde está ele? Quem é ele? Queremos vê-lo! – gritaram vários anões.

– Vocês acham que eu o tenho guardado no bolso, seus idiotas?! – disse

Tirian. – Quem sou eu para fazer Aslam aparecer *assim*, com uma simples ordem minha? Ele não é um leão domesticado!

Ao dizer isso, Tirian percebeu que cometera um erro. No mesmo instante, os anões começaram a repetir em coro, em tom de chacota:

– Não é domesticado! Não é domesticado!

– Era isso mesmo que aquele outro vivia dizendo! – acrescentou um deles.

– Quer dizer, então, que não acreditam no verdadeiro Aslam? – disse Jill. – Mas eu já o vi! Foi ele quem nos enviou para cá, vindos de um mundo diferente deste.

– Mas é claro! – disse Grifo com um largo sorriso de mofa. – Isso é o que *você* diz. Eles lhe ensinaram direitinho toda essa baboseira. Está repetindo a lição, não é, queridinha?

– Seu estúpido! – exclamou Tirian. – Ousa chamar uma senhorita de mentirosa, assim na frente dela?

– Acho bom falar com mais jeito, senhor! – replicou o anão. – Aliás, acho que não queremos mais rei nenhum – se é que você é Tirian, o que eu duvido muito. E não queremos mais saber de Aslans nem de coisa alguma. Daqui para a frente vamos é tratar de nossa própria vida, sem prestar reverência a ninguém. Não é mesmo, pessoal?

– É isso mesmo! – responderam os outros anões. – Vamos viver por nossa própria conta. Chega de Aslam, chega de reis e de conversas-fiadas sobre outros mundos. Vivam os anões!

Então começaram a formar fila novamente, aprontando-se para marchar de volta para o lugar (sabe-se lá onde) do qual tinham vindo.

– Criaturinhas abomináveis – berrou Eustáquio. – Não vão nem agradecer por terem sido salvos de ir para as minas de sal?

– Ora, já entendemos tudo! – resmungou Grifo por cima dos ombros. – Vocês só queriam nos usar, por isso nos libertaram. Nós é que não vamos entrar no seu jogo. Vamos embora, companheiros!

Agora o grupo inteiro seguia em silêncio. Confuso continuava muito infeliz e ainda não conseguia entender absolutamente nada do que estava acontecendo. Jill, apesar de decepcionada com os anões, estava muito impressionada com a vitória de Eustáquio sobre o calormano, mas também um pouco assustada. Quanto a Eustáquio, seu coração ainda batia descompassadamente. Tirian e Precioso, muito tristes, vinham bem atrás, caminhando lado a lado. O rei passara o braço pelo pescoço do unicórnio, e este de vez em quando acariciava o rosto do amigo com o focinho macio. Ninguém tentava consolar um ao outro com palavras. Naquele momento, não era nada fácil pensar em algo confortador para

dizer. Tirian nunca imaginara que o fato de um macaco inventar um falso Aslam pudesse levar as pessoas a deixar de acreditar no verdadeiro Aslam. No momento em que contara aos anões que haviam sido ludibriados, quase tivera a certeza de que eles tomariam o seu partido. Seu plano era levá-los, na noite seguinte, até a Colina do Estábulo e mostrar Confuso para todas as criaturas; aí todos se voltariam contra o macaco e, provavelmente depois de uma boa luta com os calormanos, tudo chegaria ao fim. Agora, porém, pelo que tudo indicava, já não podia contar com nada mais. Quantos outros narnianos acabariam seguindo o exemplo dos anões?

– Acho que tem alguém nos seguindo – disse Confuso, de repente.

Pararam para escutar. Agora tinham certeza de terem ouvido uns passinhos miúdos atrás deles.

– Quem vem aí? – gritou o rei.

– Sou eu, senhor – ouviu-se uma voz. – Apenas eu, o anão Poggin. Acabo de me safar dos outros. Estou do seu lado, senhor, e também do lado de Aslam. Se houver por aí uma espada de anão que eu possa usar, terei todo o prazer em distribuir uns bons golpes por aí, antes que tudo se acabe.

Todo mundo se reuniu ao redor dele, dando-lhe boas-vindas, elogiando-o e dando-lhe tapinhas nas costas. É claro que um anão a mais não iria fazer muita diferença, mas bem que era animador contar com pelo menos um deles. O grupo inteiro se iluminou de novo. Mas a alegria de Jill e Eustáquio não durou muito, pois logo começaram a bocejar e cochilar: estavam tão cansados que não conseguiam pensar em outra coisa a não ser na cama.

Foi na hora mais fria da noite, justamente antes do alvorecer, que alcançaram a torre novamente. Bem que gostariam de ter encontrado uma refeição prontinha à sua espera. Agora, porém, nem queriam pensar no trabalho e no tempo que gastariam preparando algo para comer. Após beberem água da fonte e lavarem o rosto, atiraram-se nos beliches: todos, menos Confuso e Precioso, que disseram sentir-se mais à vontade lá fora. E acho que foi bem melhor assim, pois um unicórnio e um jumento gordo e grandão dentro de casa sempre fazem o lugar parecer cheio demais.

Os anões narnianos, embora não tenham mais que um metro de altura, são, considerando-se o seu tamanho, as criaturas mais fortes e resistentes que existem; tanto assim que Poggin, apesar de ter tido um dia duríssimo e haver dormido tarde, foi o primeiro a despertar, totalmente recuperado. Sem hesitar, pegou o arco de Jill, saiu e caçou uma porção de patos selvagens. Depois foi sentar-se ao pé da escada e ficou batendo papo com Confuso e Precioso, enquanto depenava os patos. Confuso parecia sentir-se consideravelmente

melhor naquela manhã. Sendo um unicórnio e, portanto, um animal muito nobre e gentil, Precioso fora muito amável com ele, conversando sobre coisas de que ambos entendiam, como capim, torrões de açúcar ou como cuidar dos cascos. Quando, por volta das dez e meia, Jill e Eustáquio saíram da torre, ainda bocejando e esfregando os olhos, o anão mostrou-lhes onde poderiam colher punhados de uma erva narniana chamada frésia-silvestre, que mais se parece com a nossa azedinha mas é muito mais gostosa quando cozida. (Para ficar mesmo deliciosa é preciso um pouco de manteiga e pimenta, mas isso eles não tinham no momento.) Assim, pegando uma coisinha aqui, outra ali, acabaram juntando os ingredientes para fazer um bom cozido para o café ou almoço, ou seja lá o que se quisesse chamar àquela hora do dia. Tirian avançou um pouco mais floresta adentro e voltou com galhos secos para fazer lenha. Enquanto a comida cozinhava (o que lhes pareceu um tempo enorme, especialmente quando o cheiro começou a se alastrar, cada vez mais delicioso), o rei foi providenciar um traje completo para Poggin: cota de malha, elmo, escudo, espada, cinto e uma adaga. Depois foi dar uma olhada na espada de Eustáquio e descobriu que este a colocara de volta na bainha toda lambuzada de sangue do calormano. O rei o repreendeu e o fez limpar e polir a espada de novo.

Enquanto isso, Jill caminhava de um lado para outro, ora mexendo a panela, ora olhando com inveja para o unicórnio e o jumento, que pastavam, felizes da vida. “Ah, se eu também pudesse comer capim!”, pensou ela inúmeras vezes naquela manhã.

Mas quando chegou a hora da refeição todo mundo achou que valera a pena esperar, e todos se serviram mais de uma vez. Depois de comerem até se fartar, os três humanos e o anão foram sentar-se nos degraus; os quadrúpedes deitaram-se no chão, de frente para eles. O anão (com permissão de Tirian e Jill) acendeu seu cachimbo.

– Agora, Poggin – disse o rei –, conte-nos tudo o que sabe sobre o inimigo. Em primeiro lugar, como é que explicaram a minha fuga?

– Inventaram a história mais absurda que se poderia imaginar, senhor – disse Poggin. – Quem contou foi o gato Ruivo, e garanto que foi ele mesmo quem inventou tudo. Nunca vi gato mais velhaco do que esse tal de Ruivo. Pois ele disse que ia passando pela árvore à qual o haviam amarrado, senhor, e que Vossa Majestade estava resmungando, praguejando e amaldiçoando Aslam. “Numa linguagem que eu não ouso repetir”, foram as palavras que ele usou, todo empertigado e cheio de si… Vossa Alteza bem sabe como um gato pode ser metido a importante quando quer. E então, contou Ruivo, o próprio Aslam apareceu de repente, num clarão de luz, e devorou Vossa Majestade. Só de ouvir

essa história, todos os animais estremeceram e houve até quem desmaiasse na mesma hora. E o macaco, é óbvio, aproveitou-se direitinho da situação, advertindo: “Viram só o que Aslam faz com quem não o respeita? Que isto sirva de aviso para todos vocês.” As pobres criaturas se lamentaram e choraram, mas aquiesceram. Como vê, senhor, sua fuga não os levou a pensar que ainda existem amigos leais que podem ajudá-los; ao contrário, deixou-os muito mais apavorados e obedientes ao macaco.

– Que astúcia infernal! – disse Tirian. – E esse Ruivo, então, ajustou-se direitinho às ideias do macaco. Os dois são a tampa e a panela.

– Do jeito que vão as coisas, senhor, a questão agora é saber se o macaco se ajusta às ideias *dele* – replicou o anão.

– O macaco deu para beber, sabe? Creio que a trama, agora, é muito mais coisa do Ruivo e de Rishda, o capitão calormano. E tenho a impressão de que algumas coisas que o gato andou espalhando por aí entre os anões são a principal causa do troco que lhe deram hoje. E já lhe digo por quê. Anteontem, logo depois de acabar uma daquelas odiosas reuniões da meia-noite, eu já ia a meio caminho de volta para casa quando percebi que havia esquecido meu cachimbo. Como era um cachimbo realmente bom e um velho preferido meu, decidi voltar para procurá-lo. Antes, porém, que chegasse ao lugar onde estivera sentado (estava escuro como breu), ouvi uma voz de gato dizer: “Miau!”, e uma voz de calormano responder: “Estou aqui… Fale baixo!” No mesmo instante fiquei parado como uma estátua e vi que os dois eram Ruivo e Rishda Tarcaã, como o chamam por aí. “Nobre tarcaã”, disse o gato naquela sua vozinha macia, “só queria saber exatamente o que ambos quisemos dizer hoje quanto a ser Aslam *nada mais* do que Tash.” “Sem dúvida alguma, ó mais sagaz de todos os gatos!”, respondeu o outro. “Tu entendeste muito bem o que eu quis dizer com isso.” “Você quis dizer que não existe nenhum dos dois”, disse o gato. “Qualquer ser inteligente sabe disso”, observou o tarcaã. “Então nós dois podemos nos entender”, ronronou o gato. “Por acaso você não está *cheio* desse macaco?” “Ele não passa de um bobalhão ganancioso”, respondeu o outro, “mas no momento precisamos dele. Tu e eu podemos arranjar tudo às escondidas e manejar o macaco para fazer o que quisermos.” E Ruivo disse: “Você não acha que seria melhor pôr alguns dos narnianos mais espertos a par dos nossos planos? Um por um, à medida que os considerarmos aptos. Porque os animais que realmente acreditam em Aslam podem mudar de ideia a qualquer momento; e o farão se, por insensatez, o macaco trair seu segredo. Aqueles, porém, para quem tanto faz Tash ou Aslam, desde que as coisas revertam em seu próprio benefício, e que visam também à recompensa que lhes dará o Tisroc quando Nárnia se tornar uma

província calormana, estes ficarão firmes.” “Excelente, gato!”, disse o capitão. “Mas tenha muito cuidado ao fazer a escolha.”

Enquanto o anão falava, o dia parecia mudar. Quando eles se sentaram, o sol estava brilhando. Agora, porém, Confuso sentia calafrios. Precioso virava a cabeça de um lado para outro, inquieto. Jill olhou para cima.

– Está fechando o tempo – disse ela.

– E está tão frio! – disse Confuso.

– Frio até demais, pelo Leão! – completou Tirian, soprando nas mãos. – Cruzes! Que cheiro nojento é esse?

– Credo! – ofegou Eustáquio. – Parece cheiro de coisa podre. Tem algum passarinho morto por aí? Mas… como é que a gente não notou isso antes?

Subitamente, Precioso deu um pulo, sobressaltado, e apontou com o chifre.

– Olhem! – exclamou. – Vejam só aquilo! Olhem, olhem!

E então todos os seis viram e todos empalideceram na mesma hora, tomados de profundo temor.

CAPÍTULO OITO

AS NOVAS QUE A ÁGUIA TROUXE



À sombra das árvores, no lado mais distante da clareira, alguma coisa se movia. Vinha vindo vagarosamente rumo ao Norte. À primeira vista, quem a visse a confundiria com fumaça, pois era acinzentada e meio transparente. Mas o cheiro era de morte e não de fumaça… Além disso, a coisa tinha uma forma constante, em vez de se revolver e espalhar como fumaça. Lembrava ligeiramente a forma de um homem, mas a cabeça era de pássaro – parecia uma ave de rapina, com um bico curvo e cruel. Tinha quatro braços, que trazia erguidos acima da cabeça, esticados em direção ao Norte, como se quisesse abarcar Nárnia inteira com suas garras. E os dedos, todos os vinte, eram curvos como o bico, e no lugar de unhas havia umas garras compridas e pontudas como as de uma águia. Em vez de caminhar, a coisa flutuava sobre a grama, que parecia murchar à medida que ela passava.

Ao ver aquilo, Confuso deu um zurro estridente e disparou para dentro da torre. Jill (que não era nada covarde, como vocês sabem) escondeu o rosto entre as mãos, tentando apagar aquela visão horrível. Os outros, estarrecidos, fitaram a coisa durante cerca de um minuto, até que ela desapareceu entre as árvores mais espessas, do lado direito da floresta. Então o sol voltou a brilhar e ouviu-se novamente o canto dos pássaros.

Um a um, eles começaram a respirar e a se mexer de novo. Todos haviam ficado imóveis como defuntos enquanto aquela coisa se movia.

– O que era aquilo? – perguntou Eustáquio, num sussurro.

– Eu já vi isso uma vez, antes – disse Tirian. – Mas estava gravado numa pedra e revestido de ouro, e tinha olhos de diamante. Naquela época eu era da

idade de vocês e tinha ido a Tashbaan a convite do Tisroc. Ele me levou ao grande templo de Tash, e foi lá que eu o vi, esculpido acima do altar.

– Quer dizer que aquilo… aquela coisa… era Tash? – ofegou Eustáquio.

Mas em vez de responder-lhe, Tirian passou o braço pelos ombros de Jill, perguntando-lhe:

– Como se sente, senhorita?

– T-t-tudo b-bem… – respondeu ela, tirando as mãos do rosto e tentando sorrir. – Agora estou bem. Só fiquei um pouquinho tonta por uns instantes.

– É, pelo visto, o tal de Tash existe mesmo – disse o unicórnio.

– É – disse o anão. – E aquele tolo do macaco, que não acreditava em Tash, vai ter bem mais do que ele imaginava. Chamou o demônio, aí está ele!

– Para onde terá ido ele… aquilo… a *coisa*? – gaguejou Jill.

– Para o Norte, para o centro de Nárnia – respondeu Tirian. – Ele veio para ficar. Chamaram-no e ele veio mesmo.

– Bem feito! – disse o anão, dando uma risadinha e esfregando as mãos peludas. – O macaco vai ter uma bela surpresa. Ninguém deve chamar o demônio sem saber o que está fazendo.

– Será que Tash vai se tornar visível para o macaco? – indagou Precioso.

– Para onde foi Confuso? – perguntou Eustáquio.

Todo mundo começou a gritar por ele e Jill saiu caminhando em volta da torre para ver se o encontrava do outro lado. Já estavam cansados de procurá-lo quando viram sua cabeçorra cinzenta aparecer cuidadosamente para fora da porta, dizendo:

– Cadê *ele*? Já foi embora?

Quando finalmente conseguiram convencê-lo a sair, ele tremia como vara verde.

– Agora percebo como fui um jumento ruim – disse Confuso. – Nunca deveria ter dado ouvidos a Manhoso. Jamais pensei que essas coisas pudessem acontecer.

– Se você tivesse passado menos tempo dizendo que não era esperto e mais tempo tentando *ser* esperto… – começou Eustáquio, mas Jill o interrompeu:

– Deixe o pobre Confuso em paz! Foi tudo um engano, não foi, Confuso? – E beijou-lhe o focinho.

Apesar de muito abalados pelo que tinham acabado de ver, todos sentaram-se novamente e reiniciaram a conversa.

Precioso tinha muito pouco a lhes contar. Enquanto prisioneiro, passara quase todo o tempo amarrado nos fundos do estábulo e, naturalmente, nada ouvira dos

planos do inimigo. Tinha recebido chutes e pancadas (e, é claro, dado uns bons coices também) e fora ameaçado de morte, caso não dissesse que acreditava ser Aslam quem tinha sido apresentado aos animais naquela noite, à luz da fogueira. Na verdade, teria sido executado naquela manhã mesmo, se não tivesse sido libertado. E não tinha a mínima ideia do que acontecera à ovelha.

A questão agora era decidir se voltariam à Colina do Estábulo naquela noite, para mostrar Confuso aos narnianos e tentar convencê-los de que haviam sido enganados, ou se era melhor seguir para Leste ao encontro do centauro Passofirme, que vinha trazendo ajuda de Cair Paravel, e assim ir ao encalço do macaco e seus calormanos já com reforços. Tirian preferia a primeira opção, pois detestava a ideia de deixar o macaco ludibriar o seu povo por um momento mais que fosse. Por outro lado, o comportamento dos anões na noite passada fora uma advertência. Pelo visto, ninguém podia prever como o povo iria reagir, mesmo depois de ver Confuso. Depois ainda havia os soldados calormanos. Pelos cálculos de Poggin, havia pelo menos trinta. Tirian tinha certeza de que, se os narnianos ficassem do seu lado, ele, Precioso, Poggin e as crianças (com Confuso não dava mesmo para contar) teriam uma boa chance de vencer. Mas, e se a metade dos narnianos, inclusive todos os anões, resolvessem apenas sentar e ficar assistindo? Ou, o que era pior, lutassem contra eles? O risco era grande demais. Além do mais, havia agora o fantasma de Tash. O que fazer?

Poggin ponderou que não havia mal algum em deixar o macaco lidar com seus próprios problemas por um ou dois dias. Agora ele já não tinha Confuso para tirar do estábulo e expor aos narnianos. Sabe Deus que mentira ele – ou Ruivo – inventaria agora para explicar o ocorrido. Todas as noites os animais imploravam para ver Aslam, e se este não aparecesse com certeza até o mais ingênuo deles iria desconfiar.

Finalmente, todos chegaram à conclusão de que a melhor coisa era partir ao encontro de Passofirme. Foi impressionante como todos se animaram assim que a decisão foi tomada. Sinceramente, não creio que isso tenha acontecido porque algum deles estivesse com medo de uma luta (com exceção, talvez, de Jill e Eustáquio).

Mas tenho para mim que, no fundo, cada um deles estava contente por não precisar chegar perto (pelo menos não ainda) daquela pavorosa coisa com cabeça de pássaro que, visível ou invisível, já deveria estar rondando a Colina do Estábulo. De qualquer forma, a gente se sente bem melhor depois de tomar uma decisão.

Tirian disse que era melhor tirar os disfarces, para não serem confundidos com os calormanos, evitando assim a possibilidade de que algum narniano leal

os atacasse pelo caminho. O anão pegou um pouco da graxa que usava para esfregar nas espadas e nas lanças e misturou-a com uma porção de cinzas de lareira, fazendo uma mistura de aparência repugnante. Então eles tiraram as armaduras calormanas e desceram para o riacho. A mistura nojenta fazia espuma como um sabonete: era até divertido ver Tirian e as duas crianças ajoelhados à beira da água, esfregando a nuca, ofegando e bufando, no esforço de enxaguar o pescoço. Quando voltaram para a torre, tinham o rosto vermelho e brilhante, como quem acaba de tomar um bom banho antes de ir a uma festa. Equiparam-se, novamente, desta vez ao verdadeiro estilo narniano, com espadas retas e triangulares.

– Agora, sim – disse Tirian. – Assim é bem melhor. Sinto-me de novo um homem de verdade.

Confuso implorou que lhe tirassem a pele de leão, dizendo que esta era quente demais e, embolada como estava em suas costas, muito desconfortável; além disso, ele se sentia um bobalhão com aquilo. Mas os outros disseram que ele teria de aguentar um pouquinho mais, pois queriam mostrá-lo naqueles trajes para os outros bichos, embora tivessem de ir primeiro ao encontro de Passofirme.

O que restara da carne de pato e de coelho não valia a pena levar, mas eles pegaram alguns biscoitos. Tirian trancou a porta da torre e assim acabou-se a estada deles naquele lugar.

Passava um pouco das duas horas da tarde quando saíram. Aquele era o primeiro dia realmente quente da primavera. As folhinhas verdes pareciam muito mais vistosas do que no dia anterior: já não havia mais qualquer sinal de neve e viam-se, aqui e acolá, quantidades de margaridas silvestres. Os raios de sol filtravam-se através das árvores, os pássaros cantavam e ouvia-se sempre (embora geralmente fora de vista) o barulho de água corrente. Era difícil pensar em coisas ruins, como Tash, por exemplo. As crianças suspiravam: “Finalmente! Isto, sim, é a verdadeira Nárnia!” Também Tirian tinha o coração um pouco mais leve e caminhava à frente deles, cantarolando uma velha marchinha narniana, cujo refrão era assim:

Bate o tambor: Pã-rã-rã! Pram! Pram!
Bate e rebate: Pã-rã! Pram! Prrram!

Atrás do rei seguiam Eustáquio e o anão Poggin, que ia dizendo para o companheiro os nomes de todos os pássaros, árvores e plantas narnianas que ele ainda não conhecia. Às vezes, era Eustáquio quem lhe falava sobre as coisas da Inglaterra.

Mais atrás vinha Confuso, seguido de Jill e Precioso, que caminhavam bem pertinho um do outro. Jill estava, por assim dizer, completamente apaixonada pelo unicórnio. Ela achava (e não estava totalmente enganada) que ele era o animal mais brilhante, gentil e elegante que já havia conhecido. E seu jeito de falar era tão suave e agradável, que mal dava para acreditar que pudesse ser tão terrível e violento numa batalha.

– Ah, que maravilha! – disse Jill. – Ficar andando por aí, à toa… Bem que eu gostaria de viver mais aventuras *deste* tipo. Pena que esteja sempre acontecendo tanta coisa em Nárnia!

Mas o unicórnio explicou-lhe que ela estava enganada. Disse-lhe que os Filhos e Filhas de Adão e Eva só eram trazidos de seu estranho mundo para Nárnia quando havia agitação e problemas, mas que Nárnia não era sempre daquele jeito. Entre uma e outra de suas visitas, transcorriam-se centenas e milhares de anos em que reis pacíficos sucediam uns aos outros – eram tantos que mal dava para recordar o nome de todos eles ou contar quantos eram, sendo até muito difícil citá-los todos nos livros de História. E falou-lhe de velhas rainhas e heróis de quem ela nunca ouvira falar antes. Contou-lhe da rainha Cisne Branco, que vivera muito antes de aparecer a Feiticeira Branca e o Grande Inverno. Era tão linda, disse ele, que, quando se mirava em qualquer lago da floresta, o reflexo de seu rosto passava um ano e um dia resplandecendo nas águas como uma estrela à noite. Contou-lhe de Bosque de Luar, uma lebre de ouvidos tão aguçados que, se estivesse lá no Lago do Caldeirão, era capaz de escutar, mesmo sob o estrondoso barulho da grande queda-d’água, qualquer homem que estivesse cochichando em Cair Paravel. Depois contou-lhe como o rei Furacão, o nono na descendência do rei Franco (o primeiro de todos os reis de Nárnia), saíra velejando pelos mares do Oriente, onde libertara as Ilhas Solitárias de um dragão, recebendo como recompensa as próprias ilhas, que se tornaram parte das terras leais a Nárnia para sempre. Falou-lhe de séculos inteiros em que Nárnia fora tão feliz, que sensacionais festas e danças, no máximo torneios, eram a única coisa de que podiam lembrar-se, e cada dia e cada semana era sempre melhor que o anterior. À medida que ia falando, a imagem de todos aqueles anos felizes, milhares e milhares deles, ia-se acumulando na mente de Jill, como se ela estivesse olhando do alto de uma montanha e enxergasse lá embaixo uma agradável planície cheia de florestas, campos e rios, que se estendiam cada vez mais para longe até perder-se de vista. Então ela disse:

– Oh! Tomara que a gente consiga logo dar um jeito naquele macaco e voltar à calma daqueles bons tempos! E, aí, espero que estes durem para sempre,

eternamente. O *nosso* mundo eu sei que vai acabar um dia. Mas quem sabe *este* aqui não tenha o mesmo destino. Oh, Precioso! Não seria maravilhoso se Nárnia nunca acabasse e fosse para sempre como a Nárnia que você acaba de descrever?

– Não, irmãzinha – respondeu Precioso. – Todos os mundos caminham para um fim, exceto a própria terra de Aslam.

– Bem, pelo menos – disse Jill –, espero que o fim *deste* mundo ainda esteja a milhões de milhões de milhões de anos… Opa! Por que é que estamos parando?

O rei, Eustáquio e o anão olhavam pasmados para o céu. Jill arrepiou-se toda, lembrando-se das coisas horrorosas que já tinham visto. Mas desta vez não era nada disso. Era uma coisa pequena e escura que se recortava contra o céu azul.

– Pelo voo, posso até jurar que é uma ave falante – disse o unicórnio.

– Também acho – disse o rei. – Mas será amigo ou espião do macaco?

– Para mim, senhor – disse o anão –, parece ser a águia Sagaz.

– Não será melhor a gente se esconder entre as árvores? – perguntou Eustáquio.

– Nada disso – disse Tirian. – O melhor é ficarmos parados como estátuas. Se nos mexermos, é certo que nos verá.

– Vejam! – exclamou Precioso. – Está voando em círculos. Agora já nos viu e está vindo para cá.

– Apronte a flecha, senhorita – ordenou Tirian a Jill. – Mas não atire em hipótese alguma, a não ser que eu ordene. Pode ser um amigo.

Se soubessem o que iria acontecer, teriam desfrutado de um espetáculo belíssimo: a enorme ave planava, suavemente, com extrema graça e beleza, descendo ao seu encontro. Pousou num rochedo a uns poucos metros de Tirian, fez uma reverência com a cabeça emplumada e depois falou, na sua estranha voz de águia:

– Salve, ó rei!

– Salve, Sagaz! – respondeu Tirian. – Já que me chama de rei, devo acreditar que não é um dos seguidores do macaco e de seu falso Aslam. Estou realmente contente com a sua vinda.

– Senhor – disse a águia –, depois de ouvir o que tenho a dizer, ficará mais triste com a minha vinda do que com a maior calamidade que já lhe sobreveio.

Ao ouvir essas palavras, Tirian sentiu como se o seu coração parasse de bater. Tentou, porém, manter a calma:

– Vamos, fale! – disse ele.

– Duas coisas eu acabo de ver – falou Sagaz. – A primeira foi Cair Paravel cheia de narnianos mortos e de calormanos vivos. O estandarte do Tisroc

avançou contra as suas reais muralhas, senhor, e vi os seus súditos fugindo da cidade para todos os lados, rumo às florestas. Cair Paravel foi tomada pelo mar. Vinte grandes navios calormanos ali aportaram na escuridão da noite, dois dias atrás.

Ninguém disse uma palavra.

– E a outra visão, umas cinco léguas para cá de Cair Paravel, foi o centauro Passofirme atirado ao chão, morto, traspassado por uma flecha calormana. Estive com ele no seu derradeiro momento e ele mandou esta mensagem para Vossa Majestade: “Lembre-se de que todos os mundos chegam ao fim. E uma morte nobre é um tesouro que ninguém é pobre demais para comprar.”

– Quer dizer, então – disse o rei, após um longo silêncio –, que Nárnia já não existe.

CAPÍTULO NOVE

A GRANDE REUNIÃO NA COLINA DO ESTÁBULO



Durante um bom tempo ninguém conseguiu dizer uma palavra nem derramar uma lágrima. Então o unicórnio bateu com o casco no chão, sacudiu a crina e começou a falar:

– Senhor, agora já não há mais necessidade de um Conselho. Vemos que os planos do Macaco foram muito além do que imaginávamos. Não há dúvida de que ele já vinha tramando a coisa secretamente com o Tisroc há muito tempo e, assim que achou a pele de leão, mandou avisá-lo que preparasse uma armada para tomar Cair Paravel e Nárnia inteira. Agora nada mais nos resta a fazer a não ser voltar à Colina do Estábulo; vamos contar a verdade aos narnianos e enfrentar a aventura para a qual Aslam nos enviou. E se, por um grande milagre, nós sete conseguirmos derrotar os trinta calormanos que estão com o macaco, devemos voltar novamente e morrer lutando contra o grande exército deles, que logo marchará de Cair Paravel.

Tirian assentiu com a cabeça. Voltando-se para as crianças, disse:

– Agora, amigos, chegou a hora de regressarem ao seu próprio mundo. Sem dúvida alguma, já cumpriram a missão para a qual foram enviados.

– M… mas… mas não fizemos nada! – disse Jill, que tremia toda, não propriamente de medo, mas porque aquilo tudo lhe parecia terrível demais.

– É claro que sim – disse o rei. – Soltaram-me daquela árvore. Você rastejou que nem uma cobra à minha frente ontem à noite e trouxe Confuso. E você, Eustáquio, matou o seu calormano. Contudo, são jovens demais para participar de um fim tão sangrento como este que nos espera hoje à noite ou, quem sabe, daqui a três dias. Eu lhes imploro – não, eu *ordeno*! – que regressem ao seu lugar. Para mim seria uma vergonha deixar guerreiros assim tão jovens tombar

em batalha ao meu lado.

– Não, não e não!!! – disse Jill (de muito pálida que estava ao começar a falar, ficou subitamente muito vermelha e depois empalideceu de novo). – Não vamos embora, não importa o que você diga. Vamos grudar em você, aconteça o que acontecer. Não é, Eustáquio?

– É, sim. E não adianta criar caso por isso – respondeu Eustáquio, que tinha enfiado as mãos nos bolsos, sem se dar conta do quanto isso fica esquisito quando se está usando uma cota de malha. – Pois, como vê, não temos alternativa. Não adianta falar em nos mandar de volta. De que jeito? Não temos nenhuma mágica para fazer isso!

Ele tinha toda a razão, mas Jill detestou-o por ter falado assim. Eustáquio tinha essa mania de ser terrivelmente prático quando os outros ficavam exaltados.

Ao perceber que os dois estranhos não podiam voltar para casa (a não ser que Aslam os fizesse subitamente desaparecer dali), a primeira atitude de Tirian foi tentar convencê-los a atravessar as Montanhas do Sul rumo à Arquelândia, onde provavelmente estariam a salvo. Mas eles não sabiam o caminho e não havia ninguém que pudesse ir com eles. E depois, como ponderou Poggin, uma vez conquistada Nárnia, os calormanos com certeza tomariam Arquelândia logo a seguir: o Tisroc sempre desejara as terras do Norte. No final das contas, Jill e Eustáquio tanto suplicaram que Tirian acabou concordando que eles o acompanhassem e assumissem seu risco – ou, como disse ele, com muito mais sensibilidade, “que enfrentassem a aventura para a qual Aslam os enviava”.

A ideia do rei era que só deveriam regressar à Colina do Estábulo (só de pensar nesse nome eles já se sentiam mal) depois que escurecesse. Mas o anão lhes disse que, se chegassem lá à luz do dia, provavelmente encontrariam o lugar deserto, a não ser talvez por um sentinela calormano. Os bichos estavam tão apavorados com o que o macaco (e agora também o Ruivo) lhes havia contado sobre esse novo Aslam furioso (ou Tashlam), que não tinham coragem de se aproximar dele, a não ser quando eram convocados para aquelas terríveis reuniões à meia-noite. Além do mais, os calormanos nunca foram bons em andar no mato. Poggin achava que, mesmo à luz do dia, eles facilmente conseguiriam atingir a parte de trás do estábulo sem ser vistos. Isso seria muito mais difícil depois que anoitecesse, quando o macaco tivesse convocado a bicharada, e os calormanos já estivessem de guarda. Assim, depois de iniciada a reunião, levariam Confuso para trás do estábulo, completamente despercebidos, até o momento de exibi-lo. Isso realmente seria o melhor, pois a única chance que tinham era pegar os narnianos de surpresa.

Todos concordaram, e assim o grupo inteiro partiu numa outra direção (norte-leste), rumo à detestada Colina. A águia de vez em quando sobrevoava o grupo de um lado para outro e, às vezes, pousava nas costas de Confuso. Nenhum deles (nem mesmo o próprio rei, exceto em caso de extrema necessidade) sequer sonharia cavalgar um unicórnio.

Eustáquio e Jill caminhavam juntos. No momento em que imploraram a Tirian que lhes permitisse ir com os outros, haviam sido muito corajosos. Agora, porém, não sentiam o mínimo de coragem.

– Jill – murmurou Eustáquio –, devo confessar-lhe que estou morrendo de medo.

– Para *você*, tudo bem, meu caro – respondeu Jill. – Você pode lutar. Mas, e *eu*? Estou tremendo como vara verde, se é que você quer saber.

– Ora, tremer não é nada – disse Eustáquio. – Já estou quase vomitando.

– Pelo amor de Deus, nem me fale nisso – disse Jill.

Permaneceram calados por uns dois minutos.

– Jill – disse Eustáquio, de repente.

– O que é?

– E se a gente morrer aqui, como é que vai ser?

– Ficamos mortos, suponho.

– Não… quero dizer… o que vai acontecer no *nosso* mundo? Será que a gente vai despertar e se encontrar de novo naquele trem? Ou será que vamos simplesmente sumir, e pronto, nunca mais se ouve falar de nós? Ou será que vamos aparecer mortos na Inglaterra?

– Papagaios! Nunca pensei nisso!

– Já pensou que esquisito se Pedro e os outros me vissem acenando pela janela, e aí, quando o trem parasse, não encontrassem a gente em parte alguma? Ou então se nos achassem mortos, lá na Inglaterra?

– Nossa! Que ideia horrível! – exclamou Jill, com uma careta.

– Para nós, até que não seria tão terrível assim – disse Eustáquio. – Não iríamos estar lá, mesmo…

– Eu quase gostaria… Não, não gostaria. Esqueça.

– O que é que você ia dizer?

– Eu *ia* dizer que gostaria de nunca ter vindo. Mas não, não e não! Mesmo que a gente morra. Prefiro morrer lutando por Nárnia a crescer e ficar uma velha caduca em casa, quem sabe até andando por aí numa cadeira de rodas, e depois acabar morrendo do mesmo jeito.

– Ou então ser esmagado nos trilhos da estrada de ferro…

– Por que você diz isso?

– Porque… Bem, quando deu aquele terrível solavanco (aquele que nos atirou aqui para Nárnia), pensei que fosse um acidente de trem que estava acontecendo. Por isso fiquei muito contente ao descobrir que estávamos voltando a Nárnia.

Enquanto Jill e Eustáquio conversavam sobre essas coisas, os outros discutiam seus planos. Isso os fazia sentir-se menos infelizes, pois enquanto planejavam o que fazer naquela mesma noite, a ideia do que acontecera a Nárnia (de que todas as suas glórias e alegrias tinham chegado ao fim) ficava em segundo plano. No momento em que parassem de conversar, ficariam tristes de novo – assim, continuavam falando. O anão estava muito animado com o trabalho que teriam de fazer à noite. Tinha certeza de que o javali e o urso, e provavelmente todos os cães, tomariam o partido do rei. E não acreditava que todos os anões ficassem do lado de Grifo. Lutar à luz da fogueira e sob as árvores seria vantajoso para o lado mais fraco. Portanto, caso conseguissem vencer naquela noite, que necessidade haveria de desperdiçar suas vidas num encontro com todo o exército calormano, alguns dias mais tarde? Por que não se esconderem nas matas ou mesmo lá para as bandas do Bosque Ocidental, além da grande cachoeira, e ali viverem como fora da lei? Então, se fortaleceriam pouco a pouco, pois a cada dia novos animais falantes e habitantes da Arquelândia se juntariam a eles. Finalmente sairiam do seu esconderijo e varreriam do país os calormanos (que, àquela altura, já andariam meio descuidados), e Nárnia voltaria à vida. Afinal, algo muito parecido acontecera nos dias do rei Miraz.

Tirian escutava tudo, pensando: “Mas, e Tash?”

E, lá no fundo do coração, sentia que nada disso iria acontecer. Mas não falou nada.

Ao se aproximarem da Colina do Estábulo, todos foram ficando calados. Aí é que começou mesmo o trabalho na floresta. Desde o primeiro instante em que avistaram a colina, até o momento em que todos chegaram aos fundos do estábulo, passaram-se mais de duas horas. É o tipo de coisa que não dá para descrever com precisão, a não ser que se escrevam páginas e páginas sobre o assunto. Cada corrida de um cantinho escondido para outro era uma aventura isolada, para não falar nas longas esperas entre cada uma e nos vários alarmes falsos. Se você é um bom escoteiro ou uma boa bandeirante, então já deve ter uma ideia de como deve ter sido. O sol já estava se pondo quando todos conseguiram chegar a salvo e esconder-se numa moita de azevinhos a uns quinze metros dos fundos do estábulo. Depois de mastigarem alguns biscoitos,

deitaram-se.

Aí é que veio o pior: a espera. Felizmente para as crianças, puderam dormir algumas horas. Acordaram com o frio da noite e, o que era pior, sedentos, mas não havia a menor chance de conseguir algo para beber. Confuso, de pé e sem dizer uma palavra, tremia de nervosismo.

Tirian, porém, com a cabeça recostada contra o flanco de Precioso, dormia a sono solto, roncando como se estivesse no seu leito real em Cair Paravel, até que o barulho de um gongo o despertou. O rei sentou-se e, vendo a fogueira acesa do lado de lá do estábulo, percebeu que havia chegado a hora.

– Precioso, dê-me um beijo – disse ele. – Esta é, com certeza, a nossa última noite aqui na terra. E se alguma vez eu o ofendi de alguma maneira, perdoe-me agora.

– Querido rei – disse o unicórnio –, quase desejaria que isso já houvesse acontecido a fim de poder perdoá-lo agora. Adeus. Já vivemos muitas alegrias juntos. Se Aslam me desse uma chance de escolher, não escolheria outra vida além da que eu tive, nem morte diferente da que vamos ter agora.

Então acordaram Sagaz, que dormia com a cabeça enfiada debaixo da asa, e saíram rastejando na direção do estábulo. Deixaram Confuso logo atrás deste (não sem antes lhe dirigirem algumas palavras de carinho, pois ninguém estava zangado com ele agora), dizendo-lhe que não saísse dali até que alguém viesse buscá-lo. Depois postaram-se de um dos lados do estábulo.

A fogueira, que ficava a apenas alguns metros de onde se encontravam, fora acesa há bem pouco tempo e as labaredas começavam a subir. Havia, do lado de lá, uma grande multidão de narnianos, mas a princípio Tirian não conseguiu enxergá-los muito bem, embora visse dezenas de pares de olhos brilhando ao reflexo do fogo, tal e qual acontece com os olhos dos gatos e dos coelhos quando se focaliza neles a luz de um carro. Tirian acabara de encontrar um lugar para ficar, quando o gongo parou de bater e três figuras surgiram de algum lugar à sua esquerda. Um era Rishda Tarcaã, o capitão calormano. O segundo era o macaco, que vinha de mãos dadas com o tarcaã e resmungava a cada instante: “Devagar! Não ande tão depressa, que não estou nada bem. Ai, a minha pobre cabeça! Estas reuniões à meia-noite estão ficando pesadas demais para mim. Macaco não foi feito para ficar acordado à noite. Não sou nenhum rato ou morcego… Ai, minha cabeça!” Do outro lado do macaco, num passo muito macio e imponente e com a cauda graciosamente erguida no ar, vinha o gato Ruivo. Os três dirigiam-se para a fogueira, parando tão perto de Tirian que, se algum deles tivesse olhado bem na sua direção, com certeza o teria visto. Felizmente isto não aconteceu. Mas Tirian escutou Rishda dizer a Ruivo, baixinho:

– Agora, gato, para o teu posto. Vê se representas direitinho o teu papel.

– Miau! Miau! Conte comigo! – disse Ruivo. Em seguida, passou pela fogueira e foi sentar-se na primeira fila com os outros bichos: na plateia, como se diria.

Pois, na verdade, aquilo tudo mais parecia um teatro. A multidão de narnianos seria o povo sentado nas poltronas; o pequeno gramado à frente do estábulo, onde se acendia a fogueira e onde o macaco e o capitão postavam-se em pé para falar à multidão, parecia o palco; e o estábulo propriamente dito seria o cenário aos fundos do palco. Para completar, Tirian e seus amigos seriam os "penetras", que espiavam por detrás do cenário. Era uma excelente posição. Se, por acaso, algum deles desse pelo menos um passo na direção do clarão da fogueira, no mesmo instante todos os olhos se fixariam nele. Por outro lado, enquanto permanecessem quietos à sombra da parede do estábulo, a possibilidade de serem vistos era quase nula.

Rishda Tarcaã empurrou o macaco para mais perto do fogo. Os dois encararam a multidão (o que significava, obviamente, que agora estavam de costas para Tirian e seus amigos).

– Agora, Mico – disse Rishda, bem baixinho –, transmite as palavras que mentes mais sábias colocaram na tua boca. E levanta a cabeça! – Dito isso, aplicou-lhe um pequeno chute ou cutucão por trás, com a ponta do dedão do pé.

– Deixe-me em paz! – resmungou Manhoso. Depois empertigou-se e começou a falar, agora em voz alta. – Agora, escutem bem, todos vocês. Aconteceu uma coisa terrível. Uma desgraça! A coisa mais desprezível que já se fez em Nárnia. Aslam…

– Tashlam, seu idiota! – sussurrou Rishda.

– …quero dizer, Tashlam, naturalmente – emendou o macaco –, está muito zangado por isso.

Um pesado silêncio caiu sobre os narnianos enquanto esperavam para ouvir que nova desgraça lhes estava reservada. Até o grupinho escondido atrás da parede prendeu a respiração. O que viria agora?

– Sim – disse o macaco. – Neste exato momento, em que o Temível Ser encontra-se entre nós (ali mesmo no estábulo, bem atrás de mim), algum animal miserável resolveu fazer o que ninguém sequer imaginaria que alguém fosse capaz de fazer, mesmo que *ele* estivesse a milhas e milhas daqui. O dito animal vestiu uma pele de leão e anda vagando por essas matas, fingindo ser Aslam.

Jill, por um momento, pensou que o macaco tivesse enlouquecido. Será que ele ia contar toda a verdade? Um urro de horror e de fúria partiu dos animais. "Grrrr!", rosnaram, indignados. "Quem é ele? Onde está? Ah, se eu ponho os

dentes nele!”

– Ele foi visto a noite passada – continuou o macaco –, mas desapareceu. É um jumento. Um simples e miserável asno! Se algum de vocês vir aquele…

– Grrr!!! – urravam os animais. – Vamos encontrá-lo, ora se vamos! É melhor que ele suma da nossa frente!

Jill voltou-se para o rei: ele tinha a boca aberta e seu rosto estampava profundo terror. Só aí ela compreendeu a diabólica astúcia do plano inimigo: misturando um pouquinho de verdade à mentira anterior, eles a haviam levado muito mais longe. E agora, de que adiantaria contar aos bichos que alguém tinha fantasiado um jumento com uma pele de leão para enganá-los? O macaco iria dizer apenas: “Foi justamente o que eu disse!” De que valia agora mostrar-lhes Confuso vestido com a pele de leão? Eles iriam deixá-lo em frangalhos. “Furaram o nosso balão!”, cochichou Eustáquio. “Puxaram o tapete sob os nossos pés!”, disse Tirian. “Que maquinação maldita!”, disse Poggin. “Posso até jurar que esta nova mentira é coisa do Ruivo.”

CAPÍTULO DEZ

QUEM ENTRARÁ NO ESTÁBULO?



Jill sentiu alguma coisa roçando de leve em sua orelha. Era Precioso, sussurrando algo para ela com um enorme cochicho de cavalo. Assim que entendeu o que ele estava dizendo, acenou com a cabeça e saiu na ponta dos pés até onde estava Confuso. Rápida e silenciosamente, cortou as últimas cordas que atavam a ele a pele de leão. Imaginem se alguém o pegasse com *aquilo*, depois do que o macaco acabara de dizer! Bem que ela gostaria de esconder a pele em algum canto bem longe dali, mas era pesada demais. O máximo que conseguiu fazer foi chutá-la para debaixo das moitas mais espessas. Depois fez sinal a Confuso para que a seguisse, e os dois reuniram-se aos demais.

O macaco voltara a falar:

– …e depois de uma coisa tão terrível, Aslam – digo, Tashlam – está mais enfurecido do que nunca. Ele disse que tem sido complacente demais com vocês, aparecendo todas as noites. Pois bem, agora não aparecerá mais!

Uivos, miados, grunhidos e guinchos foram a resposta dos animais àquelas palavras. Mas, de repente, uma voz completamente diferente rompeu numa estrondosa gargalhada.

– Escutem só o que o macaco está dizendo – falava, rindo à solta. – Querem saber *mesmo* por que ele não nos mostra o seu precioso Aslam? Pois eu lhes digo: é porque ele não tem leão algum! A única coisa que havia lá dentro o tempo todo era um jumento velho com uma pele de leão nas costas. E agora, que este desapareceu, ele não sabe o que fazer.

Tirian não conseguia enxergar muito bem os rostos do outro lado da fogueira, mas logo imaginou que quem estava falando só podia ser Grifo, o chefe dos anões. E já estava quase certo disso quando, logo a seguir, todos os anões

ergueram as vozes em coro:

– Não sabe o que fazer! Não sabe, não sabe, não sabe o que fazer!

– Silêncio! – trovejou Rishda Tarcaã. – Calai a boca, imundos! E vós, os outros narnianos, prestai atenção, antes que eu ordene aos meus guerreiros que partam para cima de vós com o fio da espada. Lorde Manhoso já contou-vos sobre aquele asno maldito. Por acaso pensais que o verdadeiro Tashlam não está dentro daquele estábulo? Pois cuidado, cuidado!

– Que nada! Que nada! – zombava a maioria dos animais.

– Está bem, moreninho, é claro que ele está lá! – disseram os anões. – Vá lá, Mico, mostre-nos o que está dentro do estábulo. Queremos ver para crer!

Depois de um momento de silêncio, o macaco falou:

– Vocês, anões, acham que são muito espertos, não é? Mas vamos com calma. Eu nunca lhes disse que não poderiam ver Tashlam. Qualquer um que queira pode vê-lo.

O auditório inteiro ficou em silêncio. Depois, passado cerca de um minuto, ouviu-se a voz pausada e arrastada de um urso:

– Agora mesmo é que eu não entendo mais nada! Pensei que você tinha dito…

– Você *pensou!* – interrompeu-o o macaco. – Como se se pudesse chamar de pensamento o que vai nesta sua cabeça! Escutem aqui, vocês todos. Qualquer um pode ver Tashlam. Mas ele não vai sair do estábulo. Quem quiser vê-lo terá de ir lá dentro.

– Oh, obrigado! Muito obrigado! – exclamaram centenas de vozes. – Era isso o que estávamos esperando. Podemos entrar e vê-lo face a face. Agora ele vai ser bondoso e tudo voltará ao que era antes!

Os pássaros começaram a gorjear e os cães latiram excitados. De repente, ouviu-se um grande rebuliço de criaturas se mexendo, erguendo-se sobre as patas e, em questão de segundos, havia uma verdadeira avalanche de bichos correndo e se amontoando na porta do estábulo. Mas o macaco berrou:

– Para trás! Calma! Para que tanta pressa?

Os bichos pararam, muitos deles ainda com uma pata no ar, outros abanando a cauda e todos com a cabeça voltada para o lado.

– Pensei que você tinha dito… – começou o urso, mas foi interrompido por Manhoso.

– Qualquer um pode entrar – disse ele. – Mas tem de ser um de cada vez. Quem vai ser o primeiro? Aliás, *ele* disse que não está de bom humor hoje. Desde que devorou aquele maldito rei, na noite passada, vive lambendo os

beiços. Hoje de manhã não parava de urrar. Eu mesmo não gostaria muito de entrar nesse estábulo hoje à noite. Mas vocês é que sabem. Vamos lá, quem vai entrar primeiro? Ninguém me culpe se ele devorar alguém de uma vez, ou se o reduzir a cinzas com um simples olhar. Problema de vocês. E agora, vamos ao primeiro? Quem será? Que tal um de vocês, anões?

– Venham, seus bobos, para a boca do lobo! – cantarolou Grifo, em tom de mofa. – Como é que vamos saber o que vocês esconderam lá dentro?

– Hã-hã! – fez o macaco. – Então vocês estão começando a acreditar que existe *alguma coisa* lá dentro, hem? Pois bem, um minuto atrás estavam todos fazendo o maior alarido. E agora, perderam a fala? Vamos, quem será o primeiro?

Os bichos, porém, limitaram-se a olhar uns para os outros e, aos poucos, foram se afastando do estábulo. Agora já quase não se viam mais caudas abanando. O macaco gingava de um lado para outro, dando gargalhadas e escarnecendo deles:

– Ah, ah, ah! Pensei que estavam doidinhos para ver Tashlam face a face! Mudaram de ideia, é?

Tirian abaixou a cabeça para escutar o que Jill tentava cochichar-lhe ao ouvido. “O que você acha que há realmente lá dentro?”, perguntou ela. “Quem sabe? Talvez dois calormanos com as espadas desembainhadas, um de cada lado da porta, provavelmente”, respondeu ele. “Não acha que poderia ser… você sabe o quê… aquela coisa horrorosa que nós vimos?”, gaguejou a menina. “O próprio Tash? É muito provável… Mas, coragem, minha amiga: todos nós estamos nas patas do verdadeiro Aslam.”

Foi aí que aconteceu o mais inesperado. Numa voz calma e fria, sem demonstrar a mínima excitação, o gato Ruivo disse:

– Eu vou, se vocês quiserem…

Todas as criaturas voltaram-se para o gato, encarando-o fixamente. “Pode contar por certo, senhor”, disse Poggin ao rei. “Esse gato desgraçado faz parte da trama! O que quer que esteja lá dentro, não lhe fará mal algum, eu garanto. Então Ruivo sairá novamente dizendo que viu algo excepcional.”

Mas Tirian nem teve tempo de responder, pois o macaco estava chamando o gato para a frente.

– Ora, essa é muito boa! Quer dizer que você, seu bichano atrevido, quer vê-lo face a face?! Pois venha, eu lhe abro a porta. Não me culpe se ele lhe arrancar os bigodes da cara. O problema é seu.

O gato levantou-se e saiu do meio da multidão, caminhando todo empertigado e afetado, com a cauda bem empinada, sem arrepiar sequer um fio

do seu pelo macio e lustroso. Passou pela fogueira e parou tão perto de Tirian que este, do lugar onde estava, com o ombro encostado na parede de fora do estábulo, conseguiu enxergar direitinho a cara dele. Seus grandes olhos verdes nem sequer piscavam. (“Que frieza”, murmurou Eustáquio. “Isso é porque ele sabe que não há nada a temer.”) O macaco, mofando e fazendo caretas, saiu arrastando as patas ao lado do gato; ergueu a mão, levantou a tranca e abriu a porta. Tirian teve a impressão de ouvir o gato ronronar enquanto passava pela porta escura.

– Miiiaaaauuuuu!!!

O pavoroso miado fez todo mundo pular. Você já deve ter acordado no meio da noite com o barulho de gatos brigando ou fazendo amor no telhado, e bem sabe a gritaria que eles fazem. Pois dessa vez foi muito pior. O gato escapuliu do estábulo numa velocidade tão grande que se chocou violentamente contra o macaco, fazendo-o virar uma enorme cambalhota. Quem não soubesse que era um gato, pensaria que se tratava de um relâmpago avermelhado. Ruivo estatelou-se no chão, no meio da multidão, lá atrás. Ninguém quer topar com um gato numa hora dessas. Era bicho correndo para todo lado. Ruivo precipitou-se contra uma árvore, rodopiou e tombou a cabeça. A cauda se eriçou toda, até ficar quase tão grossa quanto o seu próprio corpo. Os olhos pareciam duas bolas de fogo verde, e cada pelo das suas costas estava totalmente arrepiado.

– Eu daria tudo para saber se esse bruto está só fingindo ou se realmente encontrou algo lá dentro que o apavorasse tanto – disse Poggin.

– Silêncio, meu amigo – disse Tirian, pois queria escutar o que o capitão e o macaco estavam cochichando. A única coisa que conseguiu ouvir, porém, foi o macaco choramingando de novo: “Ai, minha cabeça! Minha cabeça!” Mas teve a impressão de que aqueles dois estavam tão desconcertados quanto ele com o comportamento do gato.

– Agora, Ruivo, chega de barulho – disse o capitão. – Conta a eles o que viste lá dentro.

– Ah, ah, ah!!! Aaaaiiii!!! – guinchava o gato.

– És ou não és um gato falante? – perguntou o capitão. – Então para com essa barulheira e fala de uma vez.

Foi então que algo terrível aconteceu. Tirian tinha quase certeza (e os outros também) de que o gato estava tentando dizer alguma coisa, mas nada saía de sua boca, a não ser o barulho comum e feio que emitiria qualquer bichano bravo ou assustado no fundo de qualquer quintal. E quanto mais ele miava, menos se parecia com um animal falante. Os outros animais romperam em apreensivos lamentos e guinchinhos agudos.

– Vejam! Vejam! – ouviu-se a voz do urso. – Ele não consegue falar! Esqueceu como é que se fala! Voltou a ser um animal mudo. Vejam a cara dele!

Todo mundo viu que era verdade. Então um profundo pavor apoderou-se de todos aqueles narnianos. Todos haviam aprendido desde pequeninos que, no começo do mundo, Aslam transformara os bichos de Nárnia em animais falantes, advertindo-os de que, caso se portassem mal algum dia, voltariam a ser como antes, iguais aos animais irracionais de qualquer outro mundo. “E agora está acontecendo conosco”, lamentavam-se.

– Misericórdia! Misericórdia! – imploraram eles. – Lorde Manhoso, tenha piedade de nós! Seja o mediador entre nós e Aslam e fale-lhe sempre em nosso favor. Nós não ousamos!

Ruivo desapareceu entre as árvores e nunca mais foi visto por ninguém.

Tirian continuava com a mão no punho da espada e de cabeça baixa. Estava estupefato com os horrores que vira naquela noite. Às vezes, pensava que o melhor seria sacar a espada de uma vez e avançar contra os calormanos. Mas, em seguida, ponderava que seria mais prudente esperar para ver o que mais poderia acontecer. E, de fato, algo novo ocorreu logo depois.

– Meu pai – falou alguém numa voz clara e ressonante, vinda do lado esquerdo da multidão. Tirian viu logo que quem falava era um calormano, pois no exército do Tisroc os soldados comuns chamam os oficiais de “meu mestre”, e os oficiais chamam os seus superiores de “meu pai”. Jill e Eustáquio não sabiam disso mas, depois de olhar para um lado e para outro, conseguiram ver quem estava falando, pois naturalmente era bem mais fácil enxergar quem estava dos lados do que quem estava no meio, onde o brilho da fogueira fazia com que todos parecessem mais escuros. Era um homem jovem, alto, esbelto e até bonito para os padrões calormanos.

– Meu pai – disse ele ao capitão. – Eu também quero entrar no estábulo.

– Fica quieto, Emeth – respondeu o capitão. – Quem te chamou aqui? Como é que um fedelho como tu ousa falar?

– Meu pai – disse o jovem –, é bem verdade que eu sou mais jovem do que tu. Tenho, no entanto, sangue de tarcaã, assim como tu, e sou igualmente servo de Tash. Portanto…

– Silêncio! – berrou Rishda Tarcaã. – Não sou eu porventura o capitão? Tu nada tens a ver com este estábulo. Ele é para os narnianos.

– Nada disso, meu pai – replicou Emeth. – Tu disseste que o Aslam deles e o nosso Tash são um só. E, se isso é verdade, então é o próprio Tash quem está ali dentro. Portanto, por que dizes que nada tenho a ver com ele? Eu, prazerosamente, morreria mil mortes só para poder ver uma única vez a face de

Tash.

– És um grande tolo e nada entendes – disse Rishda Tarcaã. – Isso é uma coisa muito séria.

O rosto de Emeth tornou-se ainda mais grave.

– Então não é verdade que Tash e Aslam são um só? Quer dizer que o macaco mentiu para nós?

– É claro que os dois são um só! – interveio o macaco.

– Jura, macaco – falou Emeth.

– Oh, céus! – soluçou Manhoso. – Por que é que vocês não param de me importunar? Estou morrendo de dor de cabeça! Está bem, eu juro, eu juro.

– Neste caso, meu pai – disse Emeth –, estou definitivamente decidido a entrar.

– Idiota… – começou a dizer Rishda, mas foi interrompido pelos anões, que começaram a berrar de uma vez:

– Vamos lá, moreno! Por que não deixa *ele* entrar? Por que os narnianos podem entrar e a sua gente tem de ficar de fora? O que é que tem lá dentro que você não quer que seus próprios homens encontrem?

Tirian e seus amigos só conseguiam ver as costas de Rishda, por isso não tinham a menor ideia de qual era a expressão do seu rosto quando sacudiu os ombros, dizendo: “Sejam todos testemunhas de que não sou culpado do sangue deste jovem tolo. Vá lá, menino imprudente, entra. E depressa!”

Então, da mesma forma que Ruivo, Emeth saiu andando em direção ao gramado que separava a fogueira do estábulo. Tinha os olhos brilhantes, o rosto solene, a mão pousada no punho da espada e a cabeça erguida. Jill quase chorou ao olhar para o rosto dele. Precioso sussurrou ao ouvido do rei:

– Pela Juba do Leão! Eu quase chego a amar este jovem guerreiro calormano. Ele é digno de um deus melhor do que Tash.

– Eu realmente gostaria de saber o que existe lá dentro – disse Eustáquio.

Emeth abriu a porta e penetrou na boca negra do estábulo, fechando a porta atrás de si. Passaram-se apenas alguns minutos (mas pareceu muito mais) antes que a porta se abrisse novamente. Uma figura trajada com armadura calormana cambaleou para fora, caindo pesadamente ao chão; a porta fechou-se às suas costas. O capitão correu até ele e abaixou-se para ver-lhe o rosto. Fez um gesto de surpresa e, recuperando-se do susto, voltou-se para a multidão, exclamando:

– Este jovem precipitado ganhou o que queria. Olhou para Tash e agora está morto. Que isto sirva de aviso para todos vocês.

– Está bem, está bem! – disseram os pobres bichos.

Tirian e seus amigos, porém, olharam estarrecidos para o calormano morto e depois um para o outro. Já que estavam tão perto, podiam ver o que a multidão, de muito longe e do lado de lá do fogo, não podia enxergar: o homem que ali jazia morto não era Emeth. Era um homem completamente diferente: mais velho, mais corpulento, não tão alto e com uma barba enorme.

– Eh, eh, eh! – cacarejava Manhoso. – Alguém mais? Quem mais deseja entrar? Bem, já que são tão tímidos, vou escolher o próximo. Ah, já sei! Você, javali. Venha cá. Calormanos, tragam-no aqui. *Ele* vai ver Tashlam face a face.

– Grrrunf!!! – grunhiu o javali, erguendo-se pesadamente. – Venham, se é que têm coragem! Venham sentir o gostinho das minhas presas!

Ao ver o corajoso animal aprontando-se para lutar em defesa de sua vida, e os soldados calormanos aproximando-se dele com as cimitarras desembainhadas, sem que ninguém viesse em seu auxílio, alguma coisa ferveu dentro de Tirian. Já não lhe importava mais se esse era ou não o momento apropriado para intervir.

– Sacar a espada! – sussurrou baixinho para os outros. – Aprontar o arco! Avançar!

Logo a seguir os atônitos narnianos viram sete figuras saltarem para a frente do estábulo, quatro delas com armaduras brilhantes. A espada do rei lampejou à luz da fogueira quando ele a brandiu acima da cabeça, exclamando em alta voz:

– Aqui estou eu, Tirian de Nárnia, em nome de Aslam, a fim de provar com o meu próprio corpo que Tash é um espírito imundo, o macaco um grande traidor e esses calormanos dignos de morte! Quem for narniano de verdade que fique do meu lado. Ou vão esperar até que os seus novos senhores os matem todos, um por um?

CAPÍTULO ONZE

ACELERA-SE O PASSO



Rápido como um relâmpago, Rishda Tarcaã deu um pulo para trás, colocando-se fora do alcance da espada do rei. Ele não era um covarde e poderia até lutar com uma só mão contra Tirian e o anão, se preciso fosse. Mas enfrentar também a águia e o unicórnio era demais para ele. Rishda sabia muito bem que as águias podem voar contra o rosto das pessoas, dando-lhes bicadas nos olhos e cegando-as com as asas. E seu próprio pai (que já enfrentara os narnianos em batalha) lhe dissera que homem nenhum é capaz de resistir a um unicórnio, a não ser com flechas ou uma lança bem comprida, pois este se empina sobre as patas traseiras e se atira de corpo inteiro para cima da gente, de tal forma que é preciso lidar com os cascos, o chifre e os dentes ao mesmo tempo. Assim, o capitão precipitou-se para a multidão, berrando:

– Segui-me, guerreiros do Tisroc (que ele viva para sempre!)! Segui-me, todos os narnianos leais, ou a ira de Tashlam cairá sobre todos vós!

Enquanto isso, duas outras coisas aconteciam. O macaco não se dera conta, tão rápido quanto o tarcaã, do perigo que corria. Durante cerca de um minuto permaneceu agachado ao lado da fogueira, olhando estupefato para os recém-chegados. Então Tirian lançou-se em direção à criatura, agarrou-a pela nuca e partiu como um raio para o estábulo, gritando: “Abram a porta!” Poggin obedeceu.

– Vá lá e beba do seu próprio remédio, Manhoso! – disse Tirian, arremessando o macaco contra a escuridão.

Assim que o anão fechou a porta de novo, uma ofuscante luz azul-esverdeada resplandeceu do lado de dentro do estábulo, a terra tremeu e ouviu-se um

estranho ruído – um cacarejar estridente como se fosse a voz rouca de algum pássaro monstruoso. Os bichos começaram a soluçar e uivar, implorando em alta voz: “Tashlam! Por favor, escondam-nos!”

Muitos caíram no chão e outros esconderam a cara entre as asas ou as patas. Ninguém, a não ser a águia Sagaz, cuja visão é melhor que a de qualquer outra criatura, viu o rosto de Rishda Tarcaã naquele momento. E, pelo que viu, a águia percebeu na hora que Rishda estava tão surpreso e quase tão apavorado quanto qualquer um deles. “Eis aí alguém que invocou deuses em que não crê”, pensou a águia. “E agora, se eles vierem mesmo, o que ele vai fazer?”

A terceira coisa (que também aconteceu ao mesmo tempo) foi a única realmente bonita daquela noite. Todos os cães falantes que estavam no meio da multidão (havia uns quinze deles) vieram saltando e latindo alegremente para o lado do rei. A maioria deles eram cães enormes, corpulentos e de mandíbulas ferozes. Sua chegada foi como o rebentar de uma grande onda na beira da praia: quase derruba a gente no chão. Pois, embora falantes, todos eram tão “cães” como qualquer outro: levantaram-se, colocando as patas dianteiras nos ombros dos humanos, e lamberam-lhes os rostos. E disseram, todos ao mesmo tempo: “Bem-vindos, pessoal-al-al! Contem conosco, já, já, já! Digam: qual é o nosso trabalho? Qual, qual, qual?”

Foi uma cena tão emocionante que dava vontade de chorar. Finalmente alguma coisa saía como eles queriam. Quando, pouco depois, vários animaizinhos (ratos, toupeiras, esquilos e outros) se aproximaram com seus passinhos miúdos, tagarelando alegremente e dizendo: “Aqui! Aqui! Tem mais gente aquiii!”, e quando, depois disso, chegaram também o urso e o javali, Eustáquio começou a acreditar que, afinal de contas, tudo poderia acabar dando certo. Tirian, porém, deu uma olhadela ao redor e constatou que, do grupo inteiro, eram realmente bem poucos os animais que haviam atendido ao seu apelo.

– Venham! Venham comigo! – chamou de novo. – Será que, depois que deixei de ser o seu rei, vocês todos ficaram covardes?

– Não temos coragem! – soluçavam dezenas de vozes. – Tashlam pode enfurecer-se conosco. Livre-nos da ira de Tashlam!

– Onde estão todos os cavalos falantes? – perguntou Tirian ao javali.

– Nós sabemos! Nós sabemos! – guincharam os ratos. – O macaco colocou-os para trabalhar. Estão todos presos, lá no fundo do vale.

– Então, meus amigos miudinhos, escutem aqui: todo mundo que sabe mordiscar, os comedores de nozes e todos os roedores, corram o mais rápido que puderem até onde estão os cavalos e perguntem se estão do nosso lado. Se

disserem que sim, metam os dentes nas cordas e roam até libertá-los, e tragam-nos imediatamente para cá.

– Com todo o prazer, senhor – disseram as vozinhas. E, num abrir e fechar de olhos, lá se foram aqueles bichinhos de olhos aguçados e dentes afiados. Tirian sorriu, amoroso, ao ver sumir num instante aquele monte de rabinhos empinados. Agora, porém, era preciso pensar em outras coisas. Rishda Tarcaã já estava dando suas ordens.

– Vamos! – dizia ele. – Peguem todos (vivos, se possível) e atirem-nos dentro do estábulo… Ou então encurralem todos para lá. Quando estiverem lá dentro, vamos atiçar fogo no estábulo e oferecê-los em sacrifício ao grande deus Tash!

– Ah! – disse Sagaz consigo mesmo. – Então é assim que ele espera ganhar o perdão de Tash pela sua descrença?!

A linha inimiga (cerca de metade das forças de Rishda) já começava a avançar, e Tirian mal tivera tempo de dar suas ordens.

– Jill, vá para a esquerda e tente atingir todos quantos puder antes que nos ataquem. Você, urso, e você, javali, fiquem perto dela. Poggin, fique aqui à minha esquerda, e você, Eustáquio, à minha direita. Precioso, guarde a ala da direita. Fique ao lado dele, Confuso, e use os cascos. E você, Sagaz, fique planando e ataque por cima. Cães, fiquem atrás de nós e, assim que começar o jogo das espadas, entrem no meio deles e ataquem para valer. Que Aslam nos ajude!

O coração de Eustáquio só faltava sair pela boca; ele torcia para que, na hora H, não lhe faltasse coragem. Embora já tivesse visto um dragão e uma serpente do mar, nunca nada lhe dera tanto frio na barriga quanto aquela fileira de homens de rosto escuro e olhos brilhantes. Havia uns quinze calormanos, além de um touro falante de Nárnia, a raposa Ladina e o sátiro Brigão. De repente ele escutou um zunido à sua esquerda e um calormano caiu no chão. Logo a seguir, um novo zunido, e desta vez foi o sátiro quem tombou.

– Muito bem, irmãzinha! Bravo! – gritou Tirian. E então o inimigo avançou contra eles.

Eustáquio nunca soube dizer o que se passou nos dois minutos seguintes. Foi tudo como um pesadelo (daqueles que a gente tem quando está queimando de febre), até que ele escutou a voz de Rishda Tarcaã gritando lá longe:

– Recuem! Voltem aqui e formem fila de novo!

Aos poucos, Eustáquio foi recuperando os sentidos e viu os calormanos disparando de volta para perto dos companheiros. Mas nem todos. Dois deles estavam mortos, um traspassado pelo corno de Precioso e o outro pela espada de Tirian. A raposa jazia morta aos pés de Eustáquio, sem que este soubesse dizer

ao certo se fora ele ou não quem a matara. O touro também estava morto, com uma flecha de Jill espetada num olho e um lado estraçalhado pelas presas do javali.

Do lado de cá, no entanto, também havia perdas. Três cães estavam mortos e um quarto vinha mais atrás, ganindo e manquejando sobre três pernas. O urso jazia no chão, mal conseguindo se mover. Na sua voz rouca, murmurou aturdido diante do fim: “Eu… eu não… compreendo…”; pousou a enorme cabeça sobre a grama, tão suavemente quanto uma criança que adormece, e nunca mais se mexeu.

De fato, o primeiro ataque havia falhado. Eustáquio nem parecia alegrar-se com isso, pois estava com uma sede terrível e seu braço doía muito.

À medida que os calormanos derrotados voltavam para perto do seu comandante, os anões começaram a zombar deles:

– E então, morenos, estão satisfeitos? – debochavam, em coro. – Não gostaram, não é? Por que é que o seu poderoso tarcaã não vem lutar ele mesmo, em vez de empurrar vocês para a morte? Pobres morenos!

– Anões! – esbravejou Tirian. – Venham para cá e usem as espadas em vez da língua! Ainda é tempo! Anões de Nárnia, sei que vocês sabem lutar muito bem! Onde está a sua lealdade?

– Bah! – escarneciam os anões. – Nem pense nisso! Vocês são tão embusteiros quanto essa outra cambada! Não queremos rei nenhum. Vivam os anões! Buuuuu!!!

Nesse instante, os tambores começaram: não o tamborilar típico dos anões, mas um grande e surdo rufar de tambores calormanos, que as crianças detestaram logo de saída: *bum! bum! bum-bum-bum!!!* E o teriam detestado muito mais se soubessem o seu significado. Tirian sabia. Significava que, em algum lugar nos arredores, havia outras tropas calormanas e que Rishda Tarcaã as chamava em seu auxílio. Tirian e Precioso se entreolharam, desanimados. Já tinham alguma esperança de sair vencedores naquela noite. Agora, porém, se chegassem reforços para o inimigo, seria o seu fim.

O rei olhou à sua volta, desesperado. Vários narnianos estavam do lado dos calormanos, fosse por traição ou por terem realmente medo de Tashlam. Outros limitavam-se a observar quietos, pasmos, sem se decidir por nenhum dos lados. Os animais, entretanto, já eram bem menos: o grupo era muito menor. Muitos, aliás, haviam escapulido de mansinho durante o combate.

Bum! bum! bum-bum-bum!!!, ouvia-se o apavorante rufar dos tambores. De repente, um barulho diferente começou a misturar-se ao dos tambores.

– Escutem! – disse Precioso, e logo acrescentou: – Vejam!

Um minuto mais tarde já não havia mais dúvidas quanto ao que se passava. Com um estrondo de cascos, as cabeças altivamente atiradas para trás, as ventas dilatadas e as crinas agitadas ao vento, um verdadeiro batalhão de cavalos falantes de Nárnia disparava colina acima. Os roedores haviam cumprido sua missão.

Poggin e as crianças abriram a boca para saudá-los, mas a saudação nem lhes chegou aos lábios. De repente o ar se encheu do som de arcos zunindo e de flechas sibilando. Eram os anões que atiravam – e (no primeiro instante, Jill mal podia acreditar nos próprios olhos), o que é pior, atiravam contra os cavalos. Os anões são arqueiros mortais. Um após outro, os cavalos foram rolando ao chão. Nem um sequer daqueles nobres animais chegou a alcançar o rei.

– Porquinhos miseráveis! – estourou Eustáquio, tremendo de raiva. – Gentinha imunda, nojenta, brutinhos traidores!

– Senhor, quer que eu corra atrás daqueles anões e espete uns dez de cada vez com o meu chifre? – disse Precioso, fora de si.

O rei, porém, cujo rosto estava rígido como uma rocha, respondeu:

– Calma, Precioso! E você, minha querida (referia-se a Jill), se vai mesmo chorar, vire o rosto para o lado e cuide para não molhar a corda do arco. Você, Eustáquio, controle-se e não fique aí xingando feito um moleque de rua! Um guerreiro nunca diz palavrões. Palavras corteses e golpes duros são sua única linguagem.

Entrementes, os anões começaram a debochar de Eustáquio:

– Pegamos você de surpresa, não foi, garotinho? Pensava que estávamos do seu lado, hein? Nem se iluda! Não queremos saber de cavalos falantes! Para nós tanto faz ganharem vocês ou a outra corja. Vocês não nos enganam! Vivam os anões!

Rishda Tarcaã continuava parado, conversando com seus homens, provavelmente combinando tudo para o próximo ataque e, quem sabe, lamentando não ter mandado a tropa inteira logo da primeira vez. Os tambores continuavam a rufar. Então, para o seu desespero, Tirian e os amigos escutaram, bem fraquinho, como se viesse de muito longe, um rufar de tambores em resposta. Uma outra turma de calormanos captara o pedido de socorro de Rishda e estava vindo em seu auxílio. O rosto de Tirian, porém, não deixava entrever o mínimo sinal de que houvesse perdido as esperanças.

– Escutem – disse ele, com uma voz de quem não está muito preocupado –, é melhor atacarmos agora, antes que esses canalhas recebam reforços de seus amigos.

– Senhor – disse Poggin –, é bom levarmos em consideração que, aqui, temos

às nossas costas a parede do estábulo. Não acha que, se avançarmos, eles tentarão nos rodear, separando-nos uns dos outros com as suas lanças?

– Concordo, anão – respondeu Tirian. – Mas não acha que é justamente isso que eles querem, encurralar-nos para entrarmos no estábulo? Quanto mais longe ficarmos daquela porta maldita, melhor.

– O rei tem razão – disse Sagaz. – Para longe desse maldito estábulo e seja lá o que for que está lá dentro… E a todo custo!

– Isso mesmo – disse Eustáquio. – Só de olhar para ele, já fico com raiva.

– Bom – falou Tirian. – Agora olhem lá adiante, à nossa esquerda. Estão vendo aquele rochedo bem grande que, à luz da fogueira, parece branco como mármore? Pois bem. Em primeiro lugar vamos cair em cima daqueles calormanos. Você, senhorita, fique sempre à nossa esquerda e atire o mais rápido que puder contra as fileiras inimigas. Você, Sagaz, voe direto contra os rostos deles, pela direita. Enquanto isso, atacaremos. Quando estivermos tão perto deles que não der mais para você atirar, Jill, pelo risco de nos atingir, volte correndo para o rochedo branco e espere lá. Quanto aos outros, mantenham-se alertas, mesmo enquanto estiverem lutando. Temos de dar um jeito neles em poucos minutos ou então nada feito, pois somos bem menos. Assim que eu gritar "Recuar!", corram ao encontro de Jill no rochedo branco. Assim teremos proteção à nossa retaguarda e poderemos respirar um pouco. Agora, Jill, vá!

Sentindo-se terrivelmente só, a menina saiu correndo, afastou-se uns seis metros e colocou a perna direita para trás e a esquerda para a frente, ajustando uma flecha no arco. Bem que ela gostaria que suas mãos não tremessem tanto… "Lá se vai um tiro perdido!", pensou ela, quando a primeira flecha passou raspando sobre as cabeças dos inimigos. Em um segundo, porém, já havia outra flecha no arco: ela sabia muito bem que, naquele momento, o importante era a rapidez. Avistou alguma coisa grande e preta arremetendo contra os rostos dos calormanos: era Sagaz. Primeiro um homem, depois mais um, deixou cair a espada, levantando as mãos para defender os olhos. Então uma das flechas de Jill atingiu um deles e uma outra atingiu um lobo narniano que, ao que parecia, juntara-se ao inimigo. Contudo, apenas alguns minutos após ter começado a disparar, ela teve de parar. Com um flamejar de espadas e o brilho das presas do javali e do corno de Precioso, e entre o ruidoso latido dos cães, Tirian e sua turma avançaram contra o inimigo, como se fossem corredores disputando uma corrida de cem metros.

Jill surpreendeu-se com a falta de preparo demonstrada pelos calormanos. Nem se deu conta de que isso era fruto do trabalho feito por ela e pela águia. Não é nada fácil continuar olhando atentamente para a frente quando se está

sendo atacado por flechas no rosto, de um lado, e por bicadas de uma águia, do outro.

– Isso! Bem feito! Bem feito! – gritava Jill.

A turma do rei avançava direto para o meio do campo inimigo. O unicórnio atirava homens para todo lado, como quem atira feno com um forcado. Até mesmo Eustáquio (pensava Jill, que, para dizer a verdade, não entendia lá muito bem de esgrima) parecia estar lutando de maneira brilhante. Os cães investiam contra a garganta dos calormanos. Estava dando tudo certo! Finalmente, estavam vencendo.

Com um profundo calafrio, Jill percebeu algo estranho: embora a cada golpe de espada dos narnianos tombassem novos calormanos, parecia que estes nunca diminuíam. De fato, agora já havia muito mais calormanos do que no início da batalha. E a cada segundo apareciam mais. Estes surgiam de todas as direções: eram novos calormanos, desta vez portando lanças. Havia tantos que ela mal conseguia enxergar seus próprios amigos. Foi então que ouviu Tirian gritar:

– Recuem! Corram para o rochedo!

O inimigo recebera reforços. Os tambores haviam cumprido sua missão.

CAPÍTULO DOZE

PELA PORTA DO ESTÁBULO



Já era para Jill ter-se escondido atrás do rochedo branco. No entanto, com a excitação de assistir ao combate, esquecera completamente esse detalhe das instruções recebidas. De repente ela se lembrou. Deu meia-volta e desatou a correr, chegando ao rochedo apenas uns segundos antes dos outros. Então, por uma questão de instantes, aconteceu de todos eles estarem de costas para o inimigo. E, ao atingirem o rochedo, todos voltaram-se de uma vez, ainda a tempo de assistir a uma cena terrível e inesperada.

Um calormano ia correndo na direção do estábulo, carregando alguma coisa que chutava e se debatia desesperadamente. Quando passou entre eles e a fogueira, conseguiram divisar claramente a forma do homem e o que ele carregava: era Eustáquio!

Tirian e o unicórnio saíram em disparada a fim de libertá-lo. O calormano, porém, já estava mais perto da porta do que eles. Assim, antes que recobrassem metade da distância, o soldado já havia atirado Eustáquio lá dentro, batendo a porta às suas costas. Atrás dele já vinham correndo uns seis outros calormanos, que formaram uma barreira no espaço aberto na frente do estábulo. Agora não havia mais chance de chegar lá.

Mesmo naquela hora, Jill lembrou-se de manter o rosto voltado para o lado, bem afastado do arco. “Ainda que eu não consiga parar de chorar, *não vou* molhar o arco!”, disse ela.

– Cuidado com as flechas! – gritou subitamente Poggin.

Todos abaixaram rapidamente a cabeça, puxando bem o elmo sobre o nariz. Os cães saíram rastejando na direção de onde vinham as flechas. Entretanto,

embora algumas tivessem passando raspando por eles, logo perceberam que o alvo era outro. Grifo e sua turma entravam novamente em ação; só que, desta vez, atiravam friamente contra os calormanos.

– Vamos lá, garotos! – gritava Grifo. – Todo mundo junto! E com cuidado! Chega de morenos por aqui! Abaixo os macacos, os reis e os leões! Vivam os anões!

Pode-se dizer o que quiser sobre os anões, mas não que são covardes. Eles bem que poderiam ter-se safado para algum lugar seguro. No entanto, preferiram ficar e matar quantos pudessem dos dois lados, exceto quando ambos eram amáveis o suficiente para matar uns aos outros, poupando-lhes trabalho. Os anões queriam Nárnia só para eles.

O que eles provavelmente não levaram em consideração era que os calormanos estavam protegidos por cotas de malha, enquanto os cavalos não tinham proteção alguma. Além disso, os calormanos tinham um líder. A voz de Rishda Tarcaã ressoou do lado de lá:

– Trinta de vocês fiquem de olho naqueles tolos lá perto do rochedo branco. Os outros venham comigo, que eu quero ensinar uma lição a esses vermezinhos!

Tirian e seus amigos, ainda arquejando da luta e gratos por aqueles poucos minutos de descanso, ficaram parados, olhando, enquanto o tarcaã e seus comandados investiam contra os anões.

A cena era um tanto estranha. A fogueira, quase apagada, pouco iluminava, produzindo apenas um clarão avermelhado. Até onde se podia ver, a clareira das reuniões estava agora vazia, à exceção dos anões e dos calormanos. Com aquela luz, quase não dava para ver o que se passava. Pelo barulho, parecia que os anões estavam empenhados numa boa luta. Tirian conseguia distinguir a voz de Grifo soltando palavrões e, de vez em quando, a do tarcaã gritando: “Peguem todos quantos puderem, *vivos*! Quero eles *vivos*!” Mas a luta não durou muito tempo. Todos os ruídos desvaneceram. Então Jill viu o tarcaã voltar para o estábulo, seguido de onze homens arrastando onze anões amarrados. (Se os outros haviam sido mortos ou se alguns conseguiram fugir, nunca se soube.)

– Joguem-nos no santuário de Tash! – ordenou Rishda.

Os onze anões, um após o outro, foram atirados porta adentro no meio da escuridão, aos chutes e pontapés. Após fechar novamente a porta, o tarcaã fez uma reverência na direção do estábulo, dizendo:

– Ó grande Tash! Estes também são para ser queimados em vossa homenagem!

E todos os calormanos, fazendo um grande barulho com suas espadas, gritaram exclamando: “Tash! Tash! Grande Tash! Inexorável Tash!” (Agora já

não havia mais nenhum sentido em falar em Tashlam.)

O grupinho do rochedo branco assistia a tudo aquilo entre cochichos. Eles haviam encontrado um filete de água que descia pela rocha e todos beberam sofregamente: Jill, Poggin e o rei beberam com as mãos, ao passo que os animais lamberam da poça que se formava ao pé da pedra. Estavam com tanta sede que aquela lhes pareceu a bebida mais deliciosa de toda a sua vida. E beberam com tanta alegria que não conseguiam pensar em mais nada naquele momento.

– Tenho a forte impressão de que, antes do amanhecer, todos nós passaremos por aquela porta, um a um – disse Poggin. – E pela minha cabeça passam mil tipos de mortes que eu preferiria a essa…

– De fato, é uma porta repugnante – observou Tirian. – Parece até uma boca.

– Oh! – disse Jill, com voz trêmula. – Não há nada que a gente possa fazer para evitar isso?

– Não, minha querida – respondeu Precioso, acariciando-a gentilmente com o focinho. – Para nós, aquela porta pode muito bem ser a passagem para a terra de Aslam. E quem sabe até possamos cear à mesa dele hoje à noite…

Rishda Tarcaã voltou as costas para o estábulo, encaminhando-se lentamente para um ponto em frente ao rochedo branco.

– Prestai atenção – disse ele. – Se o javali, os cães e o unicórnio vierem até aqui e se renderem à minha misericórdia, suas vidas serão poupadas. O javali irá para uma jaula nos jardins do Tisroc. Os cães irão para os canis de Tashbaan. E o unicórnio, depois que eu lhe arrancar o chifre, puxará uma carroça. Agora, a águia, as crianças e aquele que foi um dia o rei de Nárnia, estes serão oferecidos a Tash hoje à noite.

A única resposta foram uns grunhidos.

– Avante, guerreiros – ordenou então o tarcaã. – Matai os animais; os humanos, porém, eu quero vivos.

Foi aí, então, que se iniciou a última batalha do último rei de Nárnia.

O que lhe tirava a esperança, sem falar no número desigual de combatentes, eram as lanças. Os calormanos que haviam estado com Manhoso quase desde o comecinho não possuíam lanças, pois tinham vindo para Nárnia sozinhos ou em duplas, fingindo ser pacíficos mercadores; por isso, naturalmente, não poderiam trazer lanças, pois uma lança não se pode esconder tão facilmente. Esses outros deveriam ter vindo mais tarde, depois que o macaco já se havia fortalecido, e por isso podiam marchar abertamente. A diferença estava toda nas lanças. Com uma lança comprida pode-se matar um javali antes que se esteja ao alcance de suas presas, ou matar um unicórnio antes que ele nos atinja com o chifre – isso se a pessoa for muito ágil e atenta. Agora aquelas lanças afiadas vinham se

aproximando de Tirian e de seus últimos amigos. Em questão de segundos já estavam lutando para defender suas vidas.

Num certo sentido, até que não foi tão ruim como se poderia imaginar. Quando se está dando o máximo de cada músculo – ora se esquivando por baixo da ponta de uma lança, ora saltando por cima, arremetendo daqui, desviando-se de lá, dando guinadas e rasteiras –, não se tem muito tempo para sentir tristeza ou cansaço. Tirian sabia que, agora, nada podia fazer pelos outros: estavam todos igualmente condenados. Viu vagamente o javali tombar ao seu lado e Precioso lutando furiosamente do outro lado. Por um canto do olho viu, de relance, um enorme calormano arrastando Jill pelos cabelos para algum canto. Agora, porém, mal dava para pensar nisso: seu único pensamento era vender a própria vida o mais caro possível. O pior de tudo era que não estava conseguindo manter a posição na qual iniciara, por detrás do rochedo branco. Quando um homem está enfrentando uma dúzia de inimigos ao mesmo tempo, deve aproveitar as mínimas chances: tem de golpear onde quer que aviste um peito ou um pescoço inimigo desprotegido. Às vezes são necessários apenas alguns golpes para nos afastar do ponto inicial. Tirian logo descobriu que estava desviando-se cada vez mais para a direita, aproximando-se do estábulo. Alguma coisa lhe dizia que havia uma boa razão para manter-se longe daquele lugar. Mas, no momento, não podia lembrar *que razão* era essa. E, de qualquer forma, nem dava mais para evitar.

De repente, tudo se tornou completamente claro. Deu-se conta de que estava lutando contra o próprio tarcaã. A fogueira (aliás, o que restava dela) estava bem à sua frente. De fato, encontrava-se bem na entrada do estábulo, pois este fora aberto e dois calormanos seguravam a porta, prontinhos para batê-la às costas de Tirian assim que ele estivesse lá dentro. Agora se lembrava de tudo; e aí percebeu que, desde o começo da luta, o inimigo vinha tentando encurralá-lo para dentro do estábulo. Tudo isso ele pensava enquanto lutava contra o tarcaã, com todas as forças possíveis.

Então ocorreu-lhe uma nova ideia. Deixando cair a espada, atirou-se para a frente com uma guinada, evitando assim o golpe da cimitarra do tarcaã, e atracou-se à cintura do inimigo com as duas mãos; depois deu um pulo para dentro do estábulo, gritando:

– Vamos! Venha você mesmo ao encontro de Tash!

Ouviu-se um barulho ensurdecedor. Assim como quando o macaco fora atirado lá para dentro, a terra estremeceu e uma luz ofuscante brilhou.

Os soldados calormanos que estavam de guarda guincharam: “Tash! Tash!”, e bateram a porta. Se Tash queria o seu capitão, ele que o tivesse agora. Eles é que

não queriam nem conversa com Tash.

Tirian ficou um instante sem saber direito onde estava, nem tampouco quem ele era. Então, passados alguns segundos, se recompôs: endireitou-se, piscou os olhos e olhou ao redor. Dentro do estábulo não era escuro como imaginava. Ao contrário, havia uma luz fortíssima: por isso é que estava piscando os olhos. Voltou-se, tentando olhar para Rishda Tarcaã; mas Rishda não estava olhando para ele. O capitão deu um longo gemido, apontando para alguma coisa; depois cobriu o rosto com as mãos e caiu pesadamente no chão. Tirian olhou na direção que ele havia apontado e então compreendeu.

Uma figura terrível vinha vindo na direção deles. Era muito menor do que a coisa que tinham visto da torre, embora fosse ainda muito mais alta que um homem. Mas era a mesma criatura. Tinha uma cabeça de abutre e quatro braços. O bico estava aberto e os olhos fumegavam. Um grasnado rouco saiu-lhe do bico:

– Rishda Tarcaã, tu me chamaste para Nárnia. Aqui estou. O que tens a dizer?

O tarcaã, porém, nem sequer ergueu o rosto do chão ou soltou uma palavra. Tremia como uma vara verde. Numa batalha ele era corajoso de verdade. Contudo, metade da sua coragem havia sumido bem mais cedo naquela noite, desde que começara a suspeitar de que poderia realmente existir um Tash de verdade. Agora, o restinho da coragem tinha ido embora.

Com um movimento brusco (igual a uma galinha quando estaca de repente para catar uma minhoca), Tash agarrou o pobre Rishda, enfiando-o entre os dois braços direitos. Depois virou a cabeça para o lado fixando Tirian com um dos seus pavorosos olhos: pois, naturalmente, como tinha cabeça de ave, não podia olhar direto para ninguém.

No mesmo instante, porém, forte e tranquila como um mar de verão, ouviu-se uma voz soar por detrás dele:

– Suma daqui, monstro! Volte para o seu lugar e carregue o que por direito lhe pertence! Em nome de Aslam e do Grande Pai de Aslam, o Imperador-de-Além-Mar!

A horrenda criatura evaporou, ainda com o tarcaã debaixo do braço. Tirian voltou-se para ver quem havia falado. E o que viu fez seu coração disparar e bater como nunca havia batido em qualquer batalha.

Sete reis e rainhas estavam parados à sua frente, todos eles com coroas na cabeça e vestes resplandecentes; os reis, porém, usavam também finas cotas de malha e empunhavam espadas. Tirian inclinou-se, numa reverência, e já ia falando quando a mais jovem das rainhas desatou a rir. Ele a encarou firmemente e, de súbito, prendeu a respiração, atônito, pois a conhecia. Era Jill! Não como

ele a vira pela última vez, com o rosto todo sujo e manchado de lágrimas, usando um velho vestido de brim com um ombro meio de fora. Agora parecia calma e bem-disposta, limpa e fresca como quem acaba de tomar um banho. E primeiro achou que ela parecia mais velha, mas depois achou que não – e nunca conseguiu chegar a uma conclusão quanto a isso. Depois viu que o rei mais jovem era Eustáquio: mas este também estava diferente, assim como Jill.

Subitamente Tirian sentiu-se embaraçado por encontrar-se ali, no meio daquelas pessoas, ainda todo empoeirado, suado e sujo de sangue da batalha. Naquele momento, porém, notou que já não se encontrava mais naquele estado. Estava fresco, limpo, bem-disposto e trajado como se fosse para ir a uma grande festa em Cair Paravel. (A propósito, em Nárnia, as roupas boas não eram desconfortáveis como muitas que a gente usa. Os narnianos sabiam fazer roupas que eram bonitas e, ao mesmo tempo, deixavam a gente bem à vontade: nada de tecido engomado, sapatos apertados e ternos fechados, com gravatas e essas coisas.)

– Senhor – disse Jill, adiantando-se e fazendo uma bela cortesia –, deixe-me apresentá-lo a Pedro, o Grande Rei sobre todos os reis de Nárnia.

Tirian nem precisou perguntar qual deles era Pedro, pois lembrava-se bem do rosto que vira em seu sonho (se bem que, agora, parecesse muito mais nobre). Deu um passo à frente, dobrou-se sobre um dos joelhos e beijou a mão de Pedro.

– Majestade – disse ele. – Seja muito bem-vindo.

E Sua Majestade fê-lo levantar-se e beijou-lhe as faces, como convinha a um grande rei. Depois conduziu-o até a mais velha das rainhas (que, mesmo assim, não parecia velha, pois não tinha cabelos brancos na cabeça nem rugas na face), dizendo:

– Senhor, esta é Lady Polly, que veio a Nárnia no Primeiro Dia, quando Aslam fez as árvores crescerem e os animais falarem. – Em seguida conduziu-o para perto de um homem cuja barba dourada descia-lhe pelo peito e cuja expressão era cheia de sabedoria.

– Este aqui – disse – é Lorde Digory, que estava com ela naquele dia. E este é o meu irmão, rei Edmundo. E esta é minha irmã, rainha Lúcia.

– Senhor – disse Tirian, após saudar a todos –, a não ser que eu tenha entendido mal as crônicas, deve haver mais alguém. Vossa Majestade não tem duas irmãs? Onde está a rainha Susana?

– Minha irmã Susana – respondeu Pedro, breve e gravemente – já não é mais amiga de Nárnia.

– É verdade – completou Eustáquio. – E cada vez que se tenta conversar com ela sobre Nárnia ou fazer qualquer coisa que se refira a Nárnia, ela diz: “Mas que

memória extraordinária vocês têm! Continuam no mundo da fantasia, pensando nessas brincadeiras tolas que a gente fazia quando era criança!”

– Essa Susana! – disse Jill. – Agora só pensa em *lingeries*, maquilagens e compromissos sociais. Aliás, ela sempre foi louquinha para ser gente grande.

– Gente grande, pois sim! – disse Lady Polly. – Gostaria que ela crescesse de verdade. Quando estava na escola, passava o tempo todo desejando ter a idade que tem agora, e agora vai passar o resto da vida tentando *ficar* nessa idade. Tudo em que ela pensa é correr para atingir a idade mais boba da vida o mais depressa possível e depois parar aí o máximo que puder.

– Está bem, não vamos mais falar sobre isso agora – interveio Pedro. – Vejam! Ali há umas árvores com frutas muito apetitosas. Por que não provamos algumas?

Então, pela primeira vez, Tirian olhou à sua volta e percebeu quão fantástica estava sendo essa sua aventura.

CAPÍTULO TREZE

OS ANÕES NÃO SE DEIXAM TAPEAR



Tirian pensara – ou pelo menos teria pensado, se tivesse tido tempo para isso – que eles se encontravam dentro de uma pequena cabana de palha medindo uns quatro metros de comprimento por dois de largura. Na realidade, porém, estavam pisando na grama, tendo ao alto um profundo céu azul, e a brisa que soprava suavemente nas suas faces lembrava um dia de início de verão. Não muito longe deles erguia-se um bosque de árvores de folhas muito espessas, por baixo das quais se via o dourado ou o amarelo-pálido, o roxo ou o vermelho vivo de frutas nunca vistas neste nosso mundo. Ao avistar as frutas, Tirian teve a impressão de que já era outono. Mas havia alguma coisa no ar que lhe dizia que poderia ser, no máximo, o comecinho do verão. Todos começaram a caminhar na direção das árvores.

Cada um deles ergueu a mão para apanhar a fruta que mais lhe apetecia, e então todos pararam por um instante. As frutas eram tão lindas que todos tiveram o mesmo pensamento: “Estas frutas não são para mim… Certamente não podemos colhê-las!”

– Tudo bem – disse Pedro. – Eu sei o que todos estão pensando. Mas tenho certeza, absoluta certeza, de que não precisamos nos preocupar. Tenho a impressão de que nós chegamos àquele país onde tudo é permitido.

– Pois, então, mãos à obra! – disse Eustáquio. E todos começaram a comer.

E o gosto das frutas? Infelizmente, sabor não se descreve. Só posso dizer que, comparado àquelas frutas, o pêssego mais polpudo e fresquinho não teria gosto algum; a laranja mais suculenta pareceria seca; a pera mais macia, daquelas de derreter na boca, ainda seria dura e fibrosa; e o abacaxi mais docinho e maduro seria azedo. E elas não tinham sementes, nem pedras, nem vespas. Depois de se

provar uma fruta daquelas uma única vez, a sobremesa mais deliciosa do mundo inteiro teria gosto de remédio. Mas não dá mesmo para descrever. O único jeito de se saber como elas são é ir até esse lugar e experimentá-las.

Depois de comerem até se fartar, Eustáquio disse ao rei Pedro:

– Você ainda não nos contou como chegaram até aqui. Quando estava começando a nos dizer, o rei Tirian apareceu.

– Não há muito o que contar – respondeu Pedro. – Edmundo e eu estávamos em pé na estação quando vimos o trem de vocês chegando. Lembro-me de ter achado que ele estava fazendo a curva rápido demais. Outra coisa de que me lembro é que pensei como seria divertido se por acaso todo o nosso pessoal estivesse no mesmo trem.

– *Seu pessoal*, Grande Rei? – estranhou Tirian.

– É, meu pai e minha mãe, de Lúcia e de Edmundo…

– E por que isso? – interrompeu Jill. – Não vai me dizer que eles sabem alguma coisa sobre Nárnia?!

– Oh, não! Isso nada tinha a ver com Nárnia. Eles estavam de viagem para Bristol. A única coisa que sabia é que iriam naquela manhã. Mas Edmundo disse que era bem provável que eles estivessem naquele trem. (Edmundo era o tipo de pessoa que entende de viagens de trem.)

– E daí, o que aconteceu? – perguntou Jill.

– Bem, não é assim tão fácil de descrever, não é, Edmundo?

– Não muito – respondeu Edmundo. – Não foi nada parecido com aquela vez em que fomos atirados para fora do nosso próprio mundo por mágica. Houve um pavoroso estrondo e alguma coisa me atingiu violentamente; mas não doeu. Acho que, mais do que assustado, eu fiquei… bem, fiquei excitado. E então aconteceu uma coisa fantástica. Eu estava com um joelho machucado, por causa de uma partida de futebol. De repente notei que a ferida tinha sumido. E daí eu me senti muito leve. E depois… Bem, aqui estamos nós.

– Foi exatamente isso o que aconteceu com a gente dentro do trem – disse Lorde Digory, limpando os últimos resíduos de fruta da sua barba dourada. – Só que eu acho que você e eu, Polly, sentimos principalmente que o nosso corpo foi rejuvenescido. Vocês, jovens, não compreendem isso. Mas deixamos de nos sentir velhos.

– Jovens, pois sim! – exclamou Jill. – Como se aqui vocês dois fossem muito mais velhos do que nós!

– Bem, pelo menos é*ramos* – disse Lady Polly.

– E depois que chegaram aqui, o que aconteceu? – perguntou Eustáquio.

– Bem – respondeu Pedro. – Durante um bom tempo (pelo menos me pareceu muito tempo) nada aconteceu. Depois a porta se abriu…

– A porta? Que porta? – perguntou Tirian.

– A porta por onde você entrou… ou saiu, sei lá… Já se esqueceu?

– Mas, onde está ela?

– Veja! – disse Pedro, apontando.

Tirian olhou e viu a coisa mais estranha e ridícula que se possa imaginar. A apenas alguns metros de distância, completamente visível à luz do sol, erguia-se uma porta de madeira e, ao redor dela, o umbral – nada mais, nem paredes, nem telhado, nada. Atônito, Tirian encaminhou-se para lá, seguido pelos outros, que ficaram olhando para ver o que ele ia fazer. Tirian deu a volta para o outro lado da porta. Do lado de lá, era justamente a mesma coisa: ele ainda estava ao ar livre, em uma manhã de verão. A porta simplesmente erguia-se sozinha, como se tivesse crescido ali, igual a uma árvore.

– Meu caro senhor – disse ele ao Grande Rei –, isto é simplesmente espantoso!

– É a porta por onde você passou com aquele calormano há poucos minutos – disse Pedro, sorrindo.

– Mas eu passei da floresta para dentro do estábulo, não foi? Esta porta, no entanto, parece ir de nenhum lugar para lugar algum!

– É o que parece se você ficar aí a rodeá-la – disse Pedro. – Agora, dê uma espiadinha ali por aquela fresta que há entre as duas tábuas de madeira.

Tirian encostou o olho no buraco. A princípio, nada conseguiu ver além da escuridão. Mas, depois que seus olhos foram se acostumando ao escuro, ele divisou a luz fraca e avermelhada de uma fogueira que estava quase se apagando. Lá em cima via-se um céu negro coberto de estrelas. Depois percebeu uns vultos que se moviam para lá e para cá, e havia outros em pé entre ele e a fogueira. Dava para ouvi-los conversando: pareciam vozes de calormanos. Então se deu conta de que estava olhando através da porta do estábulo, para fora, na escuridão do Ermo do Lampião, onde se dera sua última batalha. Os homens estavam discutindo se deveriam entrar no estábulo à procura de Rishda Tarcaã (nenhum deles, no entanto, estava disposto a fazer isso), ou se seria melhor atiçar fogo à cabana.

Tirian olhou à sua volta mais uma vez e mal pôde acreditar no que via. Acima de sua cabeça havia um céu muito azul; à sua frente um imenso gramado espalhava-se em todas as direções, até onde a vista alcançava; e, ao redor, seus novos amigos, todos sorrindo.

– Quer dizer, então – disse Tirian para si mesmo –, que o estábulo visto por

dentro e o estábulo visto por fora são dois lugares completamente diferentes?

– É verdade – disse Lorde Digory. – Por dentro ele é maior do que por fora.

– Isso mesmo – disse a rainha Lúcia. – No nosso mundo também já aconteceu uma vez que, dentro de um certo estábulo, havia uma coisa que era muito maior que o nosso mundo inteiro.

Era a primeira vez que ela falava, e, pela vibração da sua voz, Tirian logo imaginou a razão. Ela estava muito mais embevecida com tudo aquilo do que qualquer um dos outros. Até aquele momento estivera feliz demais para falar. Tirian queria ouvir a voz dela de novo, por isso disse:

– Por gentileza, senhorita, conte-nos. Conte-me toda a sua aventura.

– Depois do choque e do estardalhaço – disse Lúcia –, nos encontramos aqui. E ficamos aturdidos com a porta, assim como você. Então ela se abriu pela primeira vez (e tudo o que vimos foi a escuridão), deixando passar um homenzarrão com uma espada desembainhada. Pelos braços dava para ver que era um calormano. Ele se postou ao lado da porta com a espada erguida, pousada sobre o ombro, pronto para decepar o primeiro que entrasse. Fomos ao seu encontro e falamos com ele, mas nem sequer pareceu notar a nossa presença. Não se voltou uma única vez para contemplar o céu, a luz do sol ou o gramado; até parecia que nem enxergava nada disso. Ficamos então esperando, durante um bom tempo. Até que ouvimos a tranca abrir-se mais uma vez do outro lado da porta. Mas, enquanto o homem não viu quem vinha vindo, não se dispôs a usar a espada. Por isso imaginamos que ele fora instruído para atacar uns e poupar outros. Porém, no momento em que a porta se abriu, nada mais, nada menos que o próprio Tash apareceu do lado de cá da porta, sem que nenhum de nós soubesse de onde ele surgira. E pela porta entrou um enorme gato. Assim que viu Tash, ele disparou para fora, tentando salvar a pele – e bem a tempo, pois Tash arremeteu-se contra ele e a porta bateu-lhe no bico, ao se fechar. Só então o guarda enxergou Tash. Imediatamente ficou muito pálido e prostrou-se aos pés do monstro, mas este se desvaneceu.

– Depois disso, esperamos de novo por mais algum tempo. Finalmente a porta abriu-se pela terceira vez e entrou um jovem calormano. Gostei dele. O homem que estava à porta ficou atônito, e pareceu muito surpreso ao vê-lo. Tenho a impressão de que esperava ver alguém completamente diferente…

– Agora entendi tudo! – disse Eustáquio (ele tinha a péssima mania de interromper quando alguém estava falando). – O gato era quem deveria entrar primeiro, e o sentinela tinha ordens para não lhe fazer mal algum. Depois o gato deveria sair e dizer que havia visto o abominável Tash, fingindo estar apavorado, a fim de assustar todos os animais. Mas o que Manhoso jamais poderia suspeitar

é que o verdadeiro Tash acabasse aparecendo; e então Ruivo saiu *realmente* apavorado. Depois disso, Manhoso deve ter resolvido mandar entrar alguém de quem queria se ver livre, para que o sentinela o matasse. E depois…

– Meu amigo – disse Tirian, com brandura. – Você está atrapalhando a narração da senhorita.

– Bem – continuou Lúcia –, o sentinela ficou surpreso. Isso deu ao homem o tempo necessário para colocar-se em guarda. Os dois lutaram e o jovem matou o sentinela, atirando-o porta afora. Então encaminhou-se lentamente para onde estávamos. Ele conseguia ver a gente e tudo o mais à sua volta. Tentamos falar-lhe, mas ele parecia estar em transe. Ficava só dizendo: "Tash, Tash, onde está Tash? Quero ver Tash!" Então desistimos e ele saiu andando por aí, desaparecendo por aquelas bandas. Gostei dele! Depois disso… Argh! (E aqui Lúcia fez uma careta.)

– Então – disse Edmundo –, alguém arremessou um macaco porta adentro. E aí Tash apareceu de novo. Minha irmã tem o coração muito mole e por isso não quer contar que Tash devorou o macaco de uma só bicada.

– Bem feito para ele! – vibrou Eustáquio. – Para aprender a não brincar com Tash!

– Então – continuou Edmundo –, apareceram uns doze anões. E depois Jill, Eustáquio e, finalmente, você, Tirian.

– Tomara que Tash tenha devorado os anões também! – disse Eustáquio. – Aqueles porquinhos imundos!

– Não, não devorou – disse Lúcia. – E não seja tão repugnante! Eles ainda estão por aí. Na verdade, dá para vê-los daqui. Já fiz várias tentativas de fazer amizade com eles, mas não adianta.

– Fazer amizade com eles?! – vociferou Eustáquio. – Se você soubesse tudo que esses anões fizeram!

– Pare com isso, Eustáquio! – disse Lúcia. – Venha cá, vamos vê-los. Rei Tirian, quem sabe você consegue alguma coisa com eles.

– Bem, não ando lá muito amante de anões hoje – respondeu Tirian. – Mas a pedido seu, senhorita, faria muito mais do que isso.

Eles acompanharam Lúcia e logo todos avistaram os anões. O comportamento deles era muito estranho. Não estavam andando à toa ou se divertindo (embora as cordas com que haviam sido amarrados parecessem ter-se evaporado), nem mesmo deitados ou descansando. Pelo contrário, estavam sentados bem pertinho uns dos outros, formando um círculo apertado, um de cara para o outro. Nunca olhavam ao redor, nem sequer pareceram notar os humanos à sua volta, a não ser quando Lúcia e Tirian chegaram tão pertinho

deles que dava para tocá-los. Então todos os anões sacudiram a cabeça como se não conseguissem ver ninguém, mas estivessem escutando atentamente e tentando adivinhar pelos ruídos o que se passava.

– Ei, cuidado! – disse um deles, numa voz azeda. – Por que não olham por onde andam? Não caminhem por cima da gente!

– Tá bom, tá bom! – disse Eustáquio, irritado. – Não somos cegos. Nossos olhos funcionam muito bem.

– Pois devem ser mesmo muito bons para enxergar aqui dentro! – disse o mesmo anão, cujo nome era Ranzinza.

– Aqui onde? – perguntou Edmundo.

– Ora, seu tapado, *aqui dentro*, é claro! – respondeu Ranzinza. – Aqui neste buraco deste estábulo fedorento, apertado e escuro como breu.

– Você está cego? – perguntou Edmundo.

– E quem não fica cego nesta escuridão? – resmungou Ranzinza.

– Mas aqui não está escuro coisa nenhuma, seus anõezinhos estúpidos! – disse Lúcia. – Será que não percebem? Vamos, levantem o rosto! Olhem ao seu redor! Será que não veem o céu, as árvores e as flores? Vocês não estão *me* vendo?

– Ora, vá tapear outro! Como é que eu posso ver uma coisa que não existe? E como é que eu posso vê-la (ou você a mim) nesta escuridão de breu?

– Mas eu *estou* vendo você! – disse Lúcia. – Quer que eu prove? Você está com um cachimbo na boca.

– Qualquer um que conheça cheiro de tabaco poderia dizer isso – replicou Ranzinza.

– Pobrezinhos! Que coisa terrível! – exclamou Lúcia. Então ela teve uma ideia. Saiu e colheu algumas violetas silvestres.

– Escutem aqui, anões – disse ela. – Embora seus olhos estejam com algum problema, quem sabe o nariz esteja funcionando bem. Que cheiro é este?

Ela inclinou-se e aproximou do narigão de Ranzinza as flores frescas, ainda úmidas de orvalho. Entretanto, teve de dar um pulo para trás a fim de evitar um soco do punhozinho pesado do anão.

– Mas que ousadia! – berrou ele. – Onde já se viu me passar um monte de palha imunda na cara?! E, ainda por cima, cheio de carrapicho! Parece a gororoba de vocês! Afinal, quem é você?

– Seu verme! – interveio Tirian. – Ela é a rainha Lúcia, enviada para cá por Aslam, vinda de um passado longínquo. E é só por amor a ela que eu, Tirian, seu leal rei, não lhes arranco a cabeça dos ombros, seus traidores, provada e

comprovadamente traidores!

– Mas isso é o cúmulo! – exclamou Ranzinza. – Você ainda continua insistindo nessa baboseira toda? Seu maravilhoso Leão não veio lhe dar uma mãozinha, hein? Eu sabia! E, ainda assim, mesmo depois de ter sido derrotado e enfiado aqui neste buraco escuro, igualzinho a qualquer um de nós, você ainda insiste nesse velho jogo?! E agora me aparece com uma nova mentira, não é? Tentando fazer a gente acreditar que ninguém aqui está trancado e que não está escuro, e sabe-se lá o que mais…

– Não existe buraco escuro coisa nenhuma, a não ser na sua própria cabeça, seu imbecil – berrou Tirian. – Saia daí, vamos! – E, inclinando-se para a frente, Tirian agarrou Ranzinza pelo cinto e o capuz, arrancando-o de perto dos outros anões e colocando-o bem longe. Mas, assim que tocou o chão, Ranzinza disparou de volta para o mesmo lugar no meio dos outros, esfregando o nariz e gritando:

– Ui! Ui! Por que você fez isso? Me atirou de cabeça contra a parede! Por pouco não me quebrou o nariz!

– Oh, não! – disse Lúcia. – O que vamos fazer com eles?

– Deixe-os para lá! – disse Eustáquio. Mas enquanto ele falava a terra estremeceu. A doce atmosfera tornou-se ainda mais doce e um clarão brilhou ao lado deles. Todos se voltaram. O último a se virar foi Tirian, porque estava com medo. Ali estava o anseio de seu coração, enorme e real: o Leão dourado, o próprio Aslam. Os outros já se encontravam ajoelhados em círculo em volta de suas patas dianteiras, com as mãos e o rosto enterrados na sua juba, enquanto ele abaixava a cabeçorra para afagá-los com a língua. Então fixou os olhos em Tirian, que se aproximou, tremendo, e atirou-se aos pés do Leão. Este o beijou, dizendo:

– Muito bem, último dos reis de Nárnia, que permaneceu firme até na hora mais escura!

– Aslam – disse Lúcia, entre lágrimas –, será que você não podia… por favor… faça algo por estes pobres anões…

– Minha querida – disse Aslam –, vou mostrar-lhe tanto o que eu posso quanto o que eu não posso fazer.

Aproximando-se dos anões, Aslam deu um leve rugido: leve, mas mesmo assim fez o ar vibrar. Os anões, porém, disseram uns aos outros:

– Escutaram só? Deve ser a turma do outro lado do estábulo. Estão tentando nos assustar. Devem ter feito esse barulho com algum tipo de máquina. Não vamos nem dar bola. Desta vez não nos enganam mais.

Aslam ergueu a cabeça e sacudiu a juba. No mesmo instante, um maravilhoso

banquete apareceu aos pés dos anões: tortas, assados, aves, pavês, sorvetes e, na mão direita de cada um, uma taça de excelente vinho. Mas de nada adiantou. Eles começaram a comer e a beber com a maior sofreguidão, mas notava-se claramente que nem sabiam direito o que estavam degustando. Pensavam estar comendo e bebendo apenas coisas ordinárias, dessas que se encontram em qualquer estrebaria. Um deles disse que estava comendo capim; outro falou que tinha arranjado um pedaço de nabo velho; e um terceiro disse que havia achado uma folha de repolho cru. E levavam aos lábios taças douradas com rico vinho tinto, dizendo:

– Puáá́á! Muito bonito! Beber água suja, tirada do cocho de um jumento! Nunca pensei que chegássemos a tanto!

Mas logo cada anão começou a desconfiar de que o outro havia conseguido algo melhor que ele, e daí começaram a se agarrar e a discutir, e a briga foi ficando cada vez mais feia, até que, em poucos minutos, todos estavam engalfinhados numa verdadeira luta livre, e todas aquelas iguarias espalharam-se por seus rostos e roupas e esparramaram-se pelo chão. Mas quando finalmente se sentaram de novo, cada qual esfregando seu olho roxo ou o nariz sangrando, começaram a dizer:

– Bem, pelo menos aqui não há nenhuma trapaça. Não deixamos ninguém nos levar no bico. Vivam os anões!

– Viram só? – disse Aslam. – Eles não nos deixarão ajudá-los. Preferem a astúcia à crença. Embora a prisão deles esteja unicamente em suas próprias mentes, eles continuam lá. E têm tanto medo de serem ludibriados de novo que não conseguem livrar-se. Mas, venham comigo, meus filhos. Tenho um outro trabalho a fazer.

Aslam dirigiu-se para a porta, seguido de todo o grupo. Então levantou a cabeça e rosnou:

– O tempo é chegado. Agora! Tempo! – E depois rosnou mais alto. – Tempo! – E depois tão alto que até as estrelas estremeceram: – TEMPO!

Então a porta se abriu.

CAPÍTULO CATORZE

CAI A NOITE SOBRE NÁRNIA



Todos pararam em pé, à direita de Aslam, e olharam através da porta aberta.

A fogueira havia se apagado. Tudo na terra era completa escuridão: se não fosse pela escura silhueta das árvores sob o brilho das estrelas, nem dava para saber que ali havia uma floresta. Quando Aslam deu um novo rugido, uma outra mancha negra surgiu à esquerda deles. Quer dizer, uma outra sombra apareceu onde não havia estrelas, e foi subindo e ficando cada vez mais alta, até que assumiu a forma de um homem, o mais imenso dos gigantes. Todos conheciam Nárnia o bastante para imaginar onde ele deveria estar pisando: nos altos pântanos que se estendiam para o Norte, depois do rio Veloz. Então Jill e Eustáquio lembraram-se de que certa vez, muito tempo atrás, nos subterrâneos daqueles pântanos, tinham visto um enorme gigante adormecido; e alguém lhes contara, na ocasião, que o nome dele era Pai Tempo e que acordaria no dia em que o mundo acabasse.

– Sim – disse Aslam, embora nenhum deles tivesse falado qualquer coisa. – Enquanto ele dormia, seu nome era Tempo. Mas, agora que acordou, vai ganhar um novo nome.

Então o gigante levou à boca uma trombeta. Sabiam disso porque a silhueta dele contra as estrelas mudara de formato. Depois disso – mas só um pouquinho, já que o som se propaga mais devagar –, ouviram o som da trombeta, alto e terrível, se bem que de uma beleza estranha e fatal.

Imediatamente o céu ficou cheio de estrelas cadentes. Uma única estrela cadente já é algo lindo de se ver. Desta vez, porém, eram dúzias delas, e depois um monte, e depois centenas, até que mais parecia uma chuva de prata – e assim continuou, aumentando cada vez mais. Quando finalmente o espetáculo parou

por um instante, alguém do grupo teve a impressão de que uma nova sombra aparecera no céu, assim como a do gigante. Agora, porém, era num lugar diferente, lá em cima, bem no “teto” do céu, por assim dizer. “Talvez seja só uma nuvem”, pensou Edmundo. De qualquer forma, naquele ponto do céu não havia estrelas, só escuridão. Entrementes, em todo lugar à volta o espetáculo de estrelas continuava. Então a mancha sem estrelas começou a crescer, espalhando-se cada vez mais, a partir do centro do céu. Agora já um quarto de todo o céu estava escuro, e depois a metade, e finalmente só se via a chuva de estrelas cadentes, lá embaixo, na linha do horizonte.

Com um misto de espanto e terror, todos subitamente estremeceram ao se darem conta do que estava realmente acontecendo. A escuridão que se propagava não era nuvem coisa nenhuma: era simplesmente um vazio. A parte negra do céu era o lugar onde já não havia mais estrelas. Todas elas estavam caindo. Aslam as chamara de volta para casa.

Os derradeiros instantes que antecederam o fim da chuva de estrelas foram muito emocionantes. Estrelas começaram a cair ao redor deles. Naquele mundo, no entanto, as estrelas não são essas grandes bolas incandescentes do nosso mundo. Lá elas são pessoas (Edmundo e Lúcia já haviam encontrado uma, certa vez). Portanto, eles se viram rodeados de pessoas resplandecentes, todas elas com longos cabelos que pareciam prata em chama e com lanças como que de metal branco ardente, precipitando-se do céu negro na direção deles, mais velozes do que raios. Elas sibilavam ao bater no chão, queimando a grama. E todas aquelas estrelas que passavam voando por eles iam ficando de pé em algum lugar mais atrás, um pouco à direita.

Ainda bem, pois, do contrário, agora que já não havia mais uma única estrela brilhando no céu, tudo estaria completamente escuro e não daria mais para ver coisa alguma. E assim a multidão de estrelas atrás deles emitia uma fortíssima luz esbranquiçada, que refletia por cima de seus ombros. Eles podiam ver quilômetros e quilômetros de florestas narnianas estendidas à sua frente, como se fossem iluminadas por potentes holofotes. Cada moita e quase cada folhinha de grama deixava atrás de si uma sombra negra. Cada folha destacava-se tão afiada e com tanta nitidez, que se tinha a impressão de que se poderia cortar o dedo caso se tocasse nelas.

A própria sombra deles projetava-se na grama à sua frente. Mas impressionante mesmo era a sombra de Aslam. Esta espalhava-se à sua esquerda, enorme e assustadora. E tudo isso se passava sob um céu que, a partir de agora, nunca mais teria nenhuma estrela.

A luz que vinha de detrás deles (e um pouco para a direita) era tão forte que

chegava a iluminar até mesmo as encostas dos pântanos do Norte. Lá, alguma coisa estava se movendo. Animais enormes vinham descendo em direção a Nárnia, rastejando ou deslizando vagarosamente: eram dragões imensos, lagartos gigantes, pássaros sem penas com asas de morcego. Desapareceram no meio da mata e, durante alguns minutos, só houve silêncio. Depois (a princípio muito distante) ouviram-se gemidos, e então, vindos de todas as direções, um roçar, um bater de patas e um farfalhar de asas. E vinham se aproximando cada vez mais. Logo tornou-se possível distinguir entre o ruído de pezinhos miúdos e o barulho surdo de grandes patas, entre o clac-clac de patinhas leves e o trovejar de cascos graúdos. Em seguida, milhares de pares de olhos brilharam na escuridão. Finalmente, saindo da sombra das árvores e correndo vertiginosamente colina acima para salvar a vida, aos milhares e aos milhões, surgiram criaturas de todos os tipos: animais falantes, anões, sátiros, faunos, gigantes, calormanos, homens da Arquelândia, monópodes e até estranhos seres sobrenaturais, vindos das Ilhas Solitárias ou das terras desconhecidas do Ocidente. Todos corriam em disparada rumo ao portal onde se encontrava Aslam.

De toda a aventura, essa foi a única parte que mais pareceu um sonho, naquele momento, e a mais difícil de ser lembrada mais tarde. Especialmente, ninguém podia dizer quanto tempo durara. Às vezes tinha-se a impressão de que durara apenas alguns minutos, mas outras vezes parecia que se haviam passado anos e anos. É óbvio que, a menos que a porta tivesse se tornado imensamente maior, ou que as criaturas subitamente tivessem diminuído ao tamanho de mosquitos, uma multidão daquelas jamais teria sequer tentado passar por ela. Naquele momento, porém, ninguém pensou nisso.

As criaturas precipitaram-se para a porta e, à medida que se aproximavam das estrelas ali paradas, seus olhos tornavam-se cada vez mais brilhantes. Ao chegarem perto de Aslam, no entanto, uma entre duas coisas se passava com cada uma delas. Todas olhavam direto para a face do Leão (aliás, acho que nem havia alternativa). Quando algumas olhavam, a expressão de seus rostos mudava terrivelmente, com uma mistura de temor e ódio, exceto na cara dos animais falantes: nestes, tanto temor quanto ódio duravam apenas uma fração de segundos, pois, na mesma hora, deixavam de ser animais falantes, tornando-se simples animais comuns. E todas as criaturas que olhavam para Aslam daquele jeito desviavam-se para a direita (isto é, à esquerda dele), desaparecendo no meio da sua imensa sombra negra, que (como já lhes disse) se espraiava para a esquerda, do lado de fora do portal. As crianças nunca mais viram essas criaturas. Não sei o que se passou com elas. Outras, porém, olhavam para a face de Aslam e o amavam, embora algumas ficassem ao mesmo tempo muito

assustadas. E todas essas criaturas entravam pela Porta, colocando-se ao lado direito de Aslam. Entre estas havia também alguns seres meio estranhos. Eustáquio até reconheceu um dos anões que haviam ajudado a atirar nos cavalos falantes. Mas ele nem teve tempo de pensar nisso (e, de qualquer forma, não era mesmo da sua conta), pois a grande alegria que o invadia impedia-o de pensar em qualquer coisa desse tipo. Entre as felizes criaturas que agora se reuniam ao redor de Tirian e de seus amigos, encontravam-se todos aqueles que ele julgara estarem mortos. Lá estavam o centauro Passofirme, o unicórnio Precioso, o bondoso javali, o querido urso, a águia Sagaz e os queridos cães e cavalos, sem contar o anão Poggin.

– Avançar! Para a frente e para cima!

Quem gritou foi Passofirme, que disparou ruidosamente a galope rumo ao Ocidente. E embora ninguém o tivesse entendido, foi como se aquelas palavras fizessem tilintar tudo à volta deles. Ao escutá-las, o javali grunhiu alegremente. O urso já ia abrindo a boca para dizer que ainda não estava compreendendo nada, quando seus olhos bateram nas árvores frutíferas bem atrás deles. Saiu gingando para o pomar o mais depressa possível e lá, com certeza, encontrou algo de que ele entendia muito bem. Os cães, porém, continuaram ali, abanando as caudas, como também Poggin, que cumprimentava todo mundo com um enorme sorriso no rosto bondoso. Precioso recostou a cabeça alva como a neve no ombro do rei, que lhe cochichou alguma coisa ao ouvido. Então todos voltaram novamente para a Porta, para ver o que se passava do lado de lá.

Agora os dragões e os lagartos gigantes haviam se apoderado de Nárnia. Iam de um lado para outro, arrancando as árvores pelas raízes e devorando-as como se fossem moitas de capim. Em poucos minutos as florestas haviam desaparecido. A terra inteira ficou completamente exposta, deixando à mostra cada elevação, cada concavidade, cada buraquinho, na forma mais nua e grotesca que se poderia imaginar. A grama secou. Tirian viu-se contemplando um mundo de rochas despidas e terra vazia. Mal se poderia acreditar que algum dia já existira vida ali. Os próprios monstros começaram a envelhecer e cair ao chão, mortos. Sua carne secou e os ossos apareceram. Logo não passavam de gigantescos esqueletos atirados aqui e acolá sobre pedras mortas, como se tivessem morrido há milhares de anos. Durante um longo tempo tudo ficou em silêncio.

Finalmente, alguma coisa branca – uma longa linha plana de brancura, que brilhava à luz das estrelas que ali estavam – começou a mover-se na direção deles, vindo do fim do mundo, do lado do Oriente. Um estranho ruído quebrou o silêncio: a princípio era um murmúrio, depois um trovejar distante e, por fim, um

grande estardalhaço. E então eles viram que aquilo que se aproximava com tanta rapidez era uma coluna espumejante de água. O mar estava inundando a terra. Naquele mundo despido de árvores dava para ver muito bem. Todos os rios foram ficando cada vez mais largos e os lagos tornando-se maiores; os lagos separados juntaram-se num só, os vales transformaram-se em novos lagos, os montes viraram ilhas e estas também finalmente desapareceram. Os altos pântanos à esquerda deles e as montanhas mais altas, à direita, desintegraram-se com um barulho ensurdecedor no meio da água que se avolumava. A água veio jorrando aos borbotões até bem pertinho da entrada da Porta (mas sem nunca ultrapassá-la), tão perto que espirrava espuma nas patas dianteiras de Aslam. Agora, tudo era uma só extensão de água, desde onde eles se encontravam até o ponto onde a água encontrava o céu.

Então, lá longe, começou a clarear. Uma faixa de tênue alvorada espalhou-se ao longo do horizonte, e foi aumentando e brilhando cada vez mais, até que por fim mal se notava a luz das estrelas atrás deles. Afinal, o Sol apareceu. Ao vê-lo, Lorde Digory e Lady Polly se entreolharam significativamente: os dois já haviam visto, em um outro mundo, um sol moribundo; assim, na mesma hora compreenderam que aquele sol também estava morrendo. Era três vezes – vinte vezes – maior do que deveria ser e vermelho-escuro. Quando os seus raios tocaram o gigante Tempo, este também ficou vermelho; e, aos reflexos desse sol, toda aquela vastidão de águas sem praia parecia sangue.

Então a Lua apareceu, numa posição completamente errada, bem pertinho do Sol; e ela também estava vermelha. E, assim que ela surgiu, o Sol começou a lançar-lhe umas chamas enormes, como se fossem serpentinas de fogo carmesim; parecia um polvo tentando puxá-la para perto de si com seus tentáculos. E talvez tenha sido isso mesmo o que aconteceu, pois a Lua se aproximou dele, a princípio devagar, depois mais rápido e cada vez mais depressa, até que afinal as compridas chamas a envolveram totalmente e os dois se fundiram, transformando-se numa bola de fogo colossal. E daquela enorme brasa ardente começaram a pingar pedaços de fogo, que caíam no oceano levantando nuvens de vapor. Então Aslam disse:

– Que agora haja um fim!

O gigante lançou ao mar sua trombeta. Depois esticou um braço (era negro e parecia ter milhares de quilômetros de comprimento) através do céu, até que sua mão alcançou o Sol. Ele o pegou e espremeu com a mão como quem espreme uma laranja. E, no mesmo instante, fez-se total escuridão.

Todos, com exceção de Aslam, deram um pulo para trás, ao sentir o impacto do frio gelado que começou a soprar através da Porta, a qual já estava ficando

coberta de pingentes de gelo.

– Pedro, Grande Rei de Nárnia – disse Aslam. – Feche a porta.

Tiritando de frio, Pedro adiantou-se para a escuridão e empurrou a Porta. Esta se fechou ruidosamente, raspando o gelo que já avançava por baixo. Depois, um tanto desajeitado (pois no mesmo instante suas mãos tinham ficado roxas e dormentes de frio), Pedro pegou uma chave de ouro e trancou a Porta.

Eles já haviam visto bastantes coisas esquisitas através daquela Porta. O mais estranho de tudo, porém, foi quando olharam ao redor e se viram cercados pela calorosa luz do dia; acima o céu azul, flores aos seus pés e um sorriso nos olhos de Aslam. Este virou-se, rapidamente, abaixou-se ainda mais, deu uma rabanada e, estalando a cauda contra o próprio corpo, disparou zunindo como uma flecha dourada.

– Vamos! Continuem avançando! Continuem subindo! – gritou, por cima dos ombros. Mas quem poderia acompanhá-lo naquela velocidade? Eles começaram a caminhar rumo ao Ocidente, tentando acompanhá-lo.

– E assim – disse Pedro – cai a noite sobre Nárnia. O quê, Lúcia?! Não me diga que está chorando! Com Aslam à nossa frente e todo mundo aqui junto?!

– Não tente me impedir, Pedro – disse ela. – Aslam certamente não faria isso. Tenho certeza de que nada há de errado em chorar por causa de Nárnia. Pense só em quanta coisa está ali por trás daquela porta, tudo morto e congelado…

– É mesmo – disse Jill. – Eu bem que gostaria que aquilo tudo durasse para sempre. Eu sei que o nosso mundo não poderia durar, mas nunca imaginei que Nárnia pudesse acabar um dia.

– Eu vi quando Nárnia começou – disse Lorde Digory. – Mas nunca pensei que viveria o suficiente para vê-la morrer.

– Senhores – disse Tirian –, as senhoras fazem muito bem em lamentar. Eu mesmo estou chorando, vejam. Acabo de assistir à morte de minha própria mãe; pois que outro mundo, além de Nárnia, eu já conheci? Deixar de pranteá-la não seria virtude alguma, e, sim, descortesia.

Foram se afastando da Porta e também dos anões, que continuavam amontoados no seu estábulo imaginário. E, à medida que caminhavam, relembravam antigas guerras, a paz dos velhos tempos, os reis da antiguidade e todas as glórias de Nárnia. Os cães continuavam com eles. Às vezes participavam da conversa, mas não tanto, pois estavam muito ocupados correndo para cá e para lá, cheirando a grama a cada instante e com tanta intensidade que acabavam espirrando. De repente, farejaram algo que os deixou muito excitados. Começaram todos a discutir: “É, sim!” – “Não é, não!” – “Foi isso que eu acabei de dizer! Qualquer um é capaz de identificar esse cheiro.” – “Tire essa fuça daí e

deixe os outros farejarem também!”

– O que está acontecendo, primos? – perguntou Pedro.

– Um calormano, senhor – disseram vários cães ao mesmo tempo.

– Então, levem-nos até ele – disse Pedro. – Seja ele de paz ou de guerra, será bem-vindo.

Os cães saíram em disparada e pouco depois estavam de volta, correndo como se suas vidas dependessem disso e latindo bem alto para dizer que, de fato, tratava-se de um calormano. (Os cães falantes, como qualquer cão comum, comportam-se como se pensassem que o que estão fazendo no momento, seja lá o que for, é de suma importância.)

Os outros acompanharam os cães e encontraram um jovem calormano sentado debaixo de uma castanheira, ao lado de uma límpida fonte de água. Era Emeth, que se levantou de um salto e curvou-se em profunda referência.

– Senhor – disse, dirigindo-se a Pedro –, não sei se és meu amigo ou meu inimigo. De qualquer forma, é uma grande honra encontrá-lo. Como disse um poeta, “um inimigo nobre é a melhor dádiva depois de um amigo nobre”.

– Senhor – disse Pedro –, que eu saiba não há razão alguma para haver qualquer guerra entre nós.

– Diga-nos quem é você e o que lhe aconteceu – acrescentou Jill.

– Se vamos ouvir uma história, por que não tomamos um pouco de água e nos sentamos? – latiram os cães. – Estamos completamente exaustos.

– É claro que vocês ficarão exaustos se continuarem choramingando desse jeito – disse Eustáquio.

Assim os humanos sentaram-se na grama. E os cães, depois de beberem ruidosamente na fonte, sentaram-se todos empertigados, ofegando, com a língua de fora e a cabeça um pouco inclinada para um lado, prontos para escutar a história. Precioso, porém, ficou de pé, esfregando o chifre contra o flanco.

CAPÍTULO QUINZE

PARA CIMA E AVANTE!



– Ó reais guerreiros, e também vós, gentis senhoras, cuja beleza ilumina o universo! – começou o calormano. – Sabei que sou Emeth, o sétimo filho de Harpha Tarcaã, da cidade de Tashbaan, situada no Ocidente, além do deserto. Cheguei a Nárnia recentemente, junto com nove e mais outros vinte calormanos, comandados por Rishda Tarcaã. Assim que soube que deveríamos marchar contra Nárnia, enchi-me de regozijo, pois já ouvira falar muitas coisas sobre a vossa terra e grande era o meu desejo de encontrar-vos em batalha. Mas quando descobri que deveríamos ir disfarçados de mercadores (o que é um vergonhoso traje para um guerreiro e filho de tarcaã) e agir usando mentiras e artifícios, então todo o gozo me abandonou. O pior foi quando descobri que estaríamos a serviço de um macaco. E quando começaram a dizer que Tash e Aslam eram um só, então o mundo se escureceu aos meus olhos, pois desde criança eu servira a Tash, e meu grande desejo era saber mais sobre ele, se possível encontrá-lo face a face. O nome de Aslam, porém, era detestável aos meus ouvidos.

– Então, como vistes, noite após noite éramos todos convocados a reunir-nos do lado de fora daquela cabana de palha, e acendia-se a fogueira, e o macaco tirava da cabana uma coisa de quatro pernas que eu nunca conseguia ver direito. Aí todos, inclusive os animais, inclinavam-se e prestavam homenagem àquilo. Eu, porém, pensava: "O tarcaã está sendo ludibriado pelo macaco, pois aquela *coisa* que sai do estábulo não é Tash nem deus algum." Mas quando, certa vez, olhei para o rosto do tarcaã, prestando atenção a cada palavra que ele dizia ao macaco, mudei de ideia, pois percebi claramente que nem ele próprio acreditava em tudo aquilo. Foi então que compreendi que ele não acreditava em Tash, pois,

do contrário, como ousaria escarnecer dele?

– Quando me dei conta disso, fui tomado de uma fúria imensa e me perguntei por que o verdadeiro Tash não mandava cair fogo do céu para destruir tanto o macaco quanto o tarcaã. No entanto, escondi minha ira, controlei minha língua e resolvi esperar para ver como tudo acabaria. Na noite passada, porém, como alguns de vós devem saber, o macaco, em vez de exibir aquela *coisa* amarela, disse que todos que quisessem ver Tashlam (pois, a essa altura, eles já haviam juntado os dois nomes para fingir que os dois eram um só) deveriam entrar um a um na palhoça. Então disse para mim mesmo: "Sem dúvida alguma, aí vem uma nova decepção." Mas depois que o gato entrou na cabana e saiu apavorado, pensei: "Com certeza o verdadeiro Tash, a quem chamaram sem conhecer nem acreditar, veio para o meio de nós e agora vai se vingar." Embora, dentro de mim, meu coração estivesse derretido de temor perante a grandeza de Tash, ainda assim o desejo de vê-lo era mais forte. Então, com um esforço tremendo para não deixar que meus joelhos tremessem ou que meus dentes batessem, decidi encarar Tash face a face, mesmo que ele me matasse. Assim, ofereci-me para entrar no estábulo. E o tarcaã, mesmo contra a vontade, me permitiu entrar.

– Assim que passei por aquela porta, minha primeira surpresa foi que me encontrei no meio dessa grande claridade, ainda que, visto do lado de fora, o interior da cabana parecesse completamente escuro. Nem tive tempo de maravilhar-me com isso, pois no mesmo instante me vi forçado a lutar contra um dos nossos próprios homens para defender a minha vida. Assim que o vi, percebi que o macaco e o tarcaã o haviam colocado ali para matar qualquer um que entrasse e que não estivesse a par de seus planos. Esse homem, portanto, devia ser um outro mentiroso, um trapaceiro, e não um verdadeiro servo de Tash. Por isso eu o enfrentei com o maior prazer. E, após matar o vilão, atirei-o para trás de mim, porta afora.

– Depois olhei à minha volta e vi o céu e toda esta amplidão e aspirei o aroma da terra. Então disse: "Por todos os deuses, que lugar agradável! Devo ter chegado ao país de Tash." E comecei a percorrer esta estranha terra, procurando por ele.

– Passei por muita grama e muitas flores e encontrei saudáveis e deleitosas árvores de todos os tipos, até que, em um lugarzinho estreito entre dois rochedos, avistei vindo ao meu encontro um enorme Leão. Tinha a velocidade do avestruz e o tamanho do elefante; sua cabeleira era como ouro puro e o brilho de seu olhar como ouro quando arde na fornalha. Era mais temível que a Montanha Ardente de Lagur, e sua beleza superava tudo que há no mundo, mesmo a rosa em botão cuja beleza supera a areia do deserto. Então prostrei-me aos seus pés,

pensando: “Esta é certamente a hora da minha morte, pois o Leão (que é digno de toda a honra) bem saberá que, durante toda a minha vida, tenho servido a Tash e não a ele. No entanto, melhor é ver o Leão e depois morrer do que ser Tisroc do mundo inteiro e viver sem nunca havê-lo encontrado.” Porém, o glorioso ser inclinou a cabeça dourada e me tocou a testa com a língua, dizendo: “Filho, sê bem-vindo!” Mas eu repliquei: “Ai de mim, Senhor! Não sou filho teu, mas, sim, um servo de Tash!” “Criança”, continuou ele, “todo o serviço que tens prestado a Tash, eu o considero como serviço prestado a mim.” Então, tão grande era o meu anseio por sabedoria e conhecimento, que venci o temor e resolvi indagar o glorioso ser: “Senhor, é verdade, então, como disse o macaco, que tu e Tash sois um só?” O Leão deu um rugido tão forte que a terra tremeu (sua ira, porém, não era contra mim), dizendo: “É mentira! Não porque ele e eu sejamos um, mas por sermos o oposto um do outro é que tomo para mim os serviços que tens prestado a ele. Pois eu e ele somos tão diferentes, que nenhum serviço que seja vil pode ser prestado a mim, e nada que não seja vil pode ser feito para ele. Portanto, se qualquer homem jurar em nome de Tash e guardar o juramento por amor a sua palavra, na verdade jurou em meu nome, mesmo sem saber, e eu é que o recompensarei. E se algum homem cometer alguma crueldade em meu nome, então, embora tenha pronunciado o nome de Aslam, é a Tash que está servindo, e é Tash quem aceita suas obras. Compreendes isto, filho meu?” Eu respondi: “Senhor, tu sabes o quanto eu compreendo.” E, constrangido pela verdade, acrescentei: “Mesmo assim, tenho aspirado por Tash todos os dias da minha vida.” “Amado”, falou o glorioso ser, “não fora o teu anseio por mim, não terias aspirado tão intensamente, nem por tanto tempo. Pois todos encontram o que realmente procuram.”

– Depois ele soprou sobre mim e fez cessar todo o tremor do meu corpo, firmando-me outra vez sobre os meus pés. Após isso, não disse mais muita coisa, a não ser que voltaríamos a nos encontrar e que eu deveria seguir sempre para a frente e sempre para cima. Então voltou-se como uma tempestuosa rajada de ouro e subitamente desapareceu.

– E desde então, ó reis e damas, ando perambulando à procura dele, e minha felicidade é tão imensa que até me enfraquece como uma ferida. E a maravilha das maravilhas é ter ele me chamado de *amado* – a mim, que não passo de um cão…

– Epa! Que estória é essa?! – exclamou um dos cães.

– Senhor – desculpou-se Emeth –, é apenas uma forma de dizer usada na Calormânia.

– Bem, para dizer a verdade, ela não me agrada nem um pouquinho –

resmungou o cachorro.

– Ele não quis ofender ninguém – disse um cão mais idoso. – Afinal de contas, lá em casa chamamos nossos filhotes de *meninos* quando não se comportam direito…

– Nós também chamamos – disse o primeiro cachorro. – Ou de *meninas*…

– Psiu!!! – disse o velho cão. – Isso não é jeito de falar. Lembre-se de onde você está!

– Olhem! – disse Jill, de repente.

Alguém vinha vindo, meio timidamente, ao encontro deles. Era uma criatura graciosa, de quatro patas e cor cinza-prateada. Todos a fitaram, boquiabertos, durante alguns instantes, até que cinco ou seis vozes exclamaram ao mesmo tempo: "É o velho Confuso!" Eles nunca o haviam visto à luz do dia, sem a pele de leão, e isso fazia uma grande diferença. Agora era ele mesmo: um bonito jumento de pelo tão cinzento e macio, e com uma expressão tão honesta e bondosa, que se você o tivesse visto teria feito exatamente o que Lúcia e Jill fizeram: saíram correndo ao encontro dele e lançaram os braços em volta de seu pescoço, beijando-lhe o focinho e afagando-lhe as orelhas.

Quando perguntaram por onde tinha andado, Confuso disse que havia entrado pela porta junto com todas as criaturas, mas que… Bem, para dizer a verdade, vinha evitando encontrá-los o máximo possível, e especialmente evitando encontrar Aslam. A visão do verdadeiro Aslam o deixara com tanta vergonha de toda aquela bobagem de se vestir com uma pele de leão, que ele nem sabia onde meter a cara. Mas, ao ver todos os seus amigos seguirem rumo ao Ocidente, pegou umas boas bocadas de capim ("Nunca provei capim tão gostoso em toda a minha vida!", declarou Confuso), encheu-se de coragem e decidiu acompanhá-los.

– Agora, o que vou fazer se tiver mesmo que encontrar Aslam, isso eu garanto que não sei… – acrescentou.

– Quando o encontrar vai estar tudo bem, você vai ver – disse a rainha Lúcia.

Então seguiram todos juntos, sempre para o Oeste, pois esta parecia ser a direção indicada por Aslam quando ele gritou: "Continuem avançando! Continuem subindo!"

Havia muitas outras criaturas movendo-se na mesma direção. No entanto, como aquela terra era um imenso gramado, não havia aglomerações. Parecia ser ainda muito cedo e sentia-se no ar a frescura da manhã. De vez em quando paravam para olhar ao redor ou então para trás – em parte porque tudo era incrivelmente lindo, mas em parte também porque havia ali alguma coisa que não conseguiam compreender.

– Pedro – disse Lúcia –, que lugar é este? Você tem alguma ideia?

– Não sei – respondeu o Grande Rei. – Ele me faz lembrar alguma coisa, mas não consigo saber o quê. Não seria algum lugar onde estivemos de férias alguma vez, quando éramos bem pequenos?

– Se foi, deve ter sido um feriado muito agradável – disse Eustáquio. – Aposto que, no nosso mundo, não existe um lugar como este. Vejam só que cores! No nosso mundo não dá nem para imaginar um azul igual ao azul daquelas montanhas.

– Será que não é o país de Aslam? – disse Tirian.

– Mas não é como o país de Aslam lá no topo daquela montanha, além do extremo oriental – disse Jill. – Lá eu já estive.

– Se querem saber – disse Edmundo –, isto aqui lembra algum lugar de Nárnia. Vejam aquelas montanhas ali na frente. E aquelas outras, enormes e cobertas de gelo, lá mais adiante. Não se parecem com as montanhas que se viam lá de Nárnia, aquelas que ficavam para o lado do Ocidente, depois da cachoeira?

– É, parecem mesmo – concordou Pedro. – Só que estas são maiores.

– Aquelas ali eu não acho parecidas com coisa alguma de Nárnia – disse Lúcia. – Mas olhem acolá! (Ela apontou para o Sul, à esquerda deles; todos pararam e viraram-se para olhar.) Aquelas colinas, lá, cobertas de florestas, e aquelas azuis, lá atrás… Não são iguaizinhas às da extremidade sul de Nárnia?

– I-guai-zi-nhas! – exclamou Edmundo, após um momento de silêncio. – Puxa, são exatamente iguais! Vejam! Lá está o Monte Piro, com seu cume bifurcado, e depois o desfiladeiro que vai dar na Arquelândia e tudo o mais.

– E ainda assim não é a mesma coisa – disse Lúcia. – É tudo diferente. Tudo é muito mais cheio de cores e parece muito mais longe do que eu recordava, e os montes são mais… mais… Oh! Não sei explicar!

– Muito mais reais – opinou Lorde Digory, baixinho.

De repente, Sagaz abriu as asas e saiu voando. Planou no ar a uns dez ou doze metros de altura, voou em círculos e depois pousou no chão novamente.

– Reis e rainhas – exclamou –, estávamos todos cegos! Estamos apenas começando a perceber onde nos encontramos. De lá de cima dá para enxergar tudo: o Espelho d'Água, o Dique dos Castores, o Grande Rio, e Cair Paravel ainda resplandecendo às margens do Mar Oriental. Nárnia não morreu. Isto aqui é Nárnia!

– Mas como?! – disse Pedro. – Aslam disse que nós, os mais velhos, nunca mais regressaríamos a Nárnia; e aqui estamos nós!

– Isso mesmo – concordou Eustáquio. – E vimos tudo ser destruído e o sol se apagar.

– E tudo é tão diferente! – acrescentou Lúcia.

– A águia tem razão – disse Lorde Digory. – Ouça, Pedro. Quando Aslam disse que vocês nunca mais poderiam voltar a Nárnia, ele se referia à Nárnia em que vocês estavam pensando. Aquela, porém, não era a verdadeira Nárnia. Ela teve um começo e um fim. Era apenas uma sombra, uma cópia da verdadeira Nárnia que sempre existiu e sempre existirá aqui, da mesma forma que o nosso mundo é apenas uma sombra ou uma cópia de algo do verdadeiro mundo de Aslam. Lúcia, você não precisa prantear Nárnia. Todas as criaturas queridas, tudo o que importava da velha Nárnia foi trazido aqui para a verdadeira Nárnia, através daquela Porta. Tudo é diferente, sim; tão diferente quanto uma coisa real difere de sua sombra, ou como a vida real difere de um sonho.

Enquanto ele falava essas palavras, sua voz fez todo mundo estremecer, como ao som de uma trombeta. Mas quando ele acrescentou: “Está tudo em Platão, tudo em Platão… Caramba! Gostaria de saber o que essas crianças aprendem na escola!”, os mais velhos desataram a rir. Era exatamente isso que ele costumava dizer muito tempo atrás, naquele outro mundo, onde sua barba era grisalha em vez de dourada. Ele sabia por que eles estavam rindo, por isso começou a rir também. Mas não tardaram a ficar sérios de novo, pois, como você sabe, existe um certo tipo de felicidade e assombro que faz a gente ficar séria. É bom demais para se estragar com piadinhas.

É tão difícil explicar a diferença entre essa terra ensolarada e a antiga Nárnia, quanto dizer que gosto tinham as frutas daquele país. Talvez você consiga ter alguma ideia se pensar no seguinte: faça de conta que está em uma sala cuja janela dá para uma bonita baía, ou para um vale verdinho que se perde de vista entre as montanhas. Na parede oposta à janela existe um grande espelho. Agora olhe pela janela. Ao se voltar, você se depara com a mesma vista do mar ou do vale no espelho. E, no espelho, o mar ou o vale são, num certo sentido, exatamente a mesma coisa que os reais. Ao mesmo tempo, porém, existe algo diferente: são mais vivos, mais maravilhosos, mais parecidos com os lugares de uma história que você, apesar de jamais ter ouvido, gostaria muitíssimo de escutar. Pois bem: a diferença entre a Nárnia antiga e a nova era algo assim. Os campos da nova Nárnia eram muito mais vivos: cada rocha, cada flor, cada folhinha de grama parecia ter um significado ainda maior. Não há como descrevê-la: se algum dia você chegar lá, então compreenderá o que quero dizer.

Foi o unicórnio quem resumiu o que todos estavam sentindo. Cravou a pata dianteira no chão, relinchando, e depois exclamou:

– Finalmente voltei para casa! Este, sim, é o meu verdadeiro lar! Aqui é o meu lugar. É esta a terra pela qual tenho aspirado a vida inteira, embora até agora não a conhecesse. A razão por que amávamos a antiga Nárnia é que ela, às vezes, se parecia um pouquinho com isto aqui. – E acrescentou, soltando um longo relincho: – Avancemos! Continuemos subindo!

Então sacudiu a crina e partiu a todo galope – um galope de unicórnio, que, se fosse em nosso mundo, o teria feito desaparecer em pouquíssimo tempo. Mas foi aí que aconteceu a coisa mais estranha. Todos os outros começaram a correr também e, para sua própria surpresa, descobriram que conseguiam acompanhá-lo – não somente os cães e os humanos, mas também o gorducho Confuso e até o anão Poggin, com suas perninhas curtas. O vento golpeava-lhes o rosto como se estivessem viajando em alta velocidade em um carro sem para-brisas. Os campos passavam voando como se fossem vistos das janelas de um trem-bala. E, embora corressem cada vez mais rápido, ninguém sentia calor, nem cansaço, nem ficava sem fôlego.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ADEUS ÀS TERRAS SOMBRIAS



Acho que, se a gente pudesse correr sem nunca se cansar, nunca mais iria querer parar. Mas às vezes existem razões muito especiais para se parar. E foi por um motivo especial que Eustáquio gritou, a certa altura:

– Cuidado, pessoal! Vejam para onde estamos indo!

E fez muito bem. Logo à frente deles estava o Lago do Caldeirão e, mais adiante, os altos, íngremes e inescaláveis penhascos, dos quais desabavam toneladas e toneladas de água a cada segundo: em alguns lugares, brilhando como diamantes; em outros, parecendo vidro verde. Era a grande cachoeira, cujo barulho ensurdecedor já lhes chegava aos ouvidos.

– Não parem! Continuem avançando! Não desanimem!

Mal se ouvia a voz do unicórnio, tal era o trovejar da água. E, no momento seguinte, todos o viram precipitar-se nas águas do lago. Logo atrás dele, esguichando água para todo lado, os outros fizeram o mesmo.

A água não estava fria de doer como todos (principalmente Confuso) esperavam: ao contrário, parecia uma espuma fresquinha e deliciosa. E logo todos perceberam que estavam nadando direto ao encontro da catarata.

– Isto é uma loucura total! – disse Eustáquio a Edmundo.

– Eu sei. Mesmo assim… – respondeu ele.

– Não é maravilhoso? – exclamou Lúcia. – Vocês já notaram que não dá para ficar com medo, mesmo que se queira? Experimentem!

– Caramba! É mesmo! – disse Eustáquio, depois de tentar.

O primeiro a chegar ao pé da cascata foi Precioso, seguido logo atrás por Tirian. A última foi Jill, por isso ela pôde ver tudo muito melhor que os outros.

Avistou uma coisa branca movendo-se cachoeira acima. Era o unicórnio. Não dava para dizer se ele estava nadando ou escalando, mas continuava subindo, subindo, cada vez mais alto. A ponta de seu chifre repartia a água acima de sua cabeça, fazendo-a jorrar como duas cataratas, refletindo as cores do arco-íris em volta de suas espáduas. Logo atrás dele vinha o rei Tirian, que movia os braços e as pernas como se estivesse nadando, mas seguindo direto para cima, como quem sobe nadando as paredes de uma casa.

Os mais engraçados eram os cães. Durante toda a corrida não haviam perdido o fôlego uma única vez. Agora, porém, à medida que ziguezagueavam cachoeira acima, só se ouviam espirros e era uma bulha tremenda à sua volta. Acontece que continuavam latindo, e cada vez que o faziam ficavam com a boca e o focinho cheios de água. Antes, porém, que Jill tivesse tempo de prestar muita atenção a esses detalhes, viu-se ela própria subindo pela cachoeira. Era o tipo de coisa que seria completamente impossível de acontecer no nosso mundo. Mesmo que não se afogasse, a gente acabaria toda estraçalhada lá embaixo, esmagada pelo peso terrível das águas contra os incontáveis entalhes dos penhascos. Mas naquele mundo, não. Você continuava subindo, subindo, com luzes de todo tipo refletindo sobre você e toda sorte de pedras coloridas resplandecendo através da água (como se você estivesse escalando a própria luz) – e isso cada vez mais para cima, até que a sensação de altura o deixasse apavorado (se isso fosse possível), e então era gloriosamente excitante.

Finalmente, chegaram à agradável e suave curva verde de onde a água despencava rochedo abaixo e descobriram que estavam sobre a superfície do rio, acima da cachoeira. A correnteza continuava às suas costas; eles, porém, como exímios nadadores, simplesmente seguiam nadando contra a correnteza. Em pouco tempo, todos estavam na margem, ensopados mas felizes.

Um imenso vale estendia-se à sua frente, e grandes montanhas nevadas, agora muito mais próximas, erguiam-se contra o céu.

– Continuem avançando! Mais para cima e mais para dentro! – exclamou Precioso. Num instante estavam todos a caminho novamente.

Encontravam-se agora fora de Nárnia, em pleno deserto ocidental, numa região que nem Tirian, nem Pedro, nem mesmo a águia jamais haviam visto antes. Lorde Digory e Lady Polly, porém, já haviam estado lá. “Você se lembra? Você se lembra?”, diziam de vez em quando um ao outro, numa voz firme que não revelava o mínimo sinal de cansaço, embora o grupo inteiro estivesse agora correndo mais rápido que uma flecha.

– O quê, senhor?! – disse Tirian. – Então é mesmo verdade, como dizem as lendas, que vocês dois estiveram aqui exatamente no dia em que o mundo foi

criado?

– É verdade – respondeu Digory. – E para mim é como se tivesse sido ainda ontem.

– E isso num cavalo voador? – indagou Tirian. – Isso também é verdade?

– Certamente – disse Lorde Digory.

Os cães, entretanto, começaram a latir: “Rápido! Rápido! Mais rápido!”

Assim, aceleraram o passo, cada vez mais depressa, a tal ponto que mais pareciam estar voando que correndo; nem mesmo a águia, que os sobrevoava, parecia estar indo mais rápido que eles. E passaram por vales sinuosos, um após o outro, escalaram encostas escarpadas de enormes precipícios e, cada vez mais velozes, desceram pelo outro lado, seguindo o rio e às vezes atravessando-o. Deslizaram por lagos sobre as montanhas como lanchas-voadoras, até que, finalmente, na extremidade mais distante de um lago cujas águas pareciam turquesa, chegaram a uma montanha verde e plana. Seus lados eram tão íngremes quanto os lados de uma pirâmide, e bem no topo, e ao redor dele, havia uma muralha verde. Acima da muralha, erguiam-se galhos de árvores cujas folhas pareciam de prata e os frutos, de ouro.

– Continuem avançando! Continuem subindo! – bradou mais uma vez o unicórnio.

Todos se precipitaram para o pé da montanha e então se viram disparando montanha acima, quase como as águas de uma onda que rebenta contra uma rocha na beira da praia. Embora o declive fosse tão íngreme quanto a parede de uma casa, e a grama tão lisa quanto uma pista de boliche, ninguém escorregava. Somente depois de atingir o topo da montanha é que diminuíram a velocidade – e isso só porque deram de cara com uns enormes portões de ouro. Por uns momentos, nenhum deles foi suficientemente corajoso para testar os portões e ver se abriam ou não. Todos tinham a mesma sensação que haviam experimentado quanto às frutas: “Será que ousamos, ou não? É certo fazer isso? Será que podemos entrar?”

Mas enquanto hesitavam, em pé, ouviu-se o som de uma grande trombeta, maravilhosamente alto e doce, vindo de alguma parte lá de dentro do jardim cercado de muros. Então os portões se escancararam.

Tirian ficou parado, com a respiração presa, imaginando quem iria aparecer. E o que apareceu foi a coisa que ele menos esperava: um pequenino e lustroso rato falante, de olhos brilhantes, trazendo um diadema com pluma vermelha na cabeça e a pata esquerda levemente pousada sobre o punho de uma comprida espada. O rato inclinou-se, numa graciosa reverência, e disse na sua vozinha estridente:

– Bem-vindos, em nome do Leão! Continuem avançando! Continuem subindo!

Então Tirian viu o rei Pedro, o rei Edmundo e a rainha Lúcia colocarem-se imediatamente de joelhos e saudarem o rato, todos exclamando: “Ripchip!” A surpresa foi tamanha que o coração de Tirian disparou, quase sem poder respirar, pois ele se deu conta de que ali, à sua frente, estava um dos grandes heróis de Nárnia: Ripchip, o Rato, que lutara na grande Batalha do Beruna e que, depois disso, navegara até o fim do mundo em companhia do rei Caspian, o Navegador. Estava ainda meio atordoado, quando sentiu dois fortes braços rodearem seus ombros e um beijo com barba tocar-lhe a face; e ouviu uma voz da qual se lembrava muito bem:

– Puxa, rapaz! Estás muito mais robusto e mais alto do que quando te abracei a última vez!

Era seu próprio pai, o bom rei Erlian. Não, porém, como Tirian o vira pela última vez, quando fora trazido para casa pálido e ferido da sua luta com o gigante, nem mesmo como o recordava nos seus últimos anos, um velho guerreiro de cabelos grisalhos. Aquele ali era o seu pai; o jovem alegre e jovial de quando Tirian não passava ainda de um menininho e com o qual brincava nos jardins do castelo de Cair Paravel, nas noites de verão, antes de ir para a cama. O mesmo cheiro de pão com leite que costumavam comer ao jantar veio-lhe outra vez à memória. Precioso pensou consigo: “Vou deixá-los conversando um pouco e ver se encontro o bom rei Rilian para cumprimentá-lo. Quantas maçãs suculentas ele me deu quando eu não passava de um potrinho!” Mas, no mesmo instante, mudou de ideia, pois à entrada do portão surgiu um cavalo tão imponente e nobre, que faria até mesmo um unicórnio sentir-se tímido na sua presença: era um enorme cavalo alado. Ele olhou um instante para Lorde Digory e Lady Polly e então relinchou:

– Priiimos! Vocês?! – Os dois exclamaram:

– Pluma! Pluma, velho de guerra! – e saíram correndo ao seu encontro para beijá-lo.

Entrementes, o Rato estava novamente apressando-os a entrar. Assim, todos transpuseram os portões dourados e ingressaram no jardim, onde os envolveu um delicioso aroma. A luz do sol mesclava-se suavemente com a sombra das árvores, e eles caminhavam sobre um relvado primaveril salpicado de florzinhas brancas. A primeira coisa que chamou a atenção de todos foi que o lugar era muito maior do que parecia, visto do lado de fora. Ninguém, contudo, teve tempo de pensar nisso, pois de todas as direções começaram a aparecer pessoas para saudar os recém-chegados.

Todo mundo que se possa imaginar (isto é, quem conhece a história desses países) parecia estar ali: a coruja Plumalume e o paulama Brejeiro; o rei Rilian com seu pai, o rei Caspian, e sua mãe, a filha da Estrela; e, bem pertinho deles, Lorde Drinian e Lorde Bern, o anão Trumpkin e o Caça-trufas, o bom texugo, bem como o centauro Ciclone e centenas de outros heróis da grande guerra da libertação.

E então, de um outro canto, surgiu o rei Cor da Arquelândia junto com seu pai, o rei Luna, e sua esposa, a rainha Aravis; com eles estavam o príncipe Corin Mão de Ferro, o cavalo Bri e a égua Huin. Em seguida apareceram, de um passado ainda mais remoto, os dois bons castores e o fauno Tumnus – o que, aos olhos de Tirian, foi a maravilha das maravilhas. E só se ouviam cumprimentos, beijos, apertos de mãos e velhas brincadeiras (vocês nem imaginam como é bom contar de novo uma velha piada, depois de uns quinhentos ou seiscentos anos!). E o grupo inteiro foi se movendo lentamente para o centro do pomar, onde a fênix estava pousada no alto de uma árvore, contemplando-os. Ao pé daquela árvore havia dois tronos e, nestes, um rei e uma rainha tão majestosos e belos que todos se inclinaram perante eles. E fizeram muito bem, pois aqueles dois eram o rei Franco e a rainha Helena, de quem descendiam todos os reis mais antigos de Nárnia e da Arquelândia. Tirian sentiu-se como você também se sentiria caso fosse trazido à presença de Adão e Eva em toda a sua glória.

Cerca de meia hora mais tarde (ou bem poderia ter sido uns cinquenta anos mais tarde, pois o tempo ali não é como o tempo aqui), Lúcia encontrava-se ao lado do fauno Tumnus, o mais antigo de seus amigos narnianos. Juntos, contemplavam, por cima do muro do jardim, a terra inteira de Nárnia estendida lá embaixo. Ao olhar lá de cima, perceberam que aquela montanha era muito mais alta do que imaginavam: descia milhares de quilômetros de reluzentes precipícios abaixo deles, e as árvores naquele mundo lá embaixo mais pareciam grãozinhos de sal verde. Lúcia virou-se outra vez para dentro e, de costas para o muro, contemplou o jardim.

– Ah! – disse afinal, pensativa. – Agora estou percebendo. Este jardim é como o estábulo. É muito maior do lado de dentro do que parece visto de fora.

– Naturalmente, Filha de Eva – disse o fauno. – Quanto mais se sobe e mais se entra, maior tudo vai ficando. O interior é muito maior que o exterior.

Depois de olhar atentamente para o jardim, Lúcia percebeu que, na verdade, aquilo não era jardim coisa nenhuma. Era, isto sim, um verdadeiro mundo, com seus próprios rios, florestas, mares e montanhas. Estes, porém, não lhe eram estranhos: ela os conhecia todos.

– Agora estou entendendo – disse ela. – Isto aqui ainda é Nárnia, e muito

mais real e formosa do que aquela Nárnia lá embaixo, da mesma forma que aquela parecia bem mais real e bonita do que a Nárnia que se via do lado de fora da porta do estábulo. Agora estou entendendo… Um mundo dentro de outro mundo, uma Nárnia dentro de uma outra Nárnia…

– Isso mesmo – concordou o fauno. – Igual a uma cebola, só que ao contrário: quanto mais para dentro, maior o anel.

Lúcia começou a olhar de um lado para outro e logo descobriu que algo novo e lindo lhe acontecera. Quando mirava alguma coisa, qualquer que fosse e por mais distante que estivesse, uma vez que fixasse firmemente os olhos, esta tornava-se perfeitamente visível e tão próxima como se ela estivesse olhando através de um telescópio. Ela enxergava perfeitamente todo o Deserto do Sul e, mais adiante, a grande cidade de Tashbaan. Olhando para o Oriente dava para ver Cair Paravel à beira do mar e até mesmo a janela do quarto que um dia havia sido seu. E lá longe, no mar, descobriu as ilhas, uma após outra, até chegar ao fim do mundo; e lá, depois do fim do mundo, a imensa montanha que costumavam chamar de País de Aslam. Agora, porém, percebia que esta fazia parte de uma grande cadeia de montanhas que formavam um anel à volta do mundo inteiro. À sua frente pareciam estar bem pertinho.

Depois ela desviou os olhos para a esquerda e viu o que lhe pareceu ser uma grande nuvem colorida, separada deles por um espaço vazio. Ao olhar com mais atenção, viu que não era nuvem alguma, e, sim, uma terra de verdade. E após fixar firmemente os olhos em um ponto específico daquela terra, exclamou, de repente:

– Pedro! Edmundo! Venham ver uma coisa! Depressa!

Eles vieram e olharam, pois seus olhos também haviam se tornado como os dela.

– Não pode ser! – exclamou Pedro. – É a Inglaterra! E olhem só a casa… a velha casa do professor, lá no campo, onde começaram todas as nossas aventuras!

– Eu pensei que aquela casa havia sido destruída – disse Edmundo.

– E foi – disse o senhor Tumnus. – Mas o que você está vendo agora é a Inglaterra dentro da Inglaterra, a verdadeira Inglaterra, do mesmo jeito que isto aqui é a verdadeira Nárnia. E naquela Inglaterra interior nada de bom pode ser destruído.

Subitamente, desviaram os olhos para outra direção, fixando-os num outro ponto. Então Pedro, Edmundo e Lúcia arregalaram os olhos, boquiabertos e perplexos, e começaram a gritar e acenar com as mãos, pois do lado de lá do grande e profundo vale avistaram seu pai e sua mãe acenando também para eles.

– Como é que vamos conseguir chegar lá? – perguntou Lúcia.

– Isso é fácil – disse o fauno. – Tanto esta terra quanto aquela (como todos os países *de verdade*) são apenas pontinhas salientes das grandes montanhas de Aslam. Só precisamos caminhar ao longo da cordilheira, subindo e descendo até que as duas terras se encontrem. Escutem! É a trombeta do rei Franco. Está na hora de subirmos, todos nós.

Logo se viram caminhando (e atrás deles uma enorme e brilhante procissão), subindo rumo a montanhas mais altas do que jamais se poderia imaginar neste mundo, mesmo que existissem e pudessem ser vistas aqui. Naquelas montanhas, porém, não havia neve: só florestas, doces pomares, cachoeiras reluzentes, uma acima da outra, subindo para sempre. E à medida que subiam, a terra por onde passavam ia se tornando cada vez mais estreita, com um vale profundo de cada lado. E, do outro lado do vale, a terra que era a verdadeira Inglaterra ia ficando mais e mais perto.

A luz adiante foi ficando cada vez mais forte, e Lúcia notou que uma infinidade de penhascos multicoloridos erguia-se à frente deles, como uma escadaria gigante. Mas então ela esqueceu de tudo o mais, pois Aslam estava chegando, descendo, saltando de um rochedo para outro como uma cascata viva de beleza e poder.

E a primeira pessoa que Aslam chamou para perto de si foi o jumento Confuso. Nunca um jumento pareceu tão bobo e sem jeito quanto Confuso ao se dirigir ao encontro de Aslam. Ao lado deste, ele mais parecia um gatinho perto de um cão são-bernardo. O Leão abaixou a cabeça e sussurrou para o jumento algo que fez murcharem suas compridas orelhas. Mas, logo em seguida, Aslam lhe disse algo que fez suas orelhas se empinarem de novo. Os humanos não conseguiam escutar coisa alguma. Então Aslam voltou-se para eles, dizendo:

– Vocês ainda não parecem tão felizes como eu gostaria.

– É que estamos com medo de ser mandados embora, Aslam! Já fomos mandados de volta ao nosso próprio mundo muitas vezes.

– Não precisam ter medo – disse o Leão. – Vocês ainda não perceberam?

Sentiram o coração pulsar forte e uma leve esperança foi crescendo dentro deles.

– Aconteceu mesmo um acidente com o trem – explicou Aslam. – Seu pai, sua mãe e todos vocês estão mortos, como se costuma dizer nas Terras Sombrias. Acabaram-se as aulas: chegaram as férias! Acabou-se o sonho: rompeu a manhã!

E, à medida que Ele falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las. Para nós, este é o fim de todas as histórias, e

podemos dizer, com absoluta certeza, que todos viveram felizes para sempre. Para eles, porém, este foi apenas o começo da verdadeira história. Toda a vida deles neste mundo e todas as suas aventuras em Nárnia haviam sido apenas a capa e a primeira página do livro. Agora, finalmente, estavam começando o Capítulo Um da Grande História que ninguém na terra jamais leu: a história que continua eternamente e na qual cada capítulo é muito melhor do que o anterior.

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título THE LAST BATTLE copyright © CS Lewis Pte Ltd 1956.

A última batalha copyright © CS Lewis Pte Ltd 1956.

As Crônicas de Nárnia®, Nárnia® e todos os títulos dos livros, personagens e lugares originais de Crônicas de Nárnia são marcas registradas de CS Lewis Pte Ltd e seu uso é expressamente proibido sem autorização.
Narnia é uma marca registrada do Reino Unido de C.S. Lewis Pte Ltd. The Chronicles of Narnia é uma marca registrada de C.S. Lewis Pte Ltd.

Copyright © C.S. Lewis Pte Ltd 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956.

Copyright das ilustrações © C.S. Lewis Pte Ltd 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956.

Ilustrações de Pauline Baynes

Copyright © 2005, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, para a presente edição.

Edição encadernada publicada em 2002

Primeira edição em brochura 2005

Quinta tiragem 2007

Segunda edição em brochura 2009

Primeira edição digital 2012

Tradução
PAULO MENDES CAMPOS
SILÊDA STEUERNAGEL (A última batalha)

Revisão da Tradução
Silvana Vieira